



## **Trabalho. As mudanças depois de 120 anos do 1º de Maio**

No dia 1 de maio de 1886, em Chicago, trabalhadores iniciaram um grande movimento pela jornada de trabalho de 8 horas. Foram massacrados. O movimento constituiu-se num momento importante na luta contra a barbárie do mundo do trabalho na sociedade industrial. A luta operária conquistou um contrato social que ajudou a civilizar, minimamente, o trabalho industrial. 120 anos depois daquele 1 de maio, o contrato social então forjado, está roto. A barbárie, no contexto do capitalismo cognitivo, assume novas dimensões que esta edição busca descrever e analisar.

As entrevistas com Leonardo Mello e Silva, da USP, Danièle Linhart do CNRS, Yann Moulier Boutang, redator-chefe da revista *Multitudes*, Ursula Huws, da Universidade Metropolitana de Londres, contribuem na descrição dos traços característicos do trabalho no mundo contemporâneo. Por sua vez, Marcio Pochmann e José Dari Krein, ambos da Unicamp, examinam a especificidade brasileira do mundo do trabalho. A entrevista com Leila de Menezes Stein, da Unesp, completa o tema de capa, considerando as mudanças do movimento sindical norte-americano.

Na elaboração desta edição, contamos com a prestímosa e importante parceria dos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba.

Esta edição, comemorativa do 120 de aniversário do Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, junta-se às muitas publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU sobre as grandes transformações do mundo do trabalho. Limitamo-nos a citar o no. 5 dos **Cadernos IHU em Formação** com o título **A crise da sociedade do trabalho**, publicado no ano passado.

Nesta semana, também iniciamos, aqui na Unisinos, a celebração dos 50 anos de **Grande Sertão: Veredas** de João Guimarães Rosa e o ciclo **História do Brasil e Cinema**.

A todas e todos um ótimo Dia do Trabalhador e da Trabalhadora e uma excelente leitura!

## **Leia nesta edição**

**Editorial** pág. 2

## **Tema de capa**

### **Entrevistas**

**Leonardo Mello e Silva:** A individualização do trabalhador pág. 4

**Daniele Linhart:** As empresas e o engajamento total dos empregados pág. 9

**Yann Moulier Boutang:** Refundar a noção de emprego e de salário pág. 11

**Ursula Huws:** A nova divisão global do trabalho pág. 17

**Marcio Pochmann:** O obstáculo para melhorar o mundo do trabalho no Brasil está na política pág. 21

**José Dari Krein:** Um pacote pontual. Uma Análise da reforma trabalhista de Lula pág. 25

**Leila de Menezes Stein:** As mudanças do movimento sindical americano pág. 29

### **Brasil em foco**

**Plínio de Arruda Sampaio jr.** "O governo Lula está entregue de corpo e alma à ordem neoliberal" pág. 32

## **Destaques da semana**

### **Entrevistas da Semana:**

**Slavoj Zizek :** "Eu creio numa universalidade de combate" pág. 37

**Gianni Vattimo:** "Necessitamos de um novo Lutero" pág. 44

### **Teologia Pública:**

**Hans Küng:** Bento XVI, um Papa da esperança? pág. 49

### **Deu nos jornais:**

pág. 55

### **Frases da Semana:**

pág. 57

## **IHU em revista**

### **Eventos**

pág. 61

### **IHU Repórter**

pág. 70

# A individualização do trabalhador

## Entrevista com Leonardo Mello e Silva

Leonardo Mello e Silva é professor do Departamento de Sociologia e membro do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (FFLCH-USP). Publicou recentemente *Trabalho em grupo e sociabilidade privada*, São Paulo: Ed. 34, 2004 e organizou, com outros colegas, a coletânea *Mudanças no trabalho e ação sindical. Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização*. São Paulo: Cortez, 2005. É graduado em Ciências Sociais pela UFF, mestre em Sociologia pela Unicamp, doutor na mesma área pela USP, com a tese *A generalização difícil: a vida breve da câmara setorial do complexo químico seguida do estudo de seus impactos em duas empresas do ramo em São Paulo*, publicado em 1999 pela Editora Annablume. cursou pós-doutorado na Université D'Evry Val D'Essone, na França.

Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, o cientista social avalia as contradições do mundo do trabalho em nossos dias. Segundo ele, “À medida que o padrão mercantil domina, o elo mais fraco encontra menos anteparos para lutar e defender-se contra as investidas patronais e empresariais. A situação de insegurança, portanto, tem uma raiz objetiva. Ela vai corroendo as defesas morais e com isso força a uma resignação do empregado”. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do dia 22 de abril. Confira a seguir a íntegra da entrevista.

### **IHU On-Line - Nos modernos métodos de gestão da força de trabalho, a novidade é o chamado “trabalho em grupo”. O senhor pode destacar as suas principais características?**

**Leonardo Mello e Silva** - O trabalho em grupo é encontrado nos chamados “novos modelos de gestão e organização do trabalho”. Até alguns anos atrás, havia três modelos produtivos que disputavam o lugar do antigo modelo dito “clássico”, que é o taylorista-fordista: o modelo sueco, o japonês e o italiano. Em todos eles, pode-se encontrar um componente mais cooperativo, ao invés da segmentação típica da divisão do trabalho taylorista.

O modelo sueco caracteriza-se pela ativação de grupos semi-autônomos; o japonês, pelos círculos de qualidade; e o italiano, pelos arranjos produtivos com alto componente profissional ou artesanal. Em

todos eles, pode-se encontrar - ao menos em tese - uma reconsideração da separação rígida entre execução e concepção, entre trabalho manual e mental (para ficar numa terminologia já antiquada). O trabalho em grupo tal como é mobilizado pelas empresas, contudo, deve mais a uma elaboração posterior, gerencial, que recorre a alguns princípios desses modelos, mas não os aplica conseqüentemente, isto é, de maneira integrada, como nos contextos nacionais em que eles surgiram. Esses modelos produtivos mencionados só são efetivos ou coerentes no interior de instituições - sindicato, Estado, cultura empresarial etc. Fora dessas formas sociais em que eles cresceram e tomaram corpo, viram uma técnica para ser aplicada aqui e ali, indiferente à história e à cultura.

Em suma, o trabalho em grupo realmente existente é uma tecnologia de grupo e,

como tal, ele tem um repertório, que é composto pelos seguintes elementos: 1) rotação dos trabalhadores pelos postos de trabalho; 2) integração de competências diferentes em um mesmo operador, tal como a tarefa propriamente dita mais a manutenção da máquina correspondente; 3) absorção ao modo operatório de funções auxiliares, como limpeza, *setup*<sup>1</sup>, *check-list*<sup>2</sup> etc.; 4) reuniões frequentes entre o grupo de trabalho a fim de discutir problemas e “gargalos” da produção; 5) modulação da jornada, a fim de se adequar à flexibilidade da demanda e da variação de modelos; 6) formação de salários que segue aquela modulação, por exemplo: bônus ou prêmios que se tornam um componente variável da renda do trabalho; 7) concorrência entre grupos, células ou times pela produtividade, tendo como incitação os prêmios ou bônus; 8) controle entre os próprios componentes do grupo, célula, ou time entre si, para evitar uma recaída da produtividade coletiva, o que também acarreta desvalorização econômica para a força de trabalho; 9) por fim, a criação de um “clima” cooperativo que facilite a responsabilidade individual com o que está sendo feito, assim como a atenção permanente com a qualidade do produto, o que está para além e para além da tarefa de um trabalhador isolado apenas, na medida em que ele deve estar integrado com a tarefa anterior e a posterior (a famosa cadeia cliente-fornecedor). Essas são as características da tecnologia de grupo. Agora, o seu funcionamento no processo de trabalho traz implicações importantes para o coletivo operário e, no limite, para a classe social.

### ***IHU On-Line* - O que é “gestão pela insegurança”, conceito que o senhor tem abordado?**

<sup>1</sup> **Setup:** é um aplicativo em modo texto que permite ativar utilitários de configuração e utilização do sistema, bem como detectar alguma configuração que esteja errada. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **Check-list:** lista de medidas básicas e itens necessários para executar alguma atividade ou tarefa. (Nota da *IHU On-Line*)

**Leonardo Mello e Silva** - A gestão pela insegurança é o efeito da desestruturação da relação salarial de tipo fordista sobre o coletivo operário em uma fábrica particular. O solapamento das antigas referências de proteção social e de programação da mobilidade, para o trabalhador, faz com que ele fique mais vulnerável às investidas gerenciais. Basta o perigo iminente da desclassificação, da dispensa ou do congelamento das possibilidades de ascensão para que as veleidades rebeldes sejam corroídas, ou pelo menos, sejam suspensas até uma conjuntura mais favorável. Esse é um dilema clássico da luta de classes. A reestruturação produtiva só fez retomar ao capital a iniciativa, deslocando as formas de proteção do estado de bem-estar e recolocando o mercado como referência suprema para o ajuste do trabalhador ao trabalho. À medida que o padrão mercantil domina, o elo mais fraco encontra menos anteparos para lutar e defender-se contra as investidas patronais e empresariais. A situação de insegurança, portanto, tem uma raiz objetiva. Ela vai corroendo as defesas morais e com isso força a uma resignação do empregado. Quando o trabalho em grupo entra em cena, fazendo cada um funcionar como vigia do próximo - cobrando prazos, ritmos e quantidades - a sensação de desamparo se amplifica porque aquilo que poderia funcionar como escape para uma situação experimentada de inferioridade e impotência - o próprio grupo, com seu companheirismo e solidariedade - vira mais um componente de pressão, e com isso ajuda a afundar o trabalhador numa individualização aparentemente sem saída. O trabalhador passa a contar apenas consigo mesmo, o que, no final das contas, não vale quase nada.

***IHU On-Line* - Em seus estudos, o senhor afirma que, cada vez mais, as relações de trabalho se orientam por uma sociabilidade privada. O senhor pode explicar melhor o que quer dizer com isso?**

**Leonardo Mello e Silva** - A sociabilidade privada é aquela que se aparta do mundo público, mundo comum, de todos os cidadãos. Objetivamente isso pode ser alcançado por duas maneiras principais: 1) com os benefícios de uma espécie de *welfare* da empresa direcionado aos seus empregados (o qual, se for bom, afasta o trabalhador da oferta desses bens por parte de instituições públicas e, portanto, de sua dependência a eles), e 2) com um sindicato de empresa. Institucionalmente, esse último não existe no Brasil, mas na prática ele já pode estar funcionando - quando o grau de subserviência do sindicato é tal que ele parece ser um apêndice dela. Esses são os vetores objetivos.

Mas há mais: na insegurança do mundo público, a empresa lança apelos de pertencimento interno, querendo construir uma espécie de “casa”, onde o seu interior compense as faltas do exterior, quer dizer, tudo é limpo, asseado, as regras são claras e seguidas por todos, há médicos, dentistas, cesta básica, quadra de futebol, enfim, o que o trabalhador não encontra na rua, no local onde mora, ele pode encontrar na empresa - se for uma grande empresa, evidentemente, e puder bancar esses benefícios sociais. Inclusive encontrei uma grande empresa farmacêutica que estimulava a contratação do casal, que é para solidificar mais ainda a idéia de “fazer em casa o que se faz na empresa”, um dos princípios do melhoramento contínuo que fazem parte do estoque da filosofia da qualidade. Há um aspecto quase “civilizatório”, eu diria, sobretudo se se trata de empresas multinacionais que encaram nossa força de trabalho como que em estágio de semibarbarie. Adicione-se a esse componente as novas formas de organização do trabalho que enfatizam o envolvimento do trabalhador, o comprometimento com a produtividade pela busca contínua de defeitos e não-conformidades, e a cooperação via trabalho em grupo, e teremos um forte constrangimento, pesando sobre o sujeito que trabalha. Essas são as linhas de força que conduzem a uma sociabilidade privada. Mas isso ainda não é tudo.

**IHU On-Line - A sociabilidade privada que orienta, cada vez mais, o modo de ser trabalhador, significa também uma alteração da subjetividade operária? É possível falar na emergência de uma nova subjetividade do trabalhador?**

**Leonardo Mello e Silva** - Respondo a essa pergunta no ponto em que parei na anterior. Quando digo que há ainda mais coisa que pode definir uma sociabilidade privada no trabalho, quero me referir ao trabalho da consciência que processa aqueles fatos sociais a que me referi acima de uma maneira a confirmá-los e a naturalizá-los. Ninguém pode ser contra a dar maior autonomia ao trabalhador, a permitir que ele discuta os objetivos (se bem que isso não seja observado na prática) - ao menos aqueles ligados ao seu trabalho mais direto - da produção em que está envolvido, que persiga a qualidade, que busque a polivalência (inclusive para sair da empresa em melhores condições de qualificação, dominando mais tarefas), ou que tenha a possibilidade de ganhar mais se produzir mais (mesmo que às expensas da saúde...). São aspectos que aparecem como progressistas, como confirmadores da individualidade, no sentido da diferenciação, ou do “individualismo qualitativo”, como dizia Simmel<sup>3</sup>.

Só que esse caminho conduz à dessolidarização de classe, que retira a sua força justamente da indiferenciação. O trabalhador gasta muito tempo em pensamentos ou reflexões que antes eram automáticos. Ele construía seu antagonismo daí. Taylor deplorava a

---

<sup>3</sup> **George Simmel**: nasceu em 1858 em Berlim, na Alemanha. Ele ocupou um lugar importante no debate alemão de 1890 até a sua morte em 1918, final da Primeira Guerra Mundial. Soube sintetizar a tradição historicista de Dilthey e o kantismo de Rickert. Seu pensamento influenciou Weber, Heidegger, Jaspers, Lukacs, a Escola de Frankfurt, entre outros. Suas obras principais são: *Diferenciação social* (1890), *Filosofia do Dinheiro* (1900) e *Questões fundamentais de sociologia* (1917). Também publicou *Filosofia da moda*. O texto pode ser encontrado em *Filosofia da Moda*, In Simmel, G., Cultura Feminina, Lisboa: Galeria Panorama, 1969 p.107-51. (Nota da *IHU On-Line*)

evasão do operário. Os novos métodos de gestão conseguem carrear essa evasão para propósitos produtivos. Não temos mais um “gorila amestrado” (como dizia Taylor), mas também não temos mais uma classe operária. Se isso desemboca em uma nova classe social ou em uma nova subjetividade operária, como você diz, penso que não. Para existir uma classe, é preciso que haja um sujeito coletivo. Ora, o que está difícil é exatamente vislumbrar esse sujeito coletivo.

### **Produtividade & conhecimento**

Sem dúvida, a sociabilidade de empresa, construída hoje nos locais de produção, conspira contra. Você pode contra-argumentar que esse movimento não é novo, que nos Estados Unidos do início do século XX era observado um movimento empresarial do tipo *welfare capitalism*, com características integradoras, e que ia inclusive num sentido contrário ao individualismo tayloriano da época. Sim, ok, mas há diferenças importantes também. O que acredito que seja distintivo na situação do capitalismo contemporâneo é que sua enorme indeterminação repousa também em uma dependência maior do que nunca do trabalho vivo, mesmo que em uma proporção diminuta. Quanto a esse ponto, Marx permanece uma referência fundamental. Quero dizer o seguinte: a produtividade hoje passa por esse elemento fluido e essencial que é o conhecimento, a informação e a antecipação que o trabalho humano é capaz de ativar em uma situação produtiva, e isso tanto mais quanto mais os processos de trabalho se tornam complexos. Isso faz a situação hoje diferente daquela do início do século XX.

**IHU On-Line - Na sua opinião, os sindicatos estão conseguindo dar respostas às rápidas mudanças em curso no mundo do trabalho?**

**Leonardo Mello e Silva** - Decididamente, não. Pelo que posso observar de longe, com base em conversas e leituras de especialistas na área, o panorama não é muito alentador para o mundo sindical. O

sindicato, inclusive aqui no Brasil, e em sua vertente que era até então a mais combativa, como é a CUT, orienta-se para setores de intervenção que não são a fábrica e a produção. Veja o caso da economia solidária, por exemplo, onde há um grande investimento da Central. Parece que eles deixaram o trabalho - e os seus problemas - de lado. Não é que não achem importante; é que não têm uma política para essas questões. Mas isso não é só aqui no Brasil, é no mundo todo.

O sindicato é uma associação que funciona para um determinado tipo de trabalho, que agrega e que cria laços comuns entre os trabalhadores com base nessa condição objetiva. Esse é o problema. Só pode haver crise de representação do mundo do trabalho porque um certo tipo de trabalho, que era a referência anterior, mudou, está se transformando. Não quero absolutamente dar conselhos ou sugestões aos sindicalistas. Respeito profundamente a sua atividade e inclusive me coloco do lado deles. Mas é preciso reconhecer o terreno. A virada em direção a um “sindicalismo cidadão” me parece uma espécie de fuga para a frente. Não toca nos problemas cruciais hoje para o mundo do trabalho. Há um problema sério de lesões por esforços repetitivos, de agravos psicológicos e de estresse que é preciso enfrentar, colocando-os como efeitos diretos da intensificação e das condições de trabalho. .

Para finalizar, gostaria de retomar uma observação que havia feito para o *CEPAT Informa*, do Paraná, recentemente, e que vai no espírito da pergunta anterior, sobre a possibilidade de emergência de uma nova subjetividade operária. Afirmo na ocasião que é preciso ser prudente em chamar reações aqui e ali como manifestações de uma “nova subjetividade” de um “novo operariado”. Tendo a achar que a crítica hoje está muito mais do lado do sujeito individual que recusa, que não participa, do que daquele que busca soluções coletivas, as quais têm se mostrado pouco eficazes ou facilmente convertidas no seu contrário (veja o exemplo da célula de produção, que apela

para a “autonomia” do trabalho e a “polivalência”... ). Esse diagnóstico não é novo. Na verdade, ele já tinha sido posto em circulação pelos teóricos críticos da chamada Escola de Frankfurt<sup>4</sup> (Marcuse<sup>5</sup>, Adorno<sup>6</sup>). Com uma diferença: a sociedade deles não é mais a nossa. A nossa é muito pior.

---

<sup>4</sup> **Escola de Frankfurt:** Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. A Escola de Frankfurt é uma escola de pensamento marxista de Sociologia, Pesquisa Social e Filosofia que abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola, podemos destacar: Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Franz Neumann, entre outros. A Escola de Frankfurt é conhecida por seu programa de desenvolver uma “teoria crítica de sociedade”. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> **Herbert Marcuse (1898-1979):** sociólogo alemão naturalizado norte-americano, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Theodor W. Adorno (1903-1969):** um dos mais importantes intelectuais alemães do século XX. Sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, ele definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico, *Dialética do Iluminismo*, escrito com Max Horkheimer, seu inseparável parceiro e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota do *IHU On-Line*)

# As empresas e o engajamento total dos empregados

## Entrevista com Daniele Linhart

“O mundo do trabalho moderno se caracteriza fundamentalmente pela sistemática individualização da gestão dos trabalhadores”. A análise é da socióloga francesa Daniele Linhart em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Ela também afirma que “as empresas pedem de seus funcionários um total engajamento em seu trabalho”. Apelando o tempo todo para um discurso sobre a guerra econômica na qual estão operando, os administradores exigem doravante a excelência que ela define em códigos de ética, deontológicos, em normas de vida”. A investida sobre a subjetividade dos empregados vai ainda mais longe: “Os administradores pedem para seus funcionários serem os militantes incondicionais da empresa, mostrando lealdade, disponibilidade, além de competência. Devem eles aceitar a mobilidade e, por isso, deixar a vida pessoal e familiar em segundo plano”. O medo de perder o emprego é uma preocupação constante. Confira essas e outras declarações na entrevista a seguir. Doutora em Sociologia, Linhart é diretora de pesquisas do Laboratório Trabalho e Mobilidade do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na Universidade de Paris X - Nanterre, França, onde leciona. No Laboratório estuda as políticas de gerenciamento e seus efeitos. Entre 1984 e 1988, desenvolveu atividades no Programa Interdisciplinar de Investigação sobre Tecnologia, Trabalho, Emprego e Modos de vida (PIRTEM) e no CNRS. Publicou diversas obras, dentre as quais *Le travail nous est compté. La construction des normes temporelles du travail*. Paris: La Découverte, 2005, *La modernisation des entreprises*. Paris: La Découverte, 2004 e *Le monde du travail*. Paris: La Découverte, 1998.

### ***IHU On-Line* - Quais são as principais características do “novo” mundo do trabalho?**

**Daniele Linhart** - O mundo do trabalho moderno se caracteriza fundamentalmente pela sistemática individualização da gestão dos trabalhadores. Na França, começou após maio de 1968 como reação à capacidade de mobilização de uma classe operária muito poderosa. O sindicato patronal francês escolheu de maneira explícita a estratégia da atomização dessa classe operária, promovendo modalidades de individualização dos horários, dos

aumentos de salário, dos princípios para as promoções e a formação etc. O que se pretendia era acabar com as comunidades de trabalhadores, marginalizar os sindicatos e promover, dentro das empresas, relações sociais mais consensuais por meio da incorporação de cada funcionário (doravante mais vulnerável) na cultura da empresa. Essa orientação estratégica foi reforçada no marco de uma globalização que está impondo uma concorrência não só de custos, mas também de qualidade e reatividade, no marco também de uma



terceirização da economia e de uma difusão sistemática de novas tecnologias. Assim se apresenta a individualização da gestão dos trabalhadores como sendo uma forma lógica de adaptação a essas mudanças. Desse modo, o trabalho moderno se caracteriza pela hibridação de lógicas tayloristas de organização do trabalho sempre em ação quando isso for possível e das formas mais autônomas e responsabilizantes de mobilização dos trabalhadores. Essa hibridação gera tensões, fortes contradições até (entre metas de qualidade e quantidade, em particular a produtividade), fonte do sofrimento e da preocupação em épocas de alto desemprego. O medo de não conseguir ficar com sua vaga é onipresente.

**IHU On-Line - Num artigo para o *Le Monde Diplomatique*, em março de 2006, a senhora afirma que, tal como organizado pelas empresas, o trabalho está funcionando atualmente sob forma de um triturador da vida pessoal. Poderia dar mais detalhes?**

**Daniele Linhart** - As empresas pedem de seus funcionários um total engajamento em seu trabalho. Apelando o tempo todo para um discurso sobre a guerra econômica na qual estão operando, os administradores exigem doravante a excelência que ela define em códigos de ética, deontológicos, em normas de vida. Os administradores pedem para seus funcionários serem os militantes incondicionais da empresa, mostrando lealdade, disponibilidade, além de competência. Devem eles aceitar a mobilidade e, por isso, deixar a vida pessoal e familiar em segundo plano. Essa deve desenvolver-se nos interstícios da vida profissional. Estamos longe do período dos Trinta Gloriosos, nome dado aos 30 anos após a Segunda Guerra Mundial, quando a França teve seu chamado milagre econômico, quando o poder dos patrões não vigorava fora da empresa (exceto o peso dos horários e do cansaço físico). Nas empresas modernas, as diretivas patronais condicionam muitíssimo a vida pessoal.

**IHU On-Line - Em outro artigo para o *Libération*, a senhora diz que o capital está procurando incorporar nas relações trabalhistas a mobilização da subjetividade dos trabalhadores. Poderia explicitar o que é essa mobilização da subjetividade?**

**Daniele Linhart** - Com base na individualização que eu acabo de mencionar, os patrões estão tentando aliciar a subjetividade de seus funcionários. As prescrições taylorianas estão menos adaptadas a um trabalho que passou por uma grande evolução e que requer maior autonomia. Tanto o trabalho industrial informatizado como o trabalho terciário tendem a tornar-se um trabalho de interação e de gerenciamento de dados, de informações, de diagnósticos, abrindo espaço para uma autonomia relativa. Essa necessária autonomia é fonte de grandes dificuldades para os patrões, por eles jamais terem certeza de que os funcionários irão aproveitá-la para aumentar a produtividade, a rentabilidade de seu trabalho. É a famosa incompletude do contrato de trabalho assalariado que faz os empregadores que compram o tempo de trabalho de seus funcionários deverem organizá-lo de maneira a rentabilizá-lo ao máximo. O taylorismo, que supostamente definia a *one best way* trazia uma resposta para essa incompletude. Já que deixou de ser suficiente, e os trabalhadores gozam de uma relativa autonomia, é preciso novamente encontrar os meios para forçá-los a ser sempre o mais eficiente possível do ponto de vista (e esse é o único ponto de vista) da empresa. Onde a necessidade de agir sobre sua subjetividade, de moldá-la, talhá-la de maneira que os trabalhadores aceitem utilizar a si próprios da maneira mais eficiente nesse espírito taylorista de economia dos custos e de máxima rentabilização da força de trabalho. Assim é que os patrões falam em gestão dos afetos, das emoções, sendo o desafio o de controlar a dimensão subjetiva dos trabalhadores dos quais eles dependem ainda mais do que outrora.

**IHU On-Line - Terá o emprego, a partir da revolução industrial, se tornado a matriz fundadora da identificação social? Na medida em que o emprego está entrando numa crise, poderia ele deixar de ser essa base de identificação? O que poderia substituí-lo?**

**Daniele Linhart** - Ter um emprego, participar do mundo do trabalho mercantil é (além da possibilidade de suprir suas necessidades materiais e participar da sociedade de consumo) ver reconhecido um lugar legítimo em nossa sociedade. É o mais potente dos vetores da socialização. Ter seu lugar no mercado de trabalho significa dotar-se de um sentimento de utilidade social, de uma imagem de si tranquilizadora para si e para os demais. É também um meio de estruturar seu tempo e de dar-lhe um significado. O tempo livre só existe em oposição às imposições da carga horária. Sem trabalho, o tempo não é livre, mas sim vazio. É a consequência da lógica de desenvolvimento capitalista que requer uma ampliação constante do mercado dos produtos e dos serviços que esvaziam progressivamente a substância de todos os outros papéis sociais que não são profissionais. Produtos e serviços mercantis cada vez mais numerosos estão ocupando o lugar das atividades sociais (os mais recentes são os serviços comerciais de ajuda dos idosos). Assim é que o vazio em torno da esfera do trabalho mercantil está se desenvolvendo e faz o trabalho remunerado tornar-se praticamente o único local de socialização e de contribuição para a vida social.

É preciso trabalhar também para participar da sociedade de consumo por meio da qual nos exprimimos e nos posicionamos. A linguagem das marcas comerciais é um fenômeno da maior importância na França, mais especialmente, entre os jovens. Por ora, é difícil viver sem emprego, tanto por motivos simbólicos, identitários, sociais, como materiais. É bem provável que quem está privado de trabalho remunerado não esteja na situação mais propícia para inovar e encontrar outras atividades suscetíveis de substituir-se ao

trabalho, pois é a vítima de uma verdadeira estigmatização social.

**IHU On-Line - Qual é a sua interpretação do Contrato do primeiro emprego (CPE) e da luta que o cerca?**

**Daniele Linhart** - No meu entender, o CPE<sup>7</sup> é uma medida destinada basicamente a garantir as melhores condições (na ótica dos empregadores) da disciplinarização do ingresso dos jovens no mundo do trabalho. Com efeito, os gestores (*managers*) querem dar-se o tempo para certificar-se de que os jovens que eles pretendem estabilizar num emprego com duração indeterminada (um CDI) integraram perfeitamente as regras de total engajamento no serviço de sua empresa. Mais além das competências e das qualificações, estão preocupados com o comportamento de seus funcionários. Aqui surge novamente a questão da mobilização da subjetividade. Essa deve estar adequada com as exigências e as necessidades da empresa na qual serão chamados para trabalhar de maneira estável. É um primeiro aspecto particularmente importante para o futuro do trabalho. Existe outro aspecto, a saber, os empregadores querem contratar somente aqueles que serão os mais rentáveis, isto é, no momento, e somente naquele momento, em que precisam deles e no momento em que esses trabalhadores estão no apogeu de seu potencial. E está fora de cogitação que direitos ou garantias sociais venham perturbar ou complicar esse desejo. Eu acho que as lutas que

<sup>7</sup> **Contrato do Primeiro Emprego:** A *IHU On-Line* vem acompanhando os debates sobre o Contrato do Primeiro Emprego, CPE. Publicamos, na edição nº175 de 10 de abril de 2006, algumas entrevistas repercutindo a crise social francesa. Entre elas citamos a de Alain Touraine, especialista em movimentos sociais e a de Emmanuel Todd, demógrafo e historiador, ambas publicadas originalmente no jornal italiano *La Repubblica*; a entrevista de Axel Honneth, publicada no periódico francês *Le Monde*; e a de Richard Sennett, sociólogo norte-americano, veiculada pelo *Liberation*. Da edição nº 176, de 17 de abril de 2006, destacamos a entrevista concedida por Marcel Gauchet ao jornal italiano *La Repubblica*. *Gauchet* é chefe redator da revista *Le Debat* e um dos principais observadores da realidade francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

acabaram, sabe-se hoje, fazendo recuar o governo visavam, sobretudo, à dimensão da discriminação: os jovens recebiam um tratamento à parte que os excluía das leis trabalhistas e precarizava ainda mais sua situação (um período de experiência de

dois anos e a possibilidade de demissão sem justa causa). O que se pode observar, entretanto, é a conscientização pelos jovens da necessidade de preservar seus direitos diante o avanço do liberalismo.

## Refundar a noção de emprego e de salário

### Entrevista com Yann Moulier Boutang



Yann Moulier Boutang é economista e político francês. Participou ativamente do movimento de 1968. Em 1973 encontrou Antonio Negri, de quem permanece parceiro intelectual. Em 1974, cria a revista *Camaradas*, que sucede a *Materiais* e desenvolve os temas da autonomia operária, conceito adotado então na Itália por militantes procedentes do operariado (*Autonomia Operária*). *Camaradas* é um dos primeiros grupos do movimento autônomo na França.

Após a autodissolução da revista *Camaradas*, Boutang participa de 1979 a 1981 do Centro Internacional para Novos Espaços de Liberdade (CINEL), uma iniciativa de Félix Guattari. Atualmente é redator chefe da revista *Multitudes*.

De sua vasta produção intelectual, destacamos: *Des entreprises pas comme les autres : Benetton en Italie, le Sentier à Paris*. Paris : Publisud, 1993 (escrito com Maurizio Lazzarato e Antonio Negri); *De l'esclavage au salariat. Économie historique du salariat bridé*. Paris: PUF, 1998 e *Le droit dans la mondialisation : une perspective critique*. Paris : PUF, 2002.

Por e-mail, Boutang fez à *IHU On-Line* uma avaliação sobre a crise do trabalho no século XXI. Analisando a questão dos recentes protestos dos jovens franceses sobre o trabalho, ele sinaliza que não se trata de uma questão de desemprego, mas sim de « forma de emprego ». A solução alternativa, pondera, é « refundar completamente a noção de emprego e salário ».

***IHU On-Line* - Na origem das manifestações na França e em muitos**

**países - como agora, com as passeatas dos imigrantes nos EUA -**

**está o tema do trabalho. Em sua opinião, quais as principais mudanças que aconteceram na organização social do trabalho nos últimos anos?**

**Yann Moulier Boutang** - Impressiona constatar que, nas lutas dos sem-documento há bastantes anos atrás (eu me lembro das primeiras lutas das quais participei, era em 1972!), nas lutas dos intermitentes (após 2003), nas lutas dos estagiários (após o outono passado), na revolta dos subúrbios (outubro-novembro de 2005) e, enfim, nas lutas dos escolarizados (liceus, colégios, depois estudantes das universidades) que são recorrentes há bastante tempo, não é o emprego como tal que constitui o objeto de reivindicações. São antes as condições do emprego (os documentos que permitem trabalhar, o estatuto dos seguros-desemprego para os intermitentes, o tipo de contrato de trabalho e de aprendizagem para os escolarizados). É falso apresentar estas lutas como uma reivindicação para não importa que espécie de trabalho, contra um desemprego que seria insuportável.

De fato, os jovens, os imigrados, protestam contra um trabalho discriminado que não goza das garantias oferecidas pelo contrato de trabalho clássico. Este contrato de duração indeterminada não exige que os trabalhadores tenham uma carteira de trabalho; ele impede convencionar a duração de execução do contrato de trabalho (dispositivo escravagista por excelência); enfim, ele exige que o empregador motive o licenciamento (e não o empregado) e limite o período de experiência de algumas semanas a um máximo de seis meses para os trabalhadores não-qualificados. Em outras palavras, é a forma do trabalho, a formalização da atividade que constitui o objeto do debate.

**Uma “nova grande transformação”**

A reestruturação profunda do trabalho, que eu relaciono a uma “nova grande transformação”, para falar como Karl

Polanyi<sup>8</sup>, ou seja, a passagem de um capitalismo industrial a um capitalismo cognitivo, gera uma atividade intensa. Dizer, por exemplo, que os jovens estão sem trabalho, é muita ignorância. Entre a atividade escolar que se lhes exige, os estágios em empresas, sem os quais é atualmente quase impossível, na França, não somente postular um emprego, mas também inscrever-se em carreiras universitárias, sejam elas profissionais ou de pesquisa, os escolarizados estão mais inseridos do que nunca naquilo que eu chamaria de “laboriosidade geral”, para empregar a expressão de Marx<sup>9</sup>. Uma prova irrefutável? 77% dos estudantes franceses trabalham em tempo parcial, de noite, de dia, em “pequenas tarefas”. Mas, esta atividade intensa tão necessária à produtividade global, que se dá nos territórios, nos processos, nos serviços, bem mais do que na produção material de um produto ou de um procedimento, não se transforma em emprego, num emprego

---

<sup>8</sup> **Karl Polanyi** (1886-1964): economista austríaco. Sua obra principal é *A Grande Transformação - as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980 (edição relançada em maio de 2000), escrita nos Estados Unidos de 1940 a 1943. Sobre o economista a *IHU On-Line* 147, de 27 de junho de 2005, dedicou o tema de capa *A grande transformação. As origens da nossa época*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> **Karl Heinrich Marx** (1818 - 1883): Filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. A primeira edição de *O Capital*, de 1867, foi apresentada e debatida pelo Prof. Dr. Enéas Costa de Souza no **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. O professor concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* sob o título *Marx continua útil, mas não é uma panacéia*; na edição nº 172 de 20 de março de 2006. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria também da professora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani. (Nota da *IHU On-Line*)

tal como o que Keynes<sup>10</sup> e Beveridge<sup>11</sup> conseguiram traduzir durante os Trinta Gloriosos Anos (1945-1975).

Não é, pois, uma questão de desemprego que existe (ter emprego para ter a atividade), mas uma questão de forma de emprego (pois pode-se ter atividade e estar desempregado, reconhecido ou não, ou então, não ter um emprego reconhecido. Todos aqueles que, como vocês no Brasil e nos países do Sul, são confrontados com esta realidade tenaz, conhecem bem o problema. O que é raro não é a atividade, são os empregos.

### **Emprego X domicílio fixo**

A tentativa neoliberal de suavizar as condições de acesso à proteção social, na esperança de levar os empregadores a criar mais postos de trabalho “clássicos”, com trabalhadores menos protegidos (um equilíbrio por baixo), conduziu ao resultado inverso do esperado. Houve seguramente, no início, uma redução do

---

<sup>10</sup> **John Maynard Keynes** (1883-1946): Economista e financista britânico. Sua *teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) e uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. Sobre Keynes, publicamos uma entrevista e o artigo *Por que ler Keynes hoje em dia?* de Bernard Maris, professor de economia na Universidade Paris V, na 139ª edição, de 2 de maio de 2005; outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005; dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, um sob o título *Keynes, um social-liberal antes da hora*, de Gilles Dostaler e outro *Dois Keynes pelo preço de uma teoria*, de Denis Clerc. Nos *Cadernos IHU Idéias* número 37 de 2005, publicamos o artigo *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> **Lord William Henry Beveridge** (1879-1963): autor do famoso Beveridge Report, oficialmente chamado Social Insurance and Allied Service Report de 1942 que foi a base da legislação da reforma social do governo trabalhista inglês de 1945-1951, advogando o pleno emprego. Assim que, em 1944, publicou o livro *The Economics of Full Employment*. É autor também do *Voluntary Action*, de 1948, defendendo o papel do setor privado na provisão do estado de bem-estar social. Foi muito influenciado pelos socialistas fabianos. (Nota do *IHU On-Line*)

número de desempregados registrados. Mas, este resultado foi obtido com mais frequência pela legislação de pequenas tarefas sem proteção, por um aumento dos desempregados desencorajados de se inscrever, uma vez que os benefícios sociais retirados eram cada vez mais reduzidos, por uma transferência para categorias declaradas inválidas e “não-empregáveis” e, sobretudo pelo reaparecimento, por toda a parte nos países do Norte, dos *working poors*, ou seja, por pessoas que trabalham, têm pequenos empregos, entenda-se não-estatutários, e que acabam por perder tudo, incluindo seu domicílio.

Para compreender a violência das lutas dos estudantes, dos quais mais da metade são assalariados, é preciso saber, por exemplo, que a cidade de Paris publicou uma estatística estupefaciente e inquietante: 25% dos detentores de um emprego em boa e devida forma estão sem domicílio fixo!!! Estatísticas dignas do Terceiro Mundo, que atualmente também se encontram nos Estados Unidos.

Se, pois, se quiser delinear um quadro de decadência de trinta anos de políticas neoliberais, é preciso, então, fazer a seguinte constatação: a) redução muito medíocre da taxa de desemprego agregada, mesmo em países onde o crescimento se avizinha dos 3,5 a 4%, já que hoje em dia se grita vitória quando se está em 4,5 a 5% de taxas de desemprego (que, de fato, corresponde a 8 ou 9% nos países que mantêm, nas estatísticas do desemprego, aqueles que os países assim ditos em performance colocaram nos “obstaculizados” (em handicap), “enfermos” etc.); b) duplicação da pobreza que se situa agora entre 10 e 20% do total da população; c) reaparecimento, para aqueles que têm “empregos”, de salários tão baixos a ponto de não mais permitirem às pessoas viverem sem ajuda social; d) crescimento exponencial do número dos ativos realmente ativos, ou seja, trabalhando de uma forma ou outra, sem emprego nem desemprego; e) crispação dos bem aquinhoados sobre suas vantagens; f) erosão do número

daqueles que estão incluídos no número do emprego canônico (duração indeterminada); g) hábito adquirido pelos empresários de poder impor um estatuto amplamente derogatório ao código de trabalho para certas categorias (os imigrados em situação regular, que já não gozam dos mesmos direitos como os de fato “nacionais”), os imigrados em situação irregular, jovens “beneficiários” dos empregos amparados pelo Estado, e além disso, as pessoas idosas que não têm aposentadoria suficiente para viver decentemente.

### **Estado-Providência**

O Estado-Providência tinha construído a legitimidade e a viabilidade do sistema de proteção social em sua universalidade (todo o mundo se tornaria um empregado assalariado em tempo integral, durante toda a sua vida). O emprego se debilitando (não a atividade), o número dos que têm direito e a qualidade da proteção se degradam mecanicamente.

Um índice resume tudo isso perfeitamente. No início da “crise” (1975), apenas a categoria dos operários obtinha mais de 30% de sua renda da redistribuição (salário diferido, amparo social). Atualmente, essa redistribuição incide sobre o conjunto dos assalariados, contribuindo com um terço do seu nível de vida. Um nível de vida, no mínimo, estagnado.

### **IHU On-Line - Alguns autores afirmam que caminhamos para o fim do emprego: o que o senhor pensa dessa tese?**

**Yann Moulier Boutang** - O fim do emprego não é certamente para amanhã. Ele teria o mérito de pôr o problema sobre a mesa de maneira tão brutal que se poderiam esperar soluções políticas, não sem abalos sociais muito sérios, aliás. De fato, nós temos a co-existência do emprego canônico, reservado amplamente aos de 35-55 anos, que continuará a desfrutar da proteção social degradada, mas não desaparecida. Enquanto isso, 35% a 40% da atividade real se

desenrolará ao lado do sistema antigo. Tendencialmente até poderia ser que se atinjam, respectivamente, 55% e 45%. Entretanto, a grande minoria de excluídos do emprego canônico é fortemente segmentada: uma parte dos jovens espera chegar a um emprego estável e para isso aceita condições humilhantes; uma outra parte, percebendo-se destinada à exclusão durável desse tipo de emprego, perde toda confiança no sistema educativo, nos trabalhos muito mal remunerados, e se sente atraída para os trabalhos das cidades selvagens descritas por Burroughs. Escutai os educadores sociais dos subúrbios: é edificante.

Por conseguinte, esta não-solução, que vai para situações paroxísticas, é contraditória com a emergência irresistível de uma economia que repousa sobre a inovação, o conhecimento e a incorporação no valor econômico de externalidades positivas. Bem que será preciso, um dia ou outro, procurar uma solução pelo alto.

Esta solução alternativa é a de refundar completamente a noção de emprego e de salário. Não propondo, muito timidamente, assegurar os percursos profissionais (direção recentemente tomada pelos sindicatos), pois esta solução seria uma resposta ao quadro do fordismo, e é mais uma na situação pós-fordista e pós-queynesiana que nós conhecemos atualmente. Entretanto, considera-se que, nas sociedades complexas, uma parte social da produtividade, da laboriosidade geral deve ter, por contrapartida, um retorno (uma renda) incondicional, universal, cumulativo com o salário de atividade. Já que o emprego só cobre uma parte da população e cava uma desigualdade insuportável e uma injustiça perniciosa, é preciso reencontrar uma rede de proteção universal, incluindo, então, os ativos sem emprego (para os quais o próprio termo de seguro profissional pode parecer uma provocação, como o brioche de Maria

Antonietta<sup>12</sup> ao olhar dos que tinham fome). É preciso que os direitos à proteção deixem de ser ligados a empregos ocupados e passem diretamente à pessoa. Na era da informática e da acumulação de dados pessoais (o que levanta um problema de liberdades públicas fundamentais), esta transformação do direito é possível.

### **IHU On-Line - A revolta dos subúrbios e as manifestações contra o CPE na França evidenciam uma crise definitiva do Welfare State europeu?**

**Yann Moulier Boutang** - Eu creio que já respondi essa questão. Sim, o *welfare state* está em grave crise de legitimidade com todos aqueles que ele cobre por meio das políticas de amparo social *ad hoc*, que jamais constituem um direito igual e que por isso são consideradas humilhantes. Eu acrescentaria um fator complementar: numa sociedade do conhecimento e num capitalismo que se apóia, para sua parte mais sólida de extração de valor econômico, na educação, na aprendizagem dos saberes e no uso e apropriação das novas tecnologias, a fratura da educação se torna intolerável e é particularmente mal-aceita pelos jovens que são disso excluídos.

A formidável democratização, que se tornou possível pelos meios da revolução da informática, é imediatamente percebida pela população, mesmo a mais desfavorecida no plano cultural. Basta ver a incrível rapidez com a qual as

---

<sup>12</sup> **Maria Antonietta de Habsburgo** (1755-1793): arquiduquesa da Áustria e rainha consorte da França de 1774 até a Revolução Francesa, em 1789. Era a filha mais nova de Maria Teresa de Habsburgo e de Francisco I da Áustria, imperadores daquele país. Exerceu grande influência política sobre seu marido, e, conseqüentemente, sobre toda a França; apesar disso, ela pouco sabia sobre a vida dos plebeus franceses e o custo dela. Contam que, uma vez, quando o povo se reuniu em frente ao palácio real reivindicando melhores condições de vida, um dos manifestantes disse que não tinha pão pra comer. Ao saber disso, disse ela: "Se não têm pão, que comam brioques". (Nota da *IHU On-Line*)

populações do Terceiro Mundo se apossam do telefone móvel, dos SMS, dos computadores, do trabalho em rede, para mensurar o grau de frustração que pode gerar uma sociedade de desigualdades que infelizmente você conhece bem no Brasil.

A revolta dos subúrbios franceses, inclusive quando ela queima escolas (o que scandalizou algumas belas almas das quais a esquerda é sempre pródiga) é um apelo e uma exigência de mais justiça, de mais democracia, de verdadeiras chances para todos os componentes da sociedade, qualquer que seja a cor de sua pele, a origem social de seus pais, seu sexo, seu capital cultural inicial.

### **A crise da esquerda internacional**

#### **IHU On-Line - Por que a esquerda mundial se encontra em crise? É correta a análise que foi tragada pelo "pensamento único"?**

**Yann Moulier Boutang** - A esquerda mundial está em crise por três razões principais. Primeiramente, ela permaneceu socialista, isto é, ligada a uma forma de pensamento da produção, da redistribuição muito tributária da economia política clássica (aquela que o próprio Marx herdou, com Ricardo<sup>13</sup>, Smith<sup>14</sup>) e, então, finalmente do

---

<sup>13</sup> **David Ricardo** (1772 - 1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>14</sup> **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua

capitalismo industrial que está a ponto de morrer sob nossos olhos. Seus antolhos a impedem de ver a extensão e a profundidade da mutação em curso. Ela pensa os movimentos atuais como movimentos de resistência a uma agravação do capitalismo industrial, quando estes novos movimentos são o produto interno de uma transformação já advinda, aquela da passagem ao capitalismo cognitivo<sup>15</sup>. Ela permaneceu demasiado branca, demasiado masculina. Ela continua focalizada sobre as questões de exploração e continua a subestimar as questões de libertação. Eu estou impressionado com a reação dos índios e dos mestiços na América Latina.

Os novos movimentos desde os anos sessenta demonstraram, portanto, muito bem que é sobre este terreno que se recompõem novas alianças inéditas e fecundas em novas experimentações e soluções.

Terceiro limite: a esquerda mundial, ou será capaz de fazer as questões ecológicas serem respeitadas à força, ou não o será. É conjugando uma nova economia política

---

obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O *IHU* promoveu em 2005 o **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21 de março de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> Para saber mais sobre este tema indicamos a entrevista *A crise e o exôdo da sociedade salarial*, de André Gorz, publicada no *Cadernos IHU Idéias*, nº31. O *Cadernos IHU Em Formação* também discute a temática. A edição nº 5, de 2005, traz diversos artigos que tratam sobre *A crise da sociedade do trabalho*. A *IHU On-Line*, edição 161 de 24 de outubro de 2005 teve como tema de capa *As obras coletivas e seus impactos no mundo do trabalho, que se propõem, igualmente, a discutir o tema*. (Nota da *IHU On-Line*).

ecológica, em função da raridade dos recursos não-renováveis em sua energia, e uma nova economia política do espírito (do conhecimento) que ela será capaz de sair das veredas batidas. As novas fronteiras da política se situam agora neste plano.

### ***IHU On-Line* - O capitalismo mundial está sólido ou apresenta rachaduras?**

**Yann Moulier Boutang** - O capitalismo está simultaneamente muito dinâmico e muito frágil. O novo e terceiro capitalismo, o capitalismo cognitivo é, por natureza, muito instável. Ele não encontrou um regime estável, pois para isso será preciso que ele aceite dar para o assalariado o passo considerável que seu predecessor, o capitalismo industrial deveria dar em relação ao capitalismo mercantilista, que tivera que renunciar à utilização da escravatura como modo de governo normal.

### ***IHU On-Line* - Qual poderia ou deveria ser o papel dos movimentos sociais ante essa crise do trabalho?**

**Yann Moulier Boutang** - Debruçar-se essencialmente sobre a defesa de uma renda universal, incondicional, cumulável com aquela da atividade e/ ou do emprego. Em suma, posicionar-se como o iniciador de um novo *New Deal*<sup>16</sup>. Se o capitalismo cognitivo não fizer aliança com esta parte do salariado da qual ele depende, o velho capitalismo do petróleo, do armamento, nos conduzirá para a guerra.

---

<sup>16</sup> **New Deal**: Termo aplicado ao programa do presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt, entre 1933 e 1938, pelo qual ele procura recuperar a economia dos Estados Unidos (EUA) e acabar com a Grande Depressão. O termo, que significa "novo acordo", é cunhado pelo juiz Samuel Rosenman e utilizado por Roosevelt em seu discurso de 1932, quando aceita a indicação como candidato a presidente da República. A incapacidade de resolver os problemas surgidos após a Depressão leva à derrota do presidente republicano Hoover para Roosevelt, democrata, em 1933. (Nota da *IHU On-Line*).



# A nova divisão global do trabalho

## Entrevista com Ursula Huws



Aos poucos, os sindicatos dão sinais de que estão “acordando” para os desafios do novo mundo do trabalho, “mas ainda há muito a ser feito”, acredita a pesquisadora inglesa Ursula Huws. Segundo ela, “a história conta-nos que não podemos esperar que as burocracias sindicais mudem espontaneamente – o ímpeto deve vir dos próprios trabalhadores, organizando e fazendo demandas aos sindicatos que se encaixem em suas necessidades”.

Outra constatação da pesquisadora é que, “se usarmos um conceito marxista de classe, poderíamos dizer que uma nova classe internacional está em formação, feita de pessoas que partilham processos de trabalho em comum. Essas e outras afirmações foram feitas por e-mail à *IHU On-Line*. Confira abaixo a íntegra da entrevista.

Huws é professora de Estudos do Trabalho Internacional no Working Lives Research Institute na Universidade Metropolitana de Londres. Escreveu os livros *Telework: Towards the Elusive Office*. John Wiley, Chichester and New York, 1990 e *The making of a cybertariat: Virtual Work in a Real World*. New York: Monthly Review Press & London: Merlin Books, 2003 – ambos sem tradução para o português.

***IHU On-Line* - Os seus estudos fazem referência a que o capital globalizado produz uma nova divisão espacial do trabalho. A senhora poderia caracterizar como se manifesta a nova divisão global do trabalho?**

**Ursula Huws** - O uso de tecnologias da informação e da comunicação facilitou uma nova fase na divisão técnica do trabalho, tornando possível introduzir em vários tipos de trabalhos de processamento de informação uma forma de padronização e “rotineirização” que caracterizou a produção em períodos anteriores. Podemos dizer que os

princípios do taylorismo e do fordismo estendem-se a novos tipos de trabalho, incluindo algumas formas de trabalho mental e “trabalho emocional” (na categoria do “trabalho emocional” eu poderia incluir vários tipos – geralmente femininos – atendimento ao consumidor, cuidados médicos/com a saúde, serviços sociais etc.).

Como parte desse processo de padronização, conhecimentos tácitos e contextuais previamente adquiridos pelos trabalhadores em uma capacidade pessoal são transformados em conhecimentos explícitos e codificados, que não é mais

uma propriedade pessoal, mas propriedade da equipe ou do empregador. Houve tempos em que o conhecimento era apropriado pelo trabalhador individual, isso pode ser “reempacotado” ou incorporado em softwares de banco de dados de conhecimento que o tornarão viável a qualquer um: a quem o empregador escolher oferecer.

Quando o trabalho foi padronizado desta maneira, foi possível ser realizado afastado da supervisão direta de um gerente: pode ser controlado por resultados e pode, conseqüentemente, ser feito remotamente. Isso abre a possibilidade não somente para a realocação espacial, mas também para deslocamentos contratuais. Em outras palavras, pode ser efetuado por terceirizados, e não dentro da companhia. Se o trabalho envolver processar informação que pode ser digitada (usando tecnologias de informação) e/ou transmitido por *links* de telecomunicação (usando tecnologias de comunicação) e a infra-estrutura necessária está no lugar, isso pode, em princípio, ser realizado em qualquer lugar no mundo, desde que os trabalhadores equipados estejam disponíveis neste local com as habilidades certas (e com preço justo).

### **IHU On-Line - Quais são as novas fronteiras exploradas pelo capital na organização social do trabalho no século XXI?**

**Ursula Huws** - Como Rosa Luxemburgo<sup>17</sup> reconheceu, a dinâmica do capital é sempre expandir-se espacialmente. Entretanto, ele se propaga por razões muito diferentes, que não podem ser facilmente desconectadas umas das outras. Elas podem ser relacionadas como:

- I. a busca de novos materiais crus (incluindo sítios de agricultura). Isso não envolve apenas explorar os recursos nacionais da terra

<sup>17</sup> **Rosa Luxemburgo (1870-1919)**: filósofa marxista e revolucionária polonesa. Participou na fundação do grupo de tendência marxista que viria a tornar-se, mais tarde, o Partido Comunista Alemão. (Nota da IHU On-Line)

(minerais, madeira, combustíveis fósseis, diversidade biológica), mas usá-los como matéria bruta para o desenvolvimento de novos produtos. Podemos categorizar isso como um processo de transformação, usando valores para troca de valores também, ou seja, um processo contínuo de identificação de áreas da atividade humana (incluindo o bem-estar físico e psicológico, sexualidade etc.) que até agora estavam fora da economia de mercado;

2. a busca de novos mercados (é da natureza do capitalismo que o salário dos trabalhadores sempre será menor que o valor de mercado dos bens que estes produzem) conseqüentemente o capitalismo necessita sempre de um mercado “fora de si” para evitar uma crise de lucratividade);
3. a busca de novos locais de acumulação de capital (para absorver o excesso), como, por exemplo, o investimento na infra-estrutura fora dos locais tradicionais de acumulação (as cidades do mundo desenvolvido);
4. a busca de lugares para despejar os detritos resultantes das atividades produtivas do capitalismo (incluindo poluição atmosférica);
5. a busca de novas fontes de mão-de-obra barata. Isso não apenas possui um valor absoluto, permitindo uma vantagem competitiva (provisória) a ser obtida da depreciação do custo do trabalho (mão-de-obra), mas também tem um valor geral para o capital, de fornecer meios para disciplinar a força de trabalho na terra natal capitalista, criando um exército global de reserva.

### **Fase neoliberal de expansão capitalista**

Na atual fase neoliberal da expansão capitalista, podemos ver essas tendências, trabalhando com configurações

complexas. Por exemplo, o desenvolvimento de locais *offshore*<sup>18</sup> para processamento de informação simultânea cria a oportunidade de investimento em infra-estrutura em países em desenvolvimento (por exemplo, Índia, China ou as regiões de maquiladoras<sup>19</sup>, no México); para bater em fontes novas de mão-de-obra barata; e criar novos mercados para bens e serviços de companhias dos EUA, da Europa (União Européia) ou do Japão. Em um processo simultâneo, podemos ver também os territórios do sul usados como aterros sanitários para lixo tóxico e agressivamente explorados por seus materiais crus (terra, plantas – até mesmo seu DNA, minerais; os corpos de jovens mulheres raptados ou enganados para a indústria do sexo; e os artefatos tradicionais, música e até religiões apropriadas para incorporação nos produtos culturais).

***IHU On-Line - A geografia das cidades está mudando em função dessa nova divisão espacial do trabalho. Que tipos de novas relações sociais estão se produzindo?***

**Ursula Huws** - Sob as condições da globalização, as cidades estão sendo reconfiguradas e suas populações misturadas de formas complexas como resultados de dois processos simultâneos – o movimento de pessoas para o trabalho e o movimento do trabalho para as pessoas. É possível categorizar os trabalhos que existem normalmente em três grupos: aqueles que são “fixos” (ou seja, devem ser feitos em um lugar específico porque envolvem a produção ou entrega de bens e serviços “reais” em

---

18 Instituição que, para exercer suas atividades internacionais, se estabelece em um território onde encontra privilégios especiais, especialmente os benefícios tributários. A tradução para *offshore* seria “paraíso fiscal” no Brasil. (fonte: [www.ajudabancaria.com](http://www.ajudabancaria.com)) (N. da T.)

19 Uma maquiladora é uma fábrica que, em sua maioria, está localizada nas cidades de fronteira do México) que importa materiais e equipamentos livres de impostos e tarifas para montagem de produção. (fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)) (N. da T.)

tempo “real” e espaço “real”); aqueles que são “livres” (o que significa dizer que podem ser realizados em qualquer lugar do mundo que for conveniente ao capital); e aqueles que são “fraturados”/“fragmentados” (ou seja, que envolvem uma dinâmica intercambiável entre as características do “fixo” e do “livre” e têm algumas características de ambos). As pessoas que vivem em cidades podem ser divididas também entre quem é relativamente enraizado (por exemplo: aqueles que nasceram ali, com origens familiares no mesmo local) e aqueles que foram desenraizados de seus lugares de origem e migraram na busca de emprego ou por outras razões (por exemplo, como foragidos da polícia). Uma das ironias da situação atual é que os trabalhos “fixos” (por exemplo, aqueles que envolvem limpeza, preparação de comida, construção etc.) são, ao menos nos países desenvolvidos da Europa e América do Norte, aqueles que são mais comuns de serem feitos pelas pessoas “desenraizadas” e vice-versa.

***IHU On-Line - É possível falar em um novo proletariado da era da cibernética? Qual é o perfil desse "novo" proletário?***

**Ursula Huws** - Se usarmos um conceito marxista de classe, poderíamos dizer que uma nova classe internacional está em formação, feita de pessoas que partilham processos de trabalho em comum (por exemplo, usando um software padrão da Microsoft para uma gama de tarefas estandardizadas como entrada de dados, trabalho de teleatendimento<sup>20</sup>, codificação, edição, processamento de transações financeiras etc.), que partilham uma mesma relação com o capital, que trabalham para os mesmos empregadores globais e freqüentemente até falam as mesmas linguagens globais com os mesmos parceiros de equipe, gerentes e clientes. No entanto, se pegarmos uma definição mais sociológica de classe,

---

20 Como os serviços de atendimento ao consumidor. (N. da T.)

poderemos ver que ainda assim existem muitas diferenças entre esses trabalhadores, incluindo importantes diferenças de classe de origem (em países em desenvolvimento, como a Índia, é típico que tais trabalhadores venham de bases de elite, com um alto nível de educação e representem uma mais alta posição na hierarquia local que seus equivalentes nos EUA ou Europa) como também diferenças de consciência de classe. Essas diferenças são reforçadas por atitudes racistas de trabalhadores brancos, “islamofobia” e outras barreiras ao desenvolvimento de um entendimento comum.

***IHU On-Line - Como fica a resposta dos trabalhadores a esse novo mundo do trabalho, fragmentado, deslocalizado, volátil? Os sindicatos estão conseguindo reagir a essas rápidas mudanças?***

**Ursula Huws** - Há alguns sinais de que os sindicatos estejam começando a acordar para este novo desafio e a enxergar a necessidade de um novo tipo de resposta, mas há ainda muito a ser feito: no combate ao racismo; no combate a rivalidades inter-setoriais; no reconhecimento dos trabalhadores de colarinho branco (white collars), especialmente mulheres, como “trabalhadores verdadeiros”; no movimento para ir além das políticas

nacionais e dos poderes nacionais para desenvolver uma verdadeira abordagem/aproximação internacional; e na abertura de um debate entre trabalhadores sobre a nova situação. Aqui não há solução simples. Sindicatos são confrontados com alguns reais e contraditórios desafios. Por exemplo: como podem os trabalhos existentes no Norte serem protegidos sem que se caia em um ataque racista sobre os trabalhadores no Sul? Como podem os modelos neoliberais de livre comércio serem confrontados sem que se caia em complicado protecionismo? Como podem as demarcações ocupacionais existentes serem defendidas sem que se excluam mulheres e outros grupos em desvantagem de trabalhos de boa qualidade e protegidos? Como podem os sindicatos equilibrar a necessidade de representação de seus membros tradicionais – a aristocracia trabalhadora – que são mais necessários em lutas nacionais de defesa de padrões de vida para toda a classe trabalhadora com a necessidade de recrutar novos membros de setores não-organizados da economia? A história conta-nos que não podemos esperar que as burocracias sindicais mudem espontaneamente – o ímpeto deve vir dos próprios trabalhadores, organizando e colocando demandas aos sindicatos que se encaixem em suas necessidades.

# O obstáculo para melhorar o mundo do trabalho no Brasil está na política

## Entrevista com Marcio Pochmann



Marcio Pochmann é professor do Instituto de Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp. É doutor em Economia pela mesma instituição, com a tese Políticas do Trabalho e de Garantia de Renda no Capitalismo em Mudança. Publicou os livros *Políticas do Trabalho e de Garantia de Renda – O capitalismo em mudança*. São Paulo: Editora São Paulo; *E-trabalho*. São Paulo: Publisher Brasil, 2002; *Desenvolvimento, trabalho e solidariedade*. São Paulo: Cortez, 2002.

Dele *IHU On-Line* publicou a entrevista intitulada *Nunca esteve tão longe a distância entre o País que podemos ser e o País que somos*, na 98ª edição, de 26 de abril de 2004. Também publicamos o artigo *A reforma trabalhista e sindical do mercado*, na 134ª edição, de 28 de março de 2004, e uma entrevista realizada com ele na 138ª edição, de 25 de abril de 2005, sob o título *Precisamos de leis que contemplem relações de trabalho cada vez mais heterogêneas*. A entrevista que segue foi concedida por telefone, na última semana, e publicada no sítio do IHU, nas *Notícias diárias*, na sexta-feira, dia 21 de abril de 2005.

### ***IHU On-Line - Olhando um pouco para a atual conjuntura nacional, qual a avaliação geral que o senhor faz do governo Lula?***

**Marcio Pochmann** - Temos aspectos positivos e negativos para avaliar no governo Lula. Podemos considerar a questão econômica, a preocupação mais importante, que está diretamente associada a uma não alteração na condução da política macroeconômica. Talvez isso ajude a entender por que os resultados, no que diz respeito ao desempenho da economia, não têm sido muito diferentes daqueles observados durante o período do governo Fernando Henrique. Se ampliarmos o

período de comparação, basicamente desde 1981, o Brasil vem tendo um desempenho pífio da economia nacional, crescendo na média de 2,6% ao ano. Ainda que não se saiba qual será o desempenho do Brasil neste ano, o que está sendo apresentado como expectativa de expansão da economia vai permitir verificar que o Brasil ficou, nesses últimos quatro anos, apesar da oscilação, com um desempenho da economia não muito diferente do que se observou em vários períodos desde 1981. Há melhoras se observarmos, por exemplo, o desempenho do setor externo brasileiro. O Brasil reduziu a vulnerabilidade que tinha acumulado durante o governo

Fernando Henrique, expandiu as exportações, fez o pagamento da dívida externa, e o comportamento da inflação permaneceu relativamente baixo. Entretanto o que interessa do ponto de vista do povo é, sobretudo, o crescimento econômico. E isso, praticamente, nós não verificamos.

***IHU On-Line - O que o senhor espera para as próximas eleições? Quais as esperanças e possibilidades para o Brasil a partir de 2007?***

**Marcio Pochmann** – Como estamos em um ano eleitoral, é de se esperar que haja uma reflexão e uma discussão sobre as possibilidades de o Brasil mudar a política econômica, o que vem se mantendo praticamente desde o início dos anos 1990. Do ponto de vista dos candidatos que estão sendo apresentados, não sabemos ainda quem serão todos eles. Isso não está muito claro. Pelas indicações que são oferecidas, aparentemente esse debate talvez não vá ocorrer, porque os candidatos que se apresentam não possuem uma retórica para mudar a política econômica. Embora eu defenda a mudança da condução da política econômica, lamentavelmente o pressuposto fundamental para o Brasil enfrentar suas mazelas é de que ele precisa de um outro modelo econômico, que não é esse. Essas mazelas seriam o desemprego, a desigualdade de renda, a exclusão, a violência. Observo os possíveis candidatos e não identifico neles condutores de um protagonismo que passaria pela mudança da política econômica e da construção de um modelo diferente do que temos hoje.

***IHU On-Line - O que faria parte de uma reforma política, com alteração da política econômica, para chegarmos mais próximo de uma situação ideal no País?***

**Marcio Pochmann** – Estamos completando um ciclo político que se iniciou com a transição democrática, em 1985. O grande entusiasmo da população que participou da transição para a democracia, sobretudo na campanha das diretas, era justamente que houvesse uma

eleição direta já em 1984, 1985. No entanto, houve uma traição. O que observamos foi um grande acordo nacional do qual, sem reforma política, passamos a ter praticamente todos os presidentes, de Sarney até Lula, com uma inclinação favorável às mudanças, principalmente mudanças econômicas e sociais. Apesar de praticamente todos os candidatos eleitos terem um discurso de mudança, ela não ocorreu. No meu modo de ver, isso está diretamente relacionado ao fato de que eles, como candidatos, apresentaram propostas econômicas e sociais de mudanças e, quando se elegeram, na maior parte das vezes, não conseguiram maioria nem no Congresso, nem no Legislativo. Então, temos acordos constituídos pelo presidente eleito com outros partidos, que não são feitos com base em programas econômicos. São acordos de interesses que inviabilizam uma maioria para fazer mudanças na economia e na sociedade. Há um bloqueio. Estamos vivendo 21 anos de democracia, no Brasil, de 1985 para cá. É o período mais longo do regime democrático no Brasil e, no entanto, as mudanças mais necessárias à população praticamente não ocorreram. São mudanças bloqueadas por esse ciclo político, que praticamente tem impossibilitado a formação de maiorias favoráveis a elas. O que predomina é um quadro de acomodação.

***IHU On-Line - A crise a que o povo brasileiro assistiu abalou a democracia e a crença nas instituições políticas brasileiras? O que faz os eleitores, apesar de todo o escândalo do mensalão, não afastarem a possibilidade de Lula ser eleito para um segundo mandato?***

**Marcio Pochmann** – O povo é inteligente, sabe que o problema da corrupção no Brasil não é recente. Talvez ele não tenha sido, no passado, explicitado. Mas em governos estaduais, e mesmo em governos anteriores a Lula, todas as tentativas de constituição de CPI foram, muitas vezes, bloqueadas. Então aquelas informações ou denúncias não eram apuradas. Não percebo por parte do povo uma identificação de que

agora estaríamos diante de uma situação inédita. Certamente há uma frustração, porque aquilo que aparentemente apontava como sendo diferente dos demais partidos, que era essa combinação de partidos progressistas que deu vitória a Lula, de certa maneira, reflete sinais que eram comuns em outros partidos e em outros governos. Assim, há uma decepção muito maior do que a corrupção em si, como sendo algo que decepcionasse o regime democrático.

**IHU On-Line - Estamos nos aproximando do dia 1º de maio. Este ano, comemoramos os 120 anos desta data, que marca a luta de uma outra sociedade, que não é mais a nossa, por um trabalho que oportunizasse cidadania. O que significa lembrar esta data hoje, considerando o mundo do trabalho atual?**

**Marcio Pochmann** - Vejo a data, nesse contexto mais amplo, como um paradoxo. De um lado, quando olhamos os avanços que estão sendo produzidos em inovação tecnológica, ganhos de produtividade, é inexoravelmente possível pensar num cenário muito mais vantajoso para aqueles que dependem apenas do trabalho como uma possibilidade de viver de forma digna. A despeito dos avanços tecnológicos, econômicos, da produção, o que temos observado, em contrapartida, é uma regressão no mundo do trabalho. Há sinais inequívocos de crescimento da desigualdade de renda, a prevalência do desemprego, de condições muito precárias de trabalho, quer dizer, um quadro de heterogeneidade no interior do mundo do trabalho. Aqueles que lutaram, desde o século XIX, ou até antes disso, pela construção de um mundo melhor, hoje, do ponto de vista técnico, notariam que é inegavelmente possível. É possível todos trabalharem, e trabalharem com menor jornada. É possível todos terem uma remuneração muito mais elevada, porque tecnicamente a economia possibilita isso. O obstáculo maior está na política, na dificuldade de fazer as oportunidades existentes serem democratizadas.

**IHU On-Line - Qual seria a principal luta dos trabalhadores de hoje?**

**Marcio Pochmann** - É justamente a valorização do trabalho. Nós vivemos num quadro que vem sendo protagonizado pela visão neoliberal. O trabalho, sobretudo o trabalho coletivo, não seria mais objeto de valorização, e sim as iniciativas individuais. O que se observa, como resultado disso, é o predomínio de políticas que valorizam o capital e não o trabalho, sobretudo o capital financeiro. Por conta disso, vejo a necessidade de se assegurar o trabalho como sendo a fonte da centralidade do desenvolvimento humano.

**IHU On-Line - Qual a avaliação que o senhor faz do pacote trabalhista e sindical, com projetos de lei, que será proposto pelo governo Lula ao Congresso Nacional em maio? O senhor acredita que, com essas medidas, o presidente demonstra disposição de dar prosseguimento às reformas sindical e trabalhista?**

**Marcio Pochmann** - De certa forma, o governo Lula padece reflexos dos governos anteriores, dentro daquela imagem do ciclo político e de uma agenda das mudanças obstaculizadas. O governo Lula começou com a proposta de várias reformas, entre elas a trabalhista, mas praticamente não houve avanço nesse sentido. A reforma tributária não avançou praticamente nada. Iniciativas voltadas para a reforma na área da saúde, da educação, também estão congeladas. O governo Lula tinha a proposta de constituição de um Fórum Nacional do Trabalho para construir uma convergência em torno da reforma trabalhista e sindical. O Fórum avançou, mas o seu resultado não teve praticamente grande êxito como projeto de lei. Agora nesse quarto ano do seu mandato, há um sinal de proposta de disposição de modificar a temática do trabalho e sindical. Eu não conheço o conteúdo, mas acredito que seja algo mais pontual do que aquilo que se esperava em 2002, quando foram apresentadas as iniciativas voltadas para

uma transformação mais ampla da legislação trabalhista e sindical.

**IHU On-Line - Quanto de fato cresceu o emprego no governo Lula e qual é o perfil do emprego oferecido pelo mercado hoje?**

**Marcio Pochmann** - É importante que se diga que, no governo Lula, houve um crescimento do emprego com carteira assinada, o emprego assalariado, mas não é algo exclusivo desse governo. Isso passou a avançar no Brasil praticamente desde 1999, quando houve a mudança do regime cambial. A partir daquele momento, nós tivemos condições mais favoráveis para a volta do emprego, no mercado interno, porque, com a mudança do regime cambial, reduziu-se a pressão de importações e se estimulou o aumento das exportações. Como as exportações são feitas por grandes empresas, são justamente elas as mais fiscalizadas pelo Ministério do Trabalho, pelos sindicatos. O emprego tem crescido nesses segmentos e são justamente empregos assalariados, o que é muito importante. Ao mesmo tempo, é importante registrar que, desde 2001 e 2002, há iniciativas por parte do Ministério Público e do Ministério do Trabalho, que estão atuando de forma mais intensa na fiscalização dos postos de trabalho nas empresas. Registro aqui a intervenção do Ministério Público no que diz respeito às terceirizações, que anteriormente avançaram muito na forma de informalidade e agora estão todas sendo formalizadas. Esses dois efeitos ajudam a entender porque o emprego assalariado tem crescido. Primeiro, a mudança do regime cambial e segundo, a atuação mais intensiva e explícita do Ministério Público e do Ministério do Trabalho, fiscalizando a legislação. O perfil de emprego tem sido direcionado a postos de trabalho com remuneração muito reduzida. Praticamente 90% das ocupações abertas no Brasil são de até dois salários mínimos, o que de um lado é positivo, porque está gerando emprego, mas por outro lado abre uma outra discussão a respeito da qualidade do emprego gerado.

**IHU On-Line - Qual é a ocupação que mais cresce hoje no Brasil?**

**Marcio Pochmann** - De cada três ocupações abertas no emprego assalariado formal, uma é na indústria. A indústria voltou a ser o motor do emprego. No entanto, a maior quantidade de postos de trabalho está associada ao setor de serviços, o setor terciário.

**IHU On-Line - Os seus estudos indicam que mesmo quem tem diploma não consegue emprego facilmente. Por que isso ocorre?**

**Marcio Pochmann** - De um lado, tem a ver com o baixo crescimento da economia. Se a economia não cresce, não há condições de gerar emprego. Como temos a cada ano 2,3 milhões de pessoas que ingressam no mercado de trabalho, o Brasil precisaria crescer de 5 a 6% ao ano para gerar esse universo de postos de trabalho. Em segundo lugar, a nossa economia vem se inserindo na globalização de maneira muito passiva e subordinada. O Brasil vem se transformando num país produtor e exportador de baixo valor agregado, e de pouco conteúdo tecnológico. Produz basicamente produtos primários, como minérios de ferro, soja, salsicha. Nada contra, diga-se de passagem, de produzir isso e exportar. O problema é que esses produtos, para terem competitividade, dependem fundamentalmente do custo da mão-de-obra. Quanto menor o custo da mão-de-obra, maior competitividade eles terão, porque são produtos de baixo valor agregado e pouco custo tecnológico. E nossos concorrentes são países que produzem os mesmos produtos com baixo custo de mão-de-obra. Como o Brasil se especializa em produzir isso, não tem espaço para criar empresas de qualidade. Desse modo, a classe média e os jovens que mais estudam não encontram, no Brasil, oportunidade de trabalho decente. A verdade é que o Brasil está se transformando num país exportador de mão-de-obra qualificada. A cada ano temos entre 140 e 150 mil jovens saindo do Brasil.



E são justamente os que têm maior escolaridade.

**IHU On-Line - Qual é a sua avaliação da proposta do governo de redução do INSS para que empregadores registrem quem está no emprego doméstico?**

**Marcio Pochmann** - Do ponto de vista da efetividade da medida, talvez isso possa ter um impacto marginal, porque a determinação da forma de transformação do emprego não é dada pelo custo, sobretudo porque se compararmos o gasto da classe média, por exemplo, com empregadas domésticas e com outras despesas, percebemos que é um custo relativamente muito baixo. Em todo caso, a medida ainda está para ser avaliada.

**IHU On-Line - O senhor estará dando uma palestra aqui na Unisinos, no próximo dia 28 de abril. Pode adiantar**

**um pouco para nossos leitores a temática que será abordada?**

**Marcio Pochmann** - Vou focar aqueles elementos que me estimulam a ser muito otimista a respeito do futuro do trabalho. A minha exposição será justamente no sentido de olhar as possibilidades do trabalho para os próximos anos, chamando a atenção para o fato histórico de que o Brasil está vivendo uma oportunidade inédita. Lamentavelmente, como dizia Celso Furtado, o Brasil é o país das oportunidades perdidas. Meu enfoque é justamente de chamar a atenção para as oportunidades que estamos tendo e as condições de reverter o quadro em que nos encontramos atualmente. Talvez, olhando do ponto de vista histórico, nunca tivemos oportunidades tão positivas como temos hoje. E é justamente o papel e o desafio da atual geração fazer sua parte para encaminhar o Brasil para uma situação superior daquela que temos hoje.

## Um pacote pontual. Uma análise da reforma trabalhista de Lula.

Entrevista com José Dari Krein



Noticiamos no site do Instituto Humanitas Unisinos, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), nas *Notícias Diárias* da última terça-feira, dia 18 de abril, que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai propor ao Congresso Nacional um pacote de projetos de lei nas áreas trabalhista e sindical, que deverá ser anunciado em maio. Os projetos de lei incluem a criação do Conselho Nacional das Relações de Trabalho (CNRT), o reconhecimento das centrais sindicais, a regulamentação do trabalho aos domingos, a

ratificação da convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT), consultas públicas para um projeto de lei que regulamente a terceirização de mão-de-obra, e um decreto sobre a composição tripartite das instâncias que deliberam sobre as

políticas públicas estaduais que se utilizam dos recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Há quem acredite que, com o pacote, o presidente voltaria a sinalizar, a menos de seis meses da eleição, um compromisso com o avanço das reformas sindical e trabalhista que ficaram paradas no Congresso Nacional. Sobre esse pacote sindical e trabalhista, *IHU On-Line* conversou com o professor José Dari Krein, do Instituto de Economia da Unicamp, por telefone. Ele comenta e analisa essa iniciativa do governo Lula, traçando um panorama sobre a situação atual do trabalho no País.

José Dari Krein é doutor em Economia e mestre em Economia Social e Trabalho. Foi um dos fundadores do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT), de Curitiba. Desenvolve pesquisas nas áreas das relações de trabalho e evolução do mercado de trabalho, temas sobre os quais publicou vários artigos. Dele publicamos a entrevista *Cinco razões para a valorização do salário mínimo, na edição nº 167, de 05 de dezembro de 2005*. A entrevista que segue foi publicada nas *Notícias Diárias* do dia 20 de abril de 2006.

***IHU On-Line* - Qual a avaliação do senhor sobre o pacote de projetos de lei sindical e trabalhista do governo Lula?**

**Dari Krein** - Em primeiro lugar, as iniciativas anunciadas na referida matéria, são medidas voltadas mais para o campo da área sindical do que trabalhista. Quando se faz referência às medidas mais concretas, no meu entendimento, percebo que elas satisfazem ao conjunto da base de apoio mais histórica do movimento sindical de Lula, particularmente a CUT. Esse pacote atende alguns aspectos que são demandas antigas desse movimento social, como, por exemplo, o reconhecimento das centrais sindicais ou o direito de negociação e de greve dos servidores públicos. E a terceira medida anunciada é a criação do Conselho Nacional de Relações de Trabalho. A matéria não dá uma noção de qual será a sua função e suas atribuições nas relações de trabalho. Na reforma sindical, esse conselho tinha papéis bastante amplos como formular políticas públicas nas relações de trabalho e encaminhar a resolução de problemas de representação da base sindical.

***IHU On-Line* - Quais deveriam ser as atribuições desse Conselho Nacional de Relações de Trabalho?**

**Dari Krein** - O Conselho pode fazer algum sentido se consultar os atores com o objetivo de implementar um processo de políticas na área das relações de trabalho e estimular o processo de reestruturação da organização sindical brasileira. Tudo isso na perspectiva de aumentar a sindicalização e de combater a pulverização sindical, que é muito forte na sociedade brasileira. Hoje temos no Brasil em torno de 18 mil sindicatos, o que é uma coisa absurda, sem nenhum sentido. Ele deve estabelecer critérios e parâmetros, dar uma certa segurança, fazer com que haja sindicatos representativos. Hoje há muitos sindicatos cartoriais. O Conselho deve ser mais um órgão tripartite de um espaço de discussão e formulação do que um espaço de regulamentação e de deliberação. Ele não tem esse caráter. E é bom que não tenha.

***IHU On-Line* - Qual o significado do reconhecimento das centrais sindicais pelo governo?**

**Dari Krein** - Hoje, na prática, quem representa os trabalhadores nos fóruns tripartites, ou seja, junto a órgãos oficiais, são as centrais sindicais, mas é uma representação reconhecida de fato, não de direito. O reconhecimento das centrais sindicais pelo Estado brasileiro e pela legislação vai fazer as entidades de terceiro grau, que representam os trabalhadores, serem as centrais sindicais, e não as confederações oficiais. Isso vai possibilitar às centrais sindicais acionar a justiça, em nome dos trabalhadores. Também vai possibilitar que elas façam representações coletivas em nome dos trabalhadores, apesar de não constar na matéria se as centrais sindicais terão poder de negociação ou não. Entretanto, pelo acordo já revisado no âmbito do Fórum Nacional do Trabalho, acredito que, nas centrais sindicais, não deve estar contemplada uma função de negociação coletiva. Além disso, há uma outra implicância muito importante. Ao se reconhecerem formalmente as centrais sindicais, se reconhecem as suas estruturas oficiais.

#### **A importância da central sindical**

A grande e principal mudança é que o trabalhador passaria a caminhar na perspectiva de fortalecer e dar prerrogativas sindicais para as centrais, para que elas possam, assim, se estruturar e atuar como entidade sindical no cenário brasileiro. Algumas categorias conseguem fazer isso hoje pelo seu poder, pela sua representação, mas sem garantia formal. Com base nessa mudança, isso vai ser garantido, o que eu vejo como positivo. O grande problema e a grande necessidade do sindicalismo brasileiro é ter uma força de unidade mais geral, que seja capaz de alavancar os outros trabalhadores. E essa é uma luta extremamente desigual. Pela sua função na sociedade, a central sindical precisa olhar todas as classes de trabalhadores, inclusive aquelas que não estão na base das corporações tradicionais, ou seja, os metalúrgicos, bancários, servidores públicos, os trabalhadores dispersos, os informais, os sem-carteira, os autônomos, os que têm relação de

emprego encoberta, os que estão na ilegalidade.

#### **IHU On-Line - E qual sua opinião sobre a ratificação da convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT)? O que faria parte desta ratificação?**

**Dari Krein** - Essa é a Convenção 151. No Brasil, temos o seguinte problema: a partir da Constituição de 1988, os servidores públicos têm reconhecido o direito de se organizar em entidade sindical, inclusive têm assegurado o direito à greve, mas é preciso que ela seja regulamentada e até hoje não foi explicitamente, o que cria um certo vazio em relação a esse direito. Apesar desse reconhecimento, sem regulamentação não é assegurado o direito das entidades de servidores públicos no Brasil de realizar a negociação coletiva. A negociação, no setor público, depende da boa vontade do executivo de plantão. Ao se regulamentar isso formalmente, essas entidades dos servidores públicos, junto com a administração pública, terão um processo de negociação regular assegurado. Com isso, se corrige uma certa anomalia que temos no nosso arcabouço legal.

#### **Medidas em ano eleitoral**

Nesse ponto de vista, a minha análise é de que essas medidas anunciadas vêm num ano eleitoral como uma forma de dizer que a reforma sindical não foi absolutamente enterrada, que não foi um fracasso absoluto. É para que as pessoas digam: "alguma coisa foi feita". Os aspectos centrais da relação de emprego, porém, que precisam ser enfrentados para se ter uma reforma sindical propriamente dita, não estão nesse pacote, pelo menos nas questões aqui anunciadas. Eles foram objeto de discussão no Fórum Nacional do Trabalho, e como resultado desta discussão, o governo chegou a apresentar uma proposta de emenda constitucional e preparou um projeto de lei que não encaminhou ainda para o Congresso Nacional. Essa proposta não encontrou sustentação na sociedade brasileira e foi praticamente abandonada. Agora ele vem

com propostas de uma reforma pontual, atendendo algumas demandas específicas do movimento dos trabalhadores.

### **Uma reforma que não aparecerá na campanha eleitoral**

O que é positivo e importante nisso, é que a tendência mais geral, em relação ao trabalho, inclusive do ponto de vista internacional, veja agora todas as manifestações da França, e a demanda do setor empresarial é que a questão da reforma trabalhista será objeto de discussão no próximo governo. E isso não está colocado no pacote, pelo menos pelas informações disponíveis nesse momento, apesar de Lula, em 2002, ter falado da necessidade de mexer no Fundo de Garantia e fazer uma revisão do abono de férias, não há nenhuma proposta nesse sentido. Essa será uma questão que tende a não se evidenciar na campanha eleitoral, mas deverá estar presente no próximo governo, por pressão dessas amenizações sociais. Alckmin até chegou a anunciar em uma entrevista que, no primeiro dia do seu mandato, caso fosse eleito, colocaria na mesa do Congresso Nacional uma reforma trabalhista e tributária. Isso, todavia, muda com os acontecimentos da França, que mostraram uma reação muito forte da sociedade a essa lógica de desconstituir direitos e de flexibilizar o trabalho, ou seja, permitir que o mercado regule a relação de emprego. Esta é a lógica da flexibilização: tirar a regulação do espaço público, da norma coletiva ou da lei, e fazer com que essa regulação seja dada para o mercado. Esse aspecto não deve aparecer na campanha, porque ele tende a uma avaliação negativa da população, no Brasil também. Então ele pode tirar voto, portanto nenhum candidato vai explicitar isso. Entretanto, eu acredito que, no próximo período, isso estará em discussão na sociedade brasileira, de forma bastante sutil, como apareceu já no final do governo Fernando Henrique.

### **O negociado prevalecendo ao legislado**

Não há a tendência de ter uma proposta do tipo “vamos retirar todos os direitos dos

trabalhadores”. A proposta que o setor empresarial e os setores mais conservadores demandam é introduzir um sistema de relações de trabalho em que o negociado prevaleça sobre o legislado. Ou seja, pela negociação seria possível alterar as normas coletivas ou as normas escritas na legislação. A preocupação fundamental, quando eu analiso essa questão, é a tendência da presença dessa lógica da flexibilização das relações de emprego na pauta de uma reforma trabalhista. Pelo menos isso não está explicitamente colocado. Por isso, esse pacote é uma reforma pontual de algumas medidas, para dizer que alguns aspectos da reforma trabalhista ocorreram. Temos que olhar, de fato, a regulamentação delas, porque aqui elas estão só anunciadas e não tendem a ter um aspecto negativo. Fazem parte de um chamado “pacote de bondades” do Lula na campanha eleitoral, atendendo ao interesse específico de um segmento.

### ***IHU On-Line - Como resolver a polêmica sobre o projeto de lei que regulamentaria a terceirização de mão-de-obra?***

**Dari Krein** - Não temos uma legislação que regulamenta claramente a terceirização. Temos uma certa jurisprudência que diz que a terceirização não pode ocorrer em atividade fins, só em atividades meios. Isso advém da própria legislação que regulamenta o trabalho temporário. Depois, tivemos o enunciado do Tribunal Superior do Trabalho, chamado 331, que tornou ainda mais confusa essa regulamentação, ampliando a possibilidade da terceirização, inclusive em atividades não-eventuais. Esse é um ponto absolutamente polêmico. Eu não vejo que tenhamos hoje co-relação de forças suficiente para poder fazer uma regulamentação mais positiva da terceirização. Fazer a discussão sobre isso é importante, porque a terceirização é a forma mais acabada da precarização do trabalho existente no Brasil e é a forma que tem maior impacto e efetividade de flexibilização no mercado de trabalho brasileiro.

### **A terceirização. As quatro maneiras de precarizar as relações de trabalho**

A terceirização se expressa de quatro maneiras diferentes nesse aspecto da precarização: primeiro, ela se manifesta como uma forma de reduzir salário e benefício. Não necessariamente se contrata o terceirizado sem carteira. Um exemplo muito simples: a Unisinos deve ter uma empresa de limpeza e conservação. Com certeza, a remuneração desses trabalhadores e o número de benefícios são muito menores do que a de qualquer funcionário da Unisinos. Essa é uma forma de como a terceirização expressa essa precariedade e ela é extremamente utilizada em empresas estatais e de utilidade pública.

O segundo tipo de terceirização se dá por meio da intermediação da mão-de-obra, com os chamados contratos temporários. Temos as agências de emprego, que alocam o trabalhador para as empresas. Esse trabalhador acaba tendo uma relação absolutamente diferenciada com os trabalhadores da empresa principal.

A terceira expressão da terceirização é o que chamamos de relação de emprego encoberta. Ao invés de contratar funcionários, a empresa contrata cooperativas de mão-de-obra, pessoas jurídicas, estagiários ou autônomos. No fundo, eles são empregados, só que não têm a relação de contrato de empregado, mas um outro tipo de contrato que esconde essa relação. A grande vantagem das empresas, e de vez em quando com concordância inclusive dos trabalhadores, é reduzir as contribuições sociais. Então pagam menos INSS, não pagam Fundo de Garantia, não pagam as contribuições. Quem paga a conta, em última instância, é a sociedade, porque recolhe menos tributo, menos contribuições sociais e encargos.

A quarta modalidade é a terceirização como expressão da informalidade. É representada pela costureira, pelo sapateiro, que tem o próprio negócio, mas faz uma parte do tênis e do sapato, ou fecha parte da roupa para uma empresa, mas trabalha por conta, sem registro em

nada, muitas vezes. É uma relação em que, muitas vezes, predomina a informalidade. O problema da regulamentação da terceirização é que ela se expressa de forma muito diferente em cada setor econômico. Eu citei essas quatro formas para mostrar como ela se expressa diferentemente. Ter uma lei geral para regulamentar tudo é muito difícil.

### **Três pontos importantes a serem assegurados na terceirização**

Seria imprescindível assegurar três pontos básicos: o primeiro é garantir que não haja diferenciação nos direitos; o segundo, que seja responsabilizado solidariamente o tomador do serviço da terceirizada; o terceiro, é que todos os terceirizados sejam considerados como membros da categoria sindical predominante, ou seja, que a convenção coletiva e a negociação feita para a categoria principal também sirva para os terceirizados. Isso seria do ponto de vista ideal da regulamentação, porque do ponto de vista real temos hoje a absoluta precariedade.

### ***IHU On-Line* - Qual a importância do combate à precarização do trabalho para a sociedade?**

**Dari Krein** - Essa é uma questão central para se pensar. No período recente, têm prevalecido mudanças muito substantivas na regulação do trabalho, e elas nem sempre vêm da lei. Elas vêm pela dinâmica do mercado e até pela fragilização das instituições públicas, que não têm capacidade de regulamentar ou de conter esse processo de precarização. Mais do que nunca, na hora de se pensar qualquer perspectiva de reforma nessa área, deve-se considerar o combate desse processo da precarização, da informalidade, da ilegalidade, que predomina hoje nas relações de trabalho. No fundo, a regulamentação do trabalho é a expressão de se ter uma sociedade mais civilizada ou menos civilizada, e ela não pode ser a expressão do mercado, que é a expressão da barbárie. A expressão da sociedade depende de se ter um grau de civilidade que precisa estar expresso nas relações de

trabalho. É importante repercutir, mas os atores sociais devem ficar atentos ao movimento real que temos hoje, que tende a fragilizar essa regulação pública. Partindo desse princípio, é necessário regulamentar o trabalho mesmo em segmentos para não-assalariados, exatamente para evitar essa

concorrência predatória. Em uma sociedade mais civilizada, se pressupõem atores sociais fortes. Quanto menor a regulação do mercado, menor a concorrência, maior o poder de intervenção dessas entidades e maior força para elas.

## As mudanças do movimento sindical americano

Entrevista com Leila de Menezes Stein

”A principal mudança, constatada na minha pesquisa, está no reconhecimento e na importância atribuída pelas centrais sindicais à organização do trabalhador informal, aqueles em tempo parcial e na defesa dos migrantes”, afirma a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila de Menezes Stein do Departamento de Sociologia e Programa de Pós-graduação em Sociologia/FCL-Ar/Unesp.

Entre as linhas de pesquisa da professora da Unesp, se destaca o estudo do Sindicato e Trabalho Informal nos Estados Unidos. Durante a III Reunião Intermediária do GT ANPOCS - Trabalho e Sindicatos na Sociedade Contemporânea, realizado em Curitiba nos dias 03 a 05 de abril de 2006, a Prof.<sup>a</sup> Leila Stein apresentou o resultado parcial de sua pesquisa intitulado Trabalho informal, globalização e sindicato norte americano hoje. Algumas formas de resistência.

Em entrevista à revista *IHU on Line* e ao boletim CEPAT Informa a professora considera que o movimento a favor dos Janitors (faxineiros) se trata de uma grande novidade dos últimos anos com participação do movimento sindical americano.

A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias*, de 21 de abril de 2006.

***IHU On-Line - A senhora tem estudado o sindicalismo americano e constatado que importantes mudanças têm ocorrido no poderoso complexo sindical AFL-CIO. Que mudanças são essas?***

**Leila Stein** - A principal mudança, constatada na minha pesquisa, está no reconhecimento e na importância

atribuída pelas centrais sindicais à organização do trabalhador informal, aqueles em tempo parcial e na defesa dos migrantes. A central sindical AFL-CIO (American Federation of Labor and Congress for Industrial Organization), por exemplo, definiria, em 1995 com a eleição do presidente John Sweeney, como tarefa, a organização sindical em massa e a

fundação de novos sindicatos tendo como modelo o *rank and file* (termo correlato ao nosso "organização pela base"). Partindo de inúmeros estudos da composição do trabalho, do comportamento e da opinião dos trabalhadores, estudos sociológicos em convênio realizado com a Universidade de Cornell, detectaram que o trabalhador migrante estrangeiro valorizava positivamente o sindicato.

Ora, esse trabalhador é aquele que ocupa os piores postos de trabalho e se submete às piores condições do mercado. John Sweeney traria para a presidência daquela central larga experiência em organização de base no trabalho informal. Uma das orientações adotadas por sua presidência seria justamente a defesa do direito à sindicalização proibida a todos que não têm o *green card*. A central recém-formada *Change to Win*<sup>21</sup>, por exemplo, esteve fortemente envolvida, em abril deste ano, nas manifestações de algo como dois milhões de migrantes em todos os Estados Unidos contra a lei que criminaliza o trabalhador migrante sem o *green card*. As razões da preocupação do sindicalismo americano com os imigrantes.

### **IHU On-Line - Qual a origem dessa preocupação do sindicalismo**

<sup>21</sup> **Change to Win:** Sindicatos americanos criaram em setembro de 2005 a *Change to Win* (Mudar para Vencer), uma federação alternativa à AFL-CIO. O índice de sindicalização da mão-de-obra norte-americana caiu de 35% nos anos 50 para 15% nos anos 90. Hoje é de 12,5% no total e apenas 7,9% no setor privado, o pior índice desde os anos 20. Essa decadência, somada à derrota eleitoral do candidato democrata John Kerry, em novembro de 2004, somou-se a precipitar a crise da tradicional central estadunidense e canadense AFL-CIO, nascida, em 1955, da fusão da moderada AFL, que desde 1886 reunia destacados sindicatos profissionais, com a algo mais agressiva CIO, fundada em 1935 para organizar novas indústrias de produção em massa. Em 27 de setembro, fundaram a nova central *Change to Win* (Mudar para vencer), aliados ao novo *United Here* (fusão do sindicato de trabalhadores em hotéis, restaurantes com o de lavanderia e costura, 450 mil). Os sindicatos *Laborers* (550 mil), de trabalhadores da construção civil e *UFW* (20 mil), de trabalhadores agrícolas, filiaram-se à nova central sem romper com a velha. O sindicato independente *Carpenters* (520 mil) também se uniu à nova central. (Nota da *IHU On-Line*)

### **americano com o trabalhador "subterrâneo", estrangeiro e não white.**

**Leila Stein** - Muitas são as repostas possíveis a esta pergunta. Uma delas se refere às imensas proibições ao sindicato em suas práticas de assinar contratos coletivos. Os governos norte-americanos, a partir dos anos 1980, encabeçaram uma verdadeira "guerra ao sindicato", expressão essa utilizada pelos estudiosos do trabalho norte-americano para descrever a tolerância zero aos acordos coletivos.

Esta guerra teve seu início nos setores aço, automobilístico e companhias aéreas. A inovação tecnológica teria sido o estopim que, ao colocar o sindicato na defensiva, acabaria por condicionar concessões descaracterizadoras da prática sindical. O empresariado faria a sua parte e usaria o argumento da possibilidade de deslocamento, ou o efetivo deslocamento, das plantas industriais para outras regiões do globo, ao mesmo tempo que realizaria o que se chama de "programas para evitar o sindicato", item dos programas de reengenharia e de treinamento dos gerentes. Listas negras, demissões e perseguições tornaram-se prática recorrente e transformaram a adesão ao sindicato assunto de prejuízo e de alto risco.

Além disso, o sindicato norte-americano é um sindicato de ação, de sócios e de negociar contratos coletivos. Na minha opinião, foram buscar aqueles para os quais o risco de pertencer a um sindicato é zero, na medida em que já estão no gueto da sociedade moderna.

### **Movimento a favor dos Janitors**

#### **Movimento a favor dos Janitors (faxineiros) e o que ele apresenta de novo?**

**Leila Stein** - Este movimento é emblemático nesta campanha pela sindicalização. Nascido em Los Angeles - na costa Oeste - no início dos anos 1990, o movimento dos faxineiros pelo direito ao sindicato e ao contrato coletivo contou com o apoio de recursos humanos e financeiro da AFL. Ensinando o inglês,

ensinando os direitos do *welfare state*, ela esteve presente nos dez anos em que se desenvolveria este conflito e chegariam juntos à assinatura do "primeiro contrato". Este sindicato iria se filiar a Service Employees International Union - SEIU, central que agrupa os sindicatos do setor de serviços. Reúnem-se na luta por direitos ONGs, como a Justice for Janitors e o movimento sindical. Enfrentam o trabalho temporário, empresas locadoras de mão-de-obra e formas diversas de escravidão pelas dívidas relativas à entrada ilegal no território nort-americano.

### **A crise do movimento sindical americano**

#### **IHU On-Line- Em uma perspectiva mais ampla, o movimento sindical americano está em crise?**

**Leila Stein** - Bom, diante dos fatos que enunciei é difícil colocar que este movimento está em crise. Na minha opinião, a crise é do modelo e da força que o sindicato tinha no regime fordista-keynesiano de acumulação.

Novos são os setores que merecem a atenção do sindicato que organiza, principalmente, o setor em que o emprego mais cresce, que é o de serviços. As greves que a central United Food and Commercial Workers realizou contra as três maiores cadeias de supermercados - entre elas a Wall Mart - no ano de 2003, simbolizam a combatividade daquele sindicato. Estas greves seriam o início da luta pela defesa dos direitos inerentes ao *welfare*, tais como: manutenção de seguros de

saúde pagos pelo patronato, pelo selo alimentação, pela continuidade do Programa federal do Serviço Social. De todo modo, a derrota de duas greves simboliza a crise do velho sindicato. A greve dos Controladores de Vôo dirigida pela Professional Air Traffic Controllers Organization - a PATCO - iniciada em agosto de 1981 envolveria 17.500 associados na luta pelos direitos. As autoridades federais consideraram a greve ilegal, sujeita a multas pesadíssimas e demitiriam 10 mil funcionários da Air Traffic Authority. Além disso, a justiça cassou o certificado da PATCO. Muitas perseguições seriam dirigidas aos membros da greve. Inaugurou-se o que recebeu o nome de Union Busting.

Outra greve emblemática por direitos seria a dos jornalistas do Detroit News-Free Press, com duração de dois anos, de 1995 a 1997, também prolongada e extremamente violenta. Derrotados trabalhadores e jornal - tradicional mídia - que deixa de circular, a greve tinha por objetivo a manutenção das prerrogativas legais de contratos assinados pelo sindicato. A intransigência empresarial, provinha do plano de substituir os trabalhadores permanentes por trabalhadores *part-time* e sem nenhum benefício (seguro, aposentadoria, plano de saúde e outros). Finalmente, penso que o modelo sindical fordista de barganhas coletivas e respeito a acordos assinados é que está em crise. Hoje o sindicato tem força na medida em que se reúne aos movimentos sociais e as ONGs que lutam por direitos.



# “O governo Lula está entregue de corpo e alma à ordem neoliberal”

Entrevista com Plínio de Arruda Sampaio jr.

Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line* o economista Plínio de Arruda Sampaio Filho Jr. foi categórico: “o governo Lula continuou e aprofundou as políticas neoliberais de seu antecessor”. Sobre a saída de Palocci e a entrada de Mantega, ele afirma que não pode haver dúvida: “O verdadeiro fiador da política econômica neoliberal é o próprio Lula. Tanto Dirceu como Palocci não passavam de operadores da política de Lula”. Na questão agrária, a atuação do governo Lula “é um vexame”, pois esse presidente “conseguiu ser pior do que FHC”. Ao invés de uma reforma agrária, pondera Plínio Jr., o governo Lula está fazendo o oposto, ou seja, “priorizando o latifúndio e as grandes corporações que controlam os negócios que caracterizam a agricultura capitalista contemporânea”. Confira essas e outras afirmações na entrevista que segue.

Filho do ex-deputado federal Plínio de Arruda Sampaio e um dos fundadores do PT, Plínio Jr. passou a adolescência no exílio, no Chile e nos EUA. Voltou ao Brasil e cursou economia na USP, em plena ditadura, época em que construiu seu estofo socialista. Leciona atualmente no Instituto de Economia da Unicamp. Em 17 de junho de 2003, junto com mais de 300 intelectuais e economistas, a maioria ligada ao PT, assinou e entregou o documento *Agenda Interditada – Uma Alternativa de Prosperidade para o Brasil*. O texto, do qual Plínio Jr. é um dos mentores, acusa a equipe econômica de estar levando o Brasil para um “beco sem saída”, cobra a abertura de um debate com a participação da sociedade e apresenta uma lista de sugestões para livrar o país do “totalitarismo do mercado”.

***IHU On-Line* - Levando em consideração o documento “Agenda Interditada - Uma Alternativa de Prosperidade para o Brasil”, houve a esperada guinada na política econômica brasileira ou continuamos num beco sem saída?**

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - No início, o governo Lula justificou a continuidade da política econômica sob o argumento de que não se poderia dar “cavalo de pau” num porta-aviões. O alto comando petista pedia paciência. Todos reafirmavam o compromisso de realizar mudanças, mas ressaltavam que, para evitar aventuras,

elas precisariam ser graduais. Não foi o que ocorreu. Na verdade, não havia a menor disposição de mudança. O governo Lula continuou e aprofundou as políticas neoliberais de seu antecessor. Isso fica claro não apenas na orientação ortodoxa da política macroeconômica e na implementação de uma agenda de reformas reacionária, ditada pelo FMI e pelo Banco Mundial, mas também no caráter da política social, baseada em medidas compensatórias, na natureza de sua política de meio ambiente, subordinada às exigências do “agro-business”, na política indigenista, sempre relegada a um papel residual e compensatório, etc. Enfim, por todos os ângulos em que se observe o governo Lula, encontraremos uma “continuidade sem continuísmo”, para utilizar o slogan de seu adversário de campanha em 2002.

***IHU On-Line - O governo Lula abriu-se ao debate solicitado pela Agenda Interditada?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - Existia uma grande expectativa de que o governo Lula propiciasse uma maior abertura no debate sobre os rumos da política econômica. Apesar de seu conservadorismo, muitos imaginavam que o governo federal quebraria o monopólio absoluto da agenda liberal. Acreditavam que a marginalização dos postos de comando seria, assim, como uma espécie de prêmio de consolação, compensada com recursos para a pesquisa. Mas nada mudou. Os recursos continuaram canalizados para os centros de investigação controlados pelos conservadores. A mediocridade e o conservadorismo da produção do IPEA no último triênio é uma prova cabal de que não houve o menor interesse em fomentar um debate qualificado sobre o futuro do Brasil. Tal fato só tem uma explicação. O governo Lula está entregue de corpo e alma à ordem neoliberal. O “medo pânico” em relação a qualquer atitude que pudesse abalar a “confiança” da comunidade econômica internacional levou-o a reforçar a interdição do debate econômico. Após o governo Lula, o senso

comum de que não há alternativa de política econômica viável ao neoliberalismo ficou ainda mais forte.

***IHU On-Line - Por que a saída de Palocci não representa uma mudança substancial em nossa economia?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - Muitos acreditaram na idéia de que o governo Lula estava em disputa. Confundindo a luta pela ocupação de espaço nos aparelhos de Estado com a defesa de projeto político distintos, alguns chegaram a identificar uma polarização entre supostos desenvolvimentistas, liderado por José Dirceu, e convictos monetaristas, capitaneados por Palocci. Nada como um dia atrás do outro para desfazer ilusões. Varrido por uma enxurrada de escândalos, Palocci passou e a política econômica permaneceu incólume. Ninguém pode ter qualquer dúvida. O verdadeiro fiador da política econômica neoliberal é o próprio Lula. Tanto Dirceu como Palocci não passavam de operadores da política de Lula.

***IHU On-Line - Em caso de reeleição, acredita que a política econômica de Lula seja mantida? Se for, quais seriam as conseqüências para o desenvolvimento do Brasil?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - A opção de Lula pelo neoliberalismo é estratégica e não tática. Na eventualidade de um segundo mandato, não tenho dúvida que não haverá grandes surpresas na política econômica. Podem ocorrer mudanças pontuais e, dependendo da conjuntura internacional, uma atenuação do draconiano ajuste monetário e fiscal imposto ao povo brasileiro, mas não acredito que exista a menor possibilidade de uma mudança qualitativa de rumo. Os eixos fundamentais da política econômica – abrir oportunidades de negócios para o grande capital; gerar megassuperávits comerciais para pagar a dívida externa; e produzir gigantescos superávits fiscais para alimentar os rentistas do Estado – permanecerão os mesmos. As conseqüências desta política para o Brasil

são dramáticas. Ao desarticular o sistema econômico nacional, aumentar o desemprego e a precarização das relações de trabalho, intensificar a desnacionalização da economia, acirrar a crise federativa que ameaça a própria unidade nacional, dismantelar os centros internos de decisões e intensificar o mimetismo cultural, o neoliberalismo desencadeia um processo de reversão neocolonial que coloca em risco a própria sobrevivência do Brasil como sociedade nacional.

***IHU On-Line - Como podemos entender a posição do governo Lula em relação ao FMI? É possível fazer alguma comparação com as relações que outros governos mantêm com o FMI, como a Argentina, por exemplo?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - O grau de subordinação do governo Lula em relação ao FMI surpreendeu até os seus mais severos críticos. Isso fica patente logo no início da administração quando, antecipando-se ao Fundo, Palocci comprometeu-se com a realização de um superávit fiscal heróico, muito superior ao que o próprio Fundo pediria. E fica evidente também na antecipação do pagamento da dívida com o Fundo – medida que só beneficiou o próprio Fundo. A incapacidade de defender os interesses nacionais diante do Fundo fica ainda mais evidente quando comparamos os termos do acordo obtido pelo Brasil e o conseguido pela Argentina. Mesmo em condições de altíssima vulnerabilidade externa e precária estabilidade política, o governo Kirshner obteve melhores condições em todos os quesitos do acordo.

***IHU On-Line - Como entende a condução da questão agrária pelo governo atual?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - A atuação do governo Lula na questão agrária é um vexame. Lula conseguiu ser pior do que FHC. É uma façanha. Quem diz isso são os próprios sem-terras. Acaba de sair uma publicação da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA) que corrobora as

críticas dos sem-terras. Fica claro que falta ao governo Lula “vontade política” para fazer uma verdadeira reforma agrária. Pior ainda. Ao fazer uma opção preferencial pelo “agronegócio”, o governo Lula começou a remontar uma economia de tipo colonial, isto é, voltada para o atendimento do mercado internacional, baseada em grandes propriedades, monocultura, mão-de-obra barata e depredação do meio ambiente. Em outras palavras, o governo Lula está fazendo o oposto de uma reforma agrária, está priorizando o latifúndio e as grandes corporações que controlam os negócios que caracterizam a agricultura capitalista contemporânea. Sua política agrária é enxugar gelo. Não mexe nas estruturas responsáveis pela pobreza no campo. Ao contrário, tende a agravá-la.

***IHU On-Line - Em relação às reformas propostas por Lula, quais são seus pontos positivos e negativos?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - As reformas implementadas pelo governo Lula não possuem aspectos positivos. Elas não foram feitas para ampliar o direito dos trabalhadores e aumentar a autonomia do Estado nacional, mas justamente o contrário. O aprofundamento das reformas liberais atende aos interesses do grande capital internacional, dos organismos financeiros internacionais e do Estado norte-americano. A reforma da previdência foi feita, basicamente, para gerar um grande negócio para o capital financeiro. A reforma universitária não apenas incentiva a mercantilização e a privatização do ensino superior como também abre brechas para a sua internacionalização. As medidas tomadas para aumentar a autonomia do Banco Central significam uma usurpação do poder da sociedade brasileira decidir sobre questões monetárias. A parceria público-privada é, por assim dizer, uma nova modalidade de privatização.

***IHU On-Line - Há alternativas para a América Latina fugir do totalitarismo do mercado? Quais seriam?***

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - A história não acabou. Cuba é um exemplo vivo de que nem todos sucumbiram ao neoliberalismo. Com tudo que Cuba passou na década de 1990 e que continua passando em razão do cerco econômico imposto pelos Estados Unidos, a taxa de mortalidade infantil é cerca de seis vezes inferior à brasileira e a expectativa de vida do cubano uns cinco anos a mais. Fica claro, portanto, que existem alternativas. O problema é que para alcançar uma organização alternativa da economia e da sociedade é preciso fazer uma ruptura profunda com a ordem vigente. Sem rupturas profundas com o capital financeiro internacional, sem uma mudança qualitativa na estrutura de prioridade da sociedade brasileira, é impossível enfrentar o problema da pobreza, da desigualdade social, da falta de autonomia do Estado nacional. Não acredito que tal movimento possa ser feito sem colocar em questão a própria ordem capitalista.

**IHU On-Line - Quais são as perspectivas econômicas que se pode aguardar dos novos governos da América Latina, como o de Evo Morales, o de Bachelet, o de Vázquez?**

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - Os últimos anos revelam que o povo latino-americano busca desesperadamente sair do neoliberalismo e que não é fácil sair do neoliberalismo. O governo de Hugo

Chávez, na Venezuela, é o que tem levado a ruptura com a ordem global mais longe, mas ainda lhe resta um longo caminho a percorrer para consolidar uma trajetória alternativa. O governo de Bachelet, no Chile, está perfeitamente enquadrado no neoliberalismo. Bachelet só pode ser entendida como um governo de esquerda se estivermos falando da esquerda do modelo econômico imposto pelo general Pinochet no Chile. Os socialistas chilenos são a esquerda no “pinochetismo”. Nada mais do que isso. O governo Evo Morales, na Bolívia, é uma esperança. Se o movimento indígena e popular continuar mobilizado nas ruas, exigindo reformas a favor do povo, a Bolívia vai abrir uma nova frente de luta contra a ordem global.

**IHU On-Line - É possível darmos o atestado de óbito à ALCA ou ela ainda pode surgir de outras formas?**

**Plínio Arruda Sampaio Jr** - A ALCA expressa o projeto de dominação imperial dos Estados Unidos na América Latina. Sua implantação representaria uma mudança de qualidade no processo de reversão neocolonial em curso. A ALCA, tal como originalmente proposta, pode ter perdido fôlego, mas não está morta. A ALCA só deixará de ser uma ameaça no dia em que os povos latino-americanos que se levantam contra o projeto de reversão neocolonial, forem vitoriosos.

# **destaques da semana**

<b>Entrevistas da Semana</b>	<b>pg. 37</b>
<b>Teologia Pública</b>	<b>pg. 49</b>
<b>Deu nos jornais</b>	<b>pg. 55</b>
<b>Frases da semana</b>	<b>pg. 57</b>

# Entrevistas da semana

## “Eu creio numa universalidade de combate”

### Entrevista com Slavoj Zizek

Intelectual inclassificável, Slavoj Zizek é hoje uma das figuras mais conhecidas da Europa filosófica. Nascido em Ljubljana, em 1949, exilado na França no início dos anos 1970, ele vive agora entre sua Eslovênia natal, a Argentina e os Estados Unidos. Ele produziu uma obra original, em que as referências marxistas e psicanalíticas se misturam ao cinema hollywoodiano, para inventar uma radicalidade para um horizonte enigmático. Publicou *La Marionnette et le nain. Le christianisme entre perversion et subversion*. Paris: Seuil, 2006.

Zizek publicou numerosas obras, que estão traduzidas nos quatro cantos do mundo. Desde o fim dos anos 1980, alguns deles apareceram em francês, primeiro em pequenos editores, depois nas casas mais importantes. Citemos notadamente *O Mais Sublime dos Históricos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, *Le spectre rôle toujours. Actualité du Manifeste du Parti Communiste* (Nautilus, 2002), *Vous avez dit totalitarisme ? Cinq interventions sur les (més) usages d'une notion* (Amsterdam, 2004), *Plaidoyer en faveur de l'intolérance* (Climats, 2004), *Bem-Vindo ao Deserto do Real*! São Paulo: Boitempo, 2003.

De Zizek publicamos o artigo *O credo da paixão descafeïnada*, na edição número 91, da revista *IHU On-Line*, de 08 de março de 2004. Na edição 174, de 3 de abril de 2006, publicamos como *Entrevista da Semana* intitulada “*Se um fármaco pode tornar-me mais valente, mais lúcido e mais generoso, como fica a ética?*”, publicada originalmente no jornal *El País*, em 25 de março de 2006, e realizada por Enric González. A entrevista que segue abaixo, por nós traduzida, foi publicada no *Le Monde des Livres* em 6 de abril de 2006 e reproduzida originalmente no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias*, em 22 de abril de 2006.

**Em *La Marionnette et le nain (A marionete e o anão)*, o senhor explora o estatuto da fé em nossa sociedade. A crença, diz, não pode mais se**

**assumir publicamente, ela se torna um “segredo pessoal e obscuro”. O senhor é “crente”?**

**Slavoj Zizek** - Eu sou absolutamente ateu. Entretanto, o problema é que eu, como ateu, sou contra a filosofia da finitude, eu sou daqueles que querem reabilitar a noção de infinito, para pensá-la de um ponto de vista materialista. Por isso, se você me pergunta, como o gangster dos filmes americanos, com um revólver na testa, “o que você é realmente?”, eu responderia, não obstante: “um hegeliano”. Quando eu falo de Kant<sup>22</sup>, e dos filósofos idealistas alemães, e quando eu utilizo Lacan<sup>23</sup>, meu desejo último é uma leitura de Hegel<sup>24</sup>. Mesmo

<sup>22</sup> **Immanuel Kant (1724-1804)**: Filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>23</sup> **Jacques Lacan (1901-1981)**: Psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>24</sup> **Friedrich Hegel (1770-1831)**: Filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

contra os críticos de Marx<sup>25</sup> ou de Kierkegaard<sup>26</sup>, eu defendo Hegel, pois eu creio que ele é o mais radical. É o meu horizonte, sim, e isso é muito misterioso. Já no liceu eu tive, como dizer, esta epifania: Hegel!

### **O senhor cita Chesterton, que diz a que ponto é difícil ser ateu...**

**Slavoj Zizek** - A idéia central de meu livro é precisamente que aí está o nó traumático do cristianismo. Quando se é ateu, com efeito, se tem sempre, como diz Lacan, um grande Outro que aí crê por nós. Mas, aceitar que o próprio Outro não creia, isso se passa somente no cristianismo. Existe esta bela interpretação de Chesterton<sup>27</sup>, quando ele diz que nesse momento na cruz, quando o Cristo pergunta: “Pai, por que me abandonaste?”,

<sup>25</sup> **Karl Heinrich Marx (1818 - 1883)**: Filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, no último dia 23 de junho. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>26</sup> **Soren Kierkegaard (1813-1855)**: filósofo dinamarquês existencialista. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Sobre Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Álvaro Valls, professor da Unisinos, à *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>27</sup> **Gilbert Keith Chesterton (1874 - 1936)**: Escritor britânico. crítico e autor de versos, ensaios, novelas e de curtas histórias. É, provavelmente, mais conhecido por sua série sobre o padre-detetive Father Brown, que apareceu em 50 histórias. Entre 1900 e 1936, Chesterton publicou cerca de cem livros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>28</sup>é o momento catastrófico em que o próprio Deus é ateu. Ou seja, para formulá-lo nos termos de Hegel: a distância que separa o homem de Deus é transposta no próprio Deus. Para mim, também, esta é uma experiência existencial muito traumática. Para dar um exemplo: a filósofa Agnes Heller<sup>29</sup>, que é uma anciã deportada, me disse que, nos campos nazis, além da separação fundamental que existia entre aqueles que ainda se atinham à sua vida e aqueles que já estavam resignados à morte, havia igualmente uma terceira categoria, mítica esta: na barraca ao lado, esperava-se alguém que ajudasse os outros, que permanecesse ético, em suma, que ainda cresse. Ela me disse que o momento mais trágico era aquele em que se encontrava este personagem, e onde se compreendia que ele era como os outros. Então, é fácil ser um não-crente, mas é muito mais difícil aceitar que não há um grande Outro, suscetível de crer por nós. É esta a lição do cristianismo. Hegel tem esta bela frase: quem está morto na cruz, não é o representante de Deus, mas o próprio Deus do além. O que resta é o Espírito Santo: nós somos responsáveis. Para mim, a verdadeira comunidade dos crentes é aquela que não tem um grande Outro.

**"Os fundamentalistas não crêm. Eles sabem. Este é o problema!"**

**Os diversos "fundamentalistas" religiosos poderiam pretender encarnar este grande Outro. O senhor**

<sup>28</sup> O texto é do Evangelho de Marcos, capítulo 15, versículos 34: "Pelas três horas da tarde, Jesus deu um forte grito: "Eloi, Eloi, lama sabactâni?", que quer dizer: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?". Sobre o texto pode ser consultada a obra Francine BIGAQUETTE. **Le cri de déréliction de Jésus en croix. Densité existentielle et salvifique.** Paris: Cerf, 2004, 496 pp (Nota da IHU On-Line)

<sup>29</sup> **Agnes Heller** (1929): Discípula de Lukács, foi professora de sociologia na Universidade de Trobe, na Austrália. Atualmente leciona na New School for Social Research, em Nova Iorque. Tem várias obras publicadas com Ferenc Fehér, que também é húngaro e discípulo de Lukács, além de lecionar na mesma universidade. (Nota da *IHU On-Line*)

**parece negar-lhes este direito. Por quê?**

**Slavoj Zizek** - O problema dos fundamentalistas é que eles não crêm: eles sabem. O que me espanta, quando eu falo com fundamentalistas cristãos nos Estados Unidos, é que, para eles, as proposições de fé são tão simples como as de um saber positivo. Eles são "fanáticos" por ciência e, aos seus olhos, a encarnação de Jesus é um fato que tem o mesmo estatuto que a estrutura do átomo. Se bem que o fundamentalismo não seja, como se diz com freqüência, um perigo para o saber secular; não, ele é um perigo para a própria fé, pois eles perderam a crença autêntica, o credo *quia absurdum* ["creio porque é absurdo"], este engajamento ao impossível, que diz: eu sei que isso é impossível, mas, não obstante, eu creio. Tomemos o exemplo dos direitos humanos: esta idéia de que, a despeito de todas as diferenças, há direitos universais. Isso é um artigo de fé pura. Há aí, não um saber objetivo, mas uma decisão subjetiva, um engajamento ético-político incondicional. É assim que isso funciona! Já há algo semelhante no judaísmo, algo que é preciso salvar: não existe ética, no sentido próprio, sem crença. É nisso que eu estou de acordo com Jacques Rancière<sup>30</sup>, quando ele defende a retórica dos direitos humanos, dizendo que eles não devem ser naturalizados, que eles não

<sup>30</sup> **Jacques Rancière**: filósofo argelino, professor na universidade de Paris 8. **Pensa** a história, a sociedade, os movimentos políticos ou o cinema. É colaborador freqüente da lendária revista *Cahiers du Cinéma* - de forma a apresentar ao seu leitor e ouvinte um novo contexto e, como consequência, uma nova possibilidade para se entender a cultura, o poder ou a força das ideologias. Um dos colaboradores do pensador Louis Althusser no volume *Lire le Capital* (Ler o Capital). É o autor de *Os nomes da história - Um ensaio de poética do saber* (Educ), *Políticas da escrita, O desentendimento: política e filosofia* (ambos pela ed. 34) e *O mestre ignorante* (ed. Autêntica), entre outras obras. Esteve no Brasil em 2005, quando participou do *Congresso Internacional do Medo*, que aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro. (Nota da *IHU On-Line*)



são a propriedade do homem, que o direito humano mais fundamental é o direito à universalidade, ou seja, a preencher o vazio e a engajar-se. É esta a verdadeira fé, da qual se necessita hoje em dia.

### **A herança judaica de Paulo e o novo tipo de espaço coletivo**

**Alain Badiou faz de São Paulo um pregador ativista, cuja herança militante permitiria refundar uma política de vanguarda. O senhor faz do projeto paulino um verdadeiro empreendimento leninista...**

**Slavoj Zizek** - Eu estou de acordo com Badiou<sup>31</sup>, para encontrar na herança judaica de Paulo<sup>32</sup> um novo tipo de espaço coletivo, aquele que se encontra nas comunidades de crentes e, por vezes, nos partidos revolucionários, e até mesmo nas sociedades psicanalíticas. Toda a

---

<sup>31</sup> **Alain Badiou** (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme*. Paris: PUF, 1997, várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>32</sup> **Paulo de Tarso** (3 – 66 d. C.): Nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

questão é de encontrar uma nova forma do campo social e político. Atualmente, nós vivemos numa sociedade pluralista, ou numa sociedade onde, sem cessar, é preciso se destacar de sua própria posição, procurar um campo comum etc. Contra isso, aquilo de que gosto em Paulo, é a idéia, mais preciosa que nunca, que o único caminho para a verdadeira universalidade é a da tomada de posição. A verdade universal é parcial e ela própria é engajada. É este lado da religião combativa que eu quero ressuscitar, e é por isso que eu tenho sérios problemas com toda a lógica do multiculturalismo<sup>33</sup>, com noções como a de “tolerância” ou de aprendizagem das “diferenças”. Eu creio numa universalidade de combate.

### **Vivemos uma época vazia em que é preciso manter o espaço aberto**

**O senhor cita Marx, Lenine<sup>34</sup>, Rosa Luxemburgo... Quando os teóricos comunistas procedem à crítica da “alienação” religiosa, eles o fazem em nome duma justiça profana por vir. No senhor se distingue mal este horizonte.**

**Slavoj Zizek** - É preciso admiti-lo: minha posição é negativa. Eu não aceito a lógica

---

<sup>33</sup> **Multiculturalismo**: Também conhecido como pluralismo cultural, é um termo que descreve a existência de muitas culturas numa localidade, cidade ou país, sem que uma delas predomine, porém separadas geograficamente e até convivialmente no que se convencionou chamar de “mosaico cultural”. O Canadá e a Austrália são exemplos de multiculturalismo; porém, alguns países europeus advogam discretamente a adoção de uma política multiculturalista. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>34</sup> **Vladimir Ilyitch Lenin (1870-1924)**: Originariamente chamado de Vladimir Ilyitch Uliânov. Revolucionário russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Rusa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. (Nota da *IHU On-Line*)

normativa de Habermas<sup>35</sup>: para combater a injustiça, seria preciso ter um outro modelo. Ora, o que vem em primeiro lugar é a experiência da injustiça. É uma idéia cristã um pouco revolucionária, que a solidariedade nasce no sofrimento. “Estamos todos no mesmo combate”, eis a forma primeira do universalismo para mim. É daí que se abre, como um lugar vazio, se quiser, a perspectiva da justiça. Então, como formular esta questão da justiça sem cair no ressentimento? Eu reli recentemente um texto, no qual Jean Améry<sup>36</sup> afirma que ele quer reabilitar o direito ao ressentimento. Punir os nazistas, diz ele, é impossível. Perdoar, também. A única coisa que eu posso fazer é a de assinalar meu ressentimento. Isto é interessante: talvez seja preciso, contra Nietzsche<sup>37</sup>, reabilitar o ressentimento, não

---

<sup>35</sup> **Jürgen Habermas** (1929): Filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a habilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>36</sup> **Jean Améry** (1912-1978): Escritor e filósofo austríaco, pseudônimo de Hans Mayer, trocado após o final da II Guerra Mundial. Recusou-se a escrever em alemão por muitos anos. Mudou-se para a Bélgica para fugir dos nazistas, e quando estes invadiram a cidade, participou ativamente da resistência. Foi capturado e mantido prisioneiro nos campos de concentração de Auschwitz, Buchenwald e Bergen-Belsen, e liberado em 1945. De suas obras, citamos *Más allá de la culpa y la expiación*, *At the Mind's Limits: Contemplations by a Survivor On Auschwitz and its Realities* e a emblemática *On Suicide*. Cometeu suicídio em 1978. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>37</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização

como impotência, mas como direito fundamental de assinalar sua experiência da injustiça sem possuir um programa positivo. As pessoas que estão no poder dizem sempre a mesma coisa: logo que formulamos uma crítica, eles respondem: “Sim, sim, mas você tem um programa positivo?”. Seguramente não se tem nenhum! Nós vivemos uma época vazia, em que só se pode preparar o terreno. Nosso principal dever, hoje, mesmo que não se saiba o que fazer, é o de manter o espaço aberto. Um ato ético, para mim, é um gesto minoritário que tem a pretensão de rearticular o universal.

### **Por exemplo?**

**Slavoj Zizek** - Por exemplo, quando se pertence a uma ordem substancial (minha comunidade cristã, judaica, política...), a verdadeira decisão é o momento em que se deve trair sua comunidade em nome do que existe no coração desta mesma comunidade. Assim é o “não” à Constituição europeia. Essa Constituição foi um compromisso burocrático! Seguramente, eu estou consciente de toda a bagagem reacionária que existe do lado do “não”. É fácil dizer “não” à Europa em nome dum provincialismo protopopulista e nacionalista. Entretanto, um “não” à Europa em nome da própria Europa, em nome da Europa universal, isso, sim, é um ato, e eu creio mesmo que isso pode abrir um espaço. Tomemos um outro exemplo muito problemático. Com toda a minha simpatia pelos palestinos, eu creio que seria uma espécie de ato para eles, hoje, dizerem abertamente: Israel é um pseudoproblema! O verdadeiro problema

---

Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

está em nós. Dizer, pois, que esta obsessão contra Israel só serve para mascarar a catástrofe do próprio mundo árabe, a inércia desses regimes reacionários, horríveis, etc. O ato autêntico é o de mudar todo o campo, de clarear as relações, de internalizar a batalha. Há um filme americano com Brad Pitt, de que gosto muito, e que se chama Fight Club: a lição é que, para combater o inimigo, se deve começar por combater-se a si próprio. Isso muda tudo e já é a vitória.

**Para São Paulo e para Lênin, a questão é a mesma: como traduzir a revolução numa nova ordem positiva**

**O senhor passa por uma das figuras tutelares do movimento "alteromundista". Pode-se dizer que existe uma "política de Zizek"?**

**Slavoj Zizek** - Não. Ou então isso seria o que eu chamo de a "política de Bartleby", ou seja, aquela do "Eu prefiro não"... Quando todo o mundo "resiste", como

hoje em dia, talvez o primeiro passo seja o de recusar este jogo e de ver que existe certa maneira de se opor que faz parte da máquina existente. Talvez o primeiro gesto verdadeiro seja menos o de fazer alguma coisa, do que o de resistir à tentação de agir. Toda esta ação "antiglobalização" me lembra o que se pode chamar de pseudo-atividade: age-se todo o tempo, mas para que nada mude verdadeiramente. Aqui eu sou muito crítico em vista de toda a herança de maio de 1968. Eu participei então, sim, mas eu não gostei de fazê-lo. Para mim, isso foi um espetáculo. Eu detesto esta idéia da explosão libertadora... Para mim, o que interessa é o dia seguinte, o momento em que se pergunta: qual é a diferença com a ordem precedente? Para São Paulo, como para Lenine, a questão é a mesma: como traduzir a revolução numa nova ordem positiva, por formas inéditas de politização e mesmo nas coisas mais cotidianas (o matrimônio, o sexo...). Meu problema é este: o retorno à ordem.

# "Necessitamos de um novo Lutero".

Entrevista com Gianni Vattimo

Traduzimos e reproduzimos a entrevista que segue, originalmente publicada no jornal *Clarín*, em 8-4-06, realizada com o filósofo Gianni Vattimo.

A entrevista foi publicada também no sítio do IHU

([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), editoria *Notícias Diárias*, no dia 18 de abril de 2006.

Vattimo estudou Filosofia em Turim, com Luigi Pareyson, Hans Georg Gadamer e Karl Löwith. Professor na Universidade de Turim, desde 1964 (onde ainda ensina Filosofia Teórica), também desenvolveu intensa atividade na comunicação e na política. Seu aporte filosófico fundamental tem sido a releitura, à luz da hermenêutica, do niilismo nietzscheano e das críticas de Heidegger à metafísica. Encontra ali a chave de um "pensamento débil", que opõe à férrea unidade "autoritária" da metafísica uma multiplicidade democrática, tolerante, plural, que vislumbra um caminho para a "emancipação humana". Reivindica tanto seu catolicismo como sua heterodoxia com respeito à autoridade vaticana. Militou em diversos grupos políticos da esquerda italiana e em associações pelos direitos dos homossexuais. Escreveu uma vintena de ensaios, entre os quais **Além da interpretação** e **O fim da modernidade**.

O filósofo italiano, fala, nesta entrevista, de sua interpretação particular do pensamento contemporâneo o niilismo, a crítica da metafísica, a hermenêutica, a pós-modernidade - como instâncias singulares no desenvolvimento da mensagem cristã. Opina sobre as relações entre arte e política. Sobre a Encíclica de Bento XVI: "Ninguém pode ler nela uma efetiva preferência pela caridade". E critica o Vaticano: "A identificação da moral com o uso correto da sexualidade me parece mais que uma heresia, uma estupidez".

Em janeiro, Gianni Vattimo completou

setenta anos, e leva pelo menos quarenta dedicando-se - com notável êxito - à filosofia. No que diz respeito ao seu ofício, Vattimo escreveu uma obra original, significativa, que chegou a um momento de maturidade, podendo-se ainda esperar dele um escrito maiúsculo - projeta uma ontologia da atualidade -, um texto que recupere a tarefa de toda uma vida e some a ela, precisamente, a experiência e a sabedoria vividas enquanto refletia, interpretava, escrevia.

Vattimo se tornou conhecido no panorama intelectual do Ocidente pela maneira fecunda com que logrou vincular os três legados fundamentais da filosofia contemporânea - o niilismo de raiz nietzscheana, a crítica de Heidegger à metafísica e as ferramentas conceituais da hermenêutica - com o pensamento católico e cristão, para a conformação de uma espécie de novo humanismo que ele chamou de "pensamento débil", não porque padeça de alguma *fragilidade*, e sim, porque procura a "debilitação do ser".

O "pensamento débil", diz Vattimo, busca enfraquecer o ser, ou seja, deixar de atribuir-lhe "características fortes" (sob qualquer ponto de vista) para reconhecê-lo, em troca, "ligado ao tempo, à vida e à morte". Somente assim - afirma Vattimo - será possível a "emancipação humana", a "progressiva redução da violência e dos dogmatismos".

Na convicção de que existe um vínculo

entre a ontologia e a consecução da felicidade, concentra-se a obra e a vida de Vattimo. A obra encontra-se em livros como **O pensamento débil**<sup>38</sup>, **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996 e **Para Além da interpretação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, nos quais relê uma ou várias tradições filosóficas: o niilismo, a pós-modernidade entendida como "passagem das unidades fortes às multiplicidades débeis, do domínio à liberdade, do autoritarismo à democracia", - e a hermenêutica. Em outros livros, como **Acreditar em acreditar**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998, **Depois da cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004 e **O futuro da religião**<sup>39</sup> (2005), Vattimo vincula suas leituras filosóficas com o programa de "um cristianismo não-religioso", um projeto ligado com sua vida e com sua intensa atividade política e cívica.

Militou no Partido Radical, no Ulivo, com os democratas de esquerda (com os quais chegou a ser deputado no Parlamento Europeu) e o comunismo. Foi candidato a intendente num povoado de Cosenza, integrou agrupações que lutam pelos direitos dos homossexuais e é um profícuo líder de opinião. Faz habitualmente seus pronunciamentos nas páginas dos diários **La Stampa, Il Manifesto, El País, Clarín** em temas como o aborto, a eutanásia, o uso de células-tronco; em assuntos legislativos e universitários; ou, para exortar, dos púlpitos mais diversos, à recuperação da raiz neotestamentária do catolicismo.

Por ocasião de seu aniversário, um jornalista perguntava a Vattimo se, como Bobbio, ele também acreditava que os afetos valem mais que os conceitos.

<sup>38</sup> **Il pensiero debole**. Feltrinelli: Milano, 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>39</sup> O livro é de autoria de Gianni Vattimo e Richard Rorty cujo título em francês é **L'avenir de la religion - Solidarité, charité, ironie**. Paris: Bayard, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

Vattimo respondeu, então, que o seu entusiasmo vinha dos compromissos político-filosóficos (também disse que, diversamente de outros filósofos profissionais, ele não tinha "outras coisas mais importantes que fazer"). Entretanto, deixou em aberto se esses compromissos são afetos ou conceitos. Com essa questão começa a conversa telefônica que dá lugar a esta entrevista:

**A filosofia situara nesta distinção entre conceitos (racionais) e afetos (não-racionais) o núcleo da objetividade. Do seu ponto de vista, como se vinculam e como se diferenciam conceitos e afetos?**

**Vattimo** - Estava refletindo que esta é, para mim, uma distinção muito difícil de aceitar, porque, se penso no único mestre filosófico que tenho, Heidegger, ele não diferenciaria jamais conceitos de afetos. Cada conceito surge num ambiente afetivo: minha órbita afetiva, meu universo de interesses, de existência: portanto, quando faço filosofia, exercito os afetos ou os conceitos?

Ambos. Se não tivesse afetos, não me importariam, em absoluto, os conceitos (por que me ocuparia de conceitos, se não tivesse paixões na base?). Os conceitos vivem somente num ambiente afetivo, o das emoções, o das relações comigo, com os demais. Não faria distinção entre eles.

**Em alguns círculos filosóficos anglo-saxônicos estuda-se hoje o papel das emoções (a vergonha, a repugnância, a ira), e os afetos ligados a elas, nos modos de argumentar, nas fundamentações jurídicas, legais, políticas.**

**Vattimo** - Creio que não se podem distinguir tão claramente as emoções, porque assim os conceitos deveriam ser caracterizados com objetividade, porém eu não creio em absoluto na objetividade, ela me parece um sonho científico.

**Em alguns de seus recentes escritos sobre estética me pareceu encontrar**

**uma posição mais cética sobre as possibilidades de uma "arte política", do que em *O fim da modernidade*.**

**Vattimo** - Já não me recordo qual era minha posição sobre a arte e a política em *O fim da modernidade*, mas não creio ser muito cético. A arte é capaz de abrir mundos alternativos. Concordo com a teoria de Bertolt Brecht: a arte nos faz ver o que não existe em nosso mundo, o que não é conciliável com ele, e suspende nossa familiaridade com o mundo, tal como ele é. Porém, quanto à sua possibilidade de projetar um mundo diverso, aí é mais complicado. O que lemos nos romances ou o que vemos num quadro abstrato dificilmente inspiram um mundo distinto. Nem as *Mademoiselles de Avignon*, de Picasso, poderiam ser concebidas como o projeto de uma beleza feminina futura contra os nazis. Hoje há uma oposição estética ao domínio do econômico, como já houve antes e seguirá havendo: artistas que não insistem tanto em produzir obras, mas em inspirar comportamentos. Talvez um bom modo de opor-se à guerra do Iraque seria que todas as manhãs ocorresse algo na Quinta Avenida (não sei, que todos se atirassem no chão com cara de mortos). O estético impacta na experiência individual, suspende nossa pacífica pertença ao mundo tal como ele é, e pode antecipar uma posição de resistência. Entretanto, eu não pediria aos artistas que fizessem programas eleitorais. O conceito fundamental da arte é que a arte molesta. Um colega me recordava dias atrás que Kant dizia que a pior de todas as artes é a música, porque molesta os vizinhos. A arte molesta porque põe pedrinhas na engrenagem da pura vida econômica. Para decidir se uma arte é verdadeira ou não, basta ver que não corresponda demasiado com a economia. Como se vê, não se trata de uma definição eterna da arte.

**Ultimamente reapareceu o debate da necessidade da religião como fundamento da vida cívica e da vitalidade democrática ou se se trata somente de um avanço do religioso**

**sobre o laicismo. Acompanhou essa discussão?**

**Vattimo** - Bem, pelo que parece, temos necessidade de religião para a vida democrática e, até hoje, as sociedades integradas pareciam ser as que tinham uma religião comum. Mas isso não seria um mito? Vê-se o mundo medieval como um mundo no qual havia uma só Igreja (não tivera lugar a Reforma protestante...), porém nele, os seres humanos arrancavam a cabeça uns aos outros, quase como agora, de modo que não estou tão seguro de que uma espécie de homogeneidade no plano da religião ou dos valores seja melhor para a vitalidade democrática. Parece-me, antes, que fazem falta diferenças. Estou convencido de que faria bem à vitalidade democrática que todos crêssemos no preceito da caridade evangélica, mas a caridade nos faz aceitar o outro como outro, e não o reduz a mim. Os racionalistas pensam que deveríamos estar de acordo sobre algumas coisas fundamentais, por serem as verdadeiras. A verdade, porém, nós não a conhecemos: é preciso entrar de acordo sobre ela, e, para entrar em acordo, a caridade ajuda mais do que o dogma. O laicismo, a idéia de não identificar a verdade com o Estado ou com a lei do Estado, é um produto cristão: *a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*. Deus, contudo, não é alguém que está sentado em algum lugar. Ele está na consciência, nas palavras, nas Escrituras. E, desde já, Deus não é a autoridade terrena do Vaticano.

**Você reivindica um cristianismo como herança cultural (um ateu, seguramente, não a renegaria), mas, pôr-se de acordo com relação às instituições que permanecem no tempo é muito mais difícil.**

**Vattimo** - Todos temos um cristianismo herdado (já que nenhum de nós conheceu Cristo diretamente). Para mim, porém, cristianismo herdado significa cruamente que *graças a Deus sou ateu*, que não creio nos ídolos nem que Deus esteja aqui ou acolá; não sei nem sequer se creio que Deus existe como um objeto. Onde estaria?

No céu? Debaixo da terra? Em cima? Se existe, deve ser representado. E, porque precisa ser representado, representa-o o Papa. E, se o Papa representa Deus, ele se torna autoridade. É preciso deixar de lado tudo isso em nome do Evangelho.

### **Mas, o cristianismo é também uma instituição.**

**Vattimo** - Sim, é instituição. Entretanto, o ponto é este: eu nunca fui protestante, nunca acreditei que todo o fenômeno religioso consistisse nas Sagradas Escrituras, como dizia Lutero, porque a Sagrada Escritura precisou ser-me transmitida por alguém. Então, aceito as instituições da Igreja, embora não as aceite por serem como são. Agora, no Evangelho, se encontram elementos para uma crítica da Igreja. Por exemplo, o fato de que a Igreja esteja tão empenhada na identificação da moralidade com o uso correto da sexualidade me parece, mais que uma heresia, uma estupidez. O Evangelho não se ocupou nunca se alguém vai para a cama com este ou com aquele. O adultério? Ele tem a ver com instituições históricas, não é necessariamente uma ordem divina. Eu não sei se quem trai sua mulher faz mal a Deus, ele antes faz mal à sua mulher. Como cristão, devo respeitar o próximo e começar por respeitar o que está mais próximo. O adultério, em todo o caso, é uma das leis de Moisés, de modo que é assunto deles... Agora, quando o Papa prescreve aos homossexuais não terem relações estáveis (parece, inclusive, que deveriam ser promíscuos... por que não poderiam organizar sua vida?), isso é escandaloso. A prostituição nunca foi limitada pelo cristianismo, de fato, ela sempre esteve presente. Como conciliamos isso com o anterior? Estes "ensinamentos" sobre a santidade do matrimônio, etc., etc., implicam também imoralidade, infelicidade e sofrimento.

**No diálogo que manteve com Richard Rorty, publicado em O futuro da religião, Rorty diz, citando Harold Bloom, que o melhor cenário futuro seria deixar esta Igreja como é e**

**fundar outra. No livro, contudo, não aparece sua opinião a respeito.**

**Vattimo** - Rorty está obcecado com a multiplicação das seitas protestantes na América e eu, como católico, desconfio das seitas: um pouco porque a Igreja me acostumou assim e um pouco porque vejo esses gurus de religiões extravagantes que compram para si o *rolls royce* forrado de ouro... Rorty admira os mórmons, os cuáqueres: comunidades religiosas que se criaram a si mesmas. Eu creio na Igreja porque é algo que herdei; agora, se tivesse que inventá-la, para que me pergunto deveria inventá-la para mim? Não tenho necessidade de uma igreja para ser religioso. A Igreja me transmitiu o Evangelho, porém assim como é, a Igreja não me agrada. Pergunto-me, então, se ela ainda funciona como sede de transmissão do Evangelho, ou se é só um problema de poder temporal. Isso, sem embargo, eu o digo em nome dos documentos que a Igreja me transmitiu. No fundo, é sempre o problema de Lutero: ele condenava o Vaticano em nome do Evangelho e da Bíblia, não em nome de outro Evangelho ou outra Igreja. Assim sempre foi a história do cristianismo e assim deve ser. Precisamos de um novo Lutero. Porém não sou eu.

### **Seriam as comunidades atomizadas o melhor cenário futuro?**

**Vattimo** - É como com as constituições dos Estados: a nenhum de nós, ao nascer, se lhe antepõe o problema de inventar uma constituição com os demais, já se tem uma constituição e se quer modificá-la, interpretá-la, transformá-la. O enfrentamento com a Igreja é um pouco como a própria existência: somos arrojados a uma instituição da qual proviemos, que já existia antes de nós e que nos transmite coisas que podemos aceitar passivamente ou reinterpretar, assumi-las como próprias, opor-nos à degeneração que produziram.

**No Natal, consultaram-no acerca do projeto de tirar os presépios dos espaços públicos para não ferir a sensibilidade dos não-católicos. "Por**

**que privar as crianças muçulmanas do presépio?" respondeu. É uma crítica ao multiculturalismo?**

**Vattimo** - Eu multiplicaria os símbolos religiosos, posto que, filosoficamente, não creio que haja uma verdade objetiva (senão que dizemos haver encontrado a verdade quando nos pusemos de acordo), creio que existam muitas interpretações. Não sou um politeísta que guarda ídolos e estatuetas, mas estou convencido de que o belo da religião (e não só da religião, de tudo) é, certamente, que cada um seja um intérprete, que torne pessoal uma mensagem e tome para si essa responsabilidade. Isso é a alma: a que toma a responsabilidade para si. Muitíssimas coisas nos chegam herdadas culturalmente, outras, descobrimo-las na vida cotidiana, porém depois temos que ser nós mesmos. Isso é a alma: a vocação pessoal, o interesse pela vida, o modo de ver o mundo. E, se alguém perde a alma, já não tem nada. O religioso é a multiplicidade e não a unidade absoluta. A idéia da unidade sempre me pareceu muito autoritária. Agora estou revisando por que a unidade tem sido sempre tão importante na filosofia, porque, no fundo, tampouco se explicou por que a unidade é melhor. Platão sempre discutiu o problema da unidade e multiplicidade, porém nunca explicou por que o uno é melhor que a multiplicidade. Por que, o meu Deus, tem que ser o melhor uno?

**Platão supunha que era impossível conhecer a multiplicidade.**

**Vattimo** - Mas a unidade não nos serve. O *Eros* poderia ser uma boa justificativa da unidade: os amantes decidem unir-se, fundir-se. Entretanto, somente a dois? Por que não a três ou a quatro?

**Aqui Platão estaria, creio, de acordo com você. Nele - no Banquete - diz que se começa por amar um corpo, logo dois, logo muitos e logo a beleza de todos os corpos.**

**Vattimo** - Mas, essa dialética do Banquete tende sempre à unidade final.

**Pois bem, se alguém interpreta essa dialética como uma ascensão escatológica, no final, no último degrau, quem empreendeu a marcha se encontrará só, com sua alma, sua vida, as escolhas que fez. Há uma unidade, sim, mas o caminho não pôde realizar-se sem um outro; sem muitos. Não dizem o mesmo Platão e você?**

**Vattimo** - Sim, só que não estou seguro de que, no final, possamos realmente estar sós. Pense no que se passaria se não fôssemos muitos na vida eterna! Que problema! Crê, verdadeiramente, que eu estaria contente de estar só por toda a eternidade? Trataria imediatamente de buscar alguém... Buscaria, nas muralhas do Paraíso, ver se encontraria algum companheiro...

**Você menciona Eros. Gostaria de conhecer sua opinião sobre a concepção do Eros na recente Encíclica de Joseph Ratzinger.**

**Vattimo** - Pareceu-me muito lindo que a Encíclica não dissesse: *Deus veritas est*, senão *Deus caritas est*. Isto é fundamental, embora Ratzinger se traia depois um pouco e a seguir ninguém pode ler na Encíclica uma preferência efetiva pela caridade. Eu seria um pouco mais radical. Com a verdade não sabemos o que fazer. Como faria a verdade, como descrição objetiva de um estado de coisas, para salvar-nos? A verdade nos fará livres? Saber tudo - a física quântica, toda a química, todos os manuais de matemática - tudo isso nos fará livres? São exemplos banais. Mas o que é a verdade? Exatamente o que nos libera da dependência da objetividade. E, tão somente quando somos livres da dependência da objetividade, podemos realmente amar o próximo. Somente no niilismo de Nietzsche se pode amar o próximo. Eu não posso amar o próximo porque creio ou conheço metafisicamente que ele deve ser amado. Amo-o, porque, por sua vez, sou amado e posso amá-lo livremente, se não tenho as rêmoras da verdade. Há aquele velho dito que se atribui a Aristóteles, mas que, pelo que



parece, não é dele: *Amicus Plato sed magis amica veritas* (Amigo de Platão, porém mais amigo da verdade). Penso ser preciso dar volta às coisas, não se pode amar mais a verdade do que o próximo. "Amigo da verdade, porém mais amigo dos amigos".

## **Cristianismo e religião**

Há uma década, Vattimo vem se dedicando a mostrar como as melhores tradições da filosofia contemporânea derivam, ou foram antecipadas pelo cristianismo. "A verdade do cristianismo é a dissolução das metanarrações; o niilismo pós-moderno", escreveu ele.

E também:

"A hermenêutica, em seu sentido mais radical, não faz mais que desenvolver a maturação da mensagem cristã". No último dos ensaios de Vattimo, publicados em espanhol - *A idade da interpretação*, que faz parte do volume **O futuro da religião** (Paidós) - se lê: "Nossa cultura não teria sentido sem o cristianismo". Esta afirmação tem, na interpretação de Vattimo, o sentido contrário ao que dela tentam extrair alguns dos novos apologistas do ateísmo, para os quais a religião cristã tem a culpa de todos os males do mundo ao longo da história. Michel Onfray<sup>40</sup>, por exemplo, denuncia: o colonialismo, a escravidão, o nazismo, a insatisfação, a discriminação.

Talvez, porém, a afirmação que faz Vattimo seja tão ampla como o protesto desmesurado e vão de Onfray. O que significa a onipresença histórica e cultural do cristianismo? É algo mais que o fato de estarmos incluídos numa tradição de leituras: Em que consistiria, então, a fé?

---

<sup>40</sup> **Michel Onfray**: intelectual francês que já publicou mais de vinte livros. No entanto, o livro *Traité d'athéologie. Physique de la métaphysique*. Paris:Gasset, 2005, foi o que suscitou um grande debate na França e outros países. (Nota da IHU On-Line)

Para Vattimo, o cristianismo nos define, histórica e culturalmente, em ampla medida, por sua tradição literária - as Escrituras - ou, melhor, pela "mensagem" que as Escrituras contêm. A única verdade das Escrituras "que não pode ser objeto de desmitificação, que não é enunciado experimental, lógico nem metafísico, senão apelação prática, é a verdade da *caritas*: o amor". Nesta verdade, ademais, o cristianismo antecipa o final da metafísica, já que "o amor, como sentido último da revelação, carece de verdadeira *ultimidade*". A "educação cristã" ensinou à filosofia, por outra parte, a "não crer no fundamento, na causa primeira, na violência implícita em toda *ultimidade*, em todo primeiro princípio que cale qualquer nova pergunta".

Quanto à fé, no artigo "*Hos me. Heidegger e o cristianismo*", Vattimo faz algumas tentativas de definir a fé, ou, pelo menos, de decifrar uma concepção heideggeriana da fé, compatível com sua própria visão da cristandade. Trata-se de duas definições negativas, esboçadas a propósito de uma leitura do curso sobre fenomenologia da religião que Heidegger ditou em Friburgo, em 1920.

A fé, diz Vattimo, "não é fé na certeza de acontecimentos históricos acontecidos, que, com seu caráter extraordinário verificado, houvessem de fundamentar a crença no anúncio". E, um pouco mais adiante: a separação entre a fé dos primeiros cristãos e o pensamento representativo "assinala a tarefa de pensar uma fé sem "conteúdos" - talvez, portanto, sem dogmas e sem uma teologia como ciência".

## Bento XVI, um Papa da esperança?

Por Hans Küng

O jornal espanhol *El País*, 16 de abril, publicou, sob o título acima, um artigo do teólogo alemão Hans Küng. Traduzimos e reproduzimos, na íntegra, o artigo.

Agradecemos ao Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin o envio do artigo.

”Era de esperar que Joseph Ratzinger se definisse a si mesmo como um Papa da fé. Pois foi quase 20 anos Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Como guardião da fé, elaborou numerosos documentos e um catecismo enfático para regular a fé católica, e também admoestou, repreendeu, censurou e inclusive destituiu numerosos teólogos, capelães e bispos que pareciam discrepar com ele da verdadeira fé. E, ainda na véspera do conclave, pronunciou um apaixonado sermão contra a ”ditadura do relativismo”, sem mencionar sequer que muitos fiéis católicos antes temem uma ”ditadura da doutrina” em questões de fé e de moral. Porém Ratzinger, para surpresa de muitos, se apresentou em seu primeiro comparecimento e em sua primeira Encíclica como o Papa do amor. E esta declaração não resulta ser um manifesto do pessimismo cultural ou da moral sexual inimiga do corpo, senão um documento bem trabalhado, do ponto de vista teológico, sobre Eros e Ágape, Amor e Caritas, que não entra em falsas contradições. Sem embargo, muitos se perguntam: será que a primazia teológica do amor, programaticamente tão destacada, terá conseqüências na estrutura da Igreja e na regulamentação jurídica, bem como na relação amorosa com os grupos marginalizados na Igreja?

Depois de tudo, podemos albergar esperanças a esse respeito? Parece a mim que esta é a pergunta central deste pontificado: demonstrará Ratzinger ser também um Papa da esperança? Nunca ocultei que para mim foi uma ”enorme decepção” a eleição como Papa do chefe da Congregação para a Doutrina da Fé, antes chamada Inquisição; mas, era preciso dar-lhe uma oportunidade. Por isso, apesar de todas as críticas, eu me abstivera de julgá-lo de imediato e pedi ao novo Papa, como estava previsto desde fazia anos, uma entrevista pessoal.

### Uma entrevista de quatro horas

Durante 27 anos esperei em vão de seu predecessor uma resposta a minhas cartas. Por isso é compreensível que isso represente para mim o cumprimento de uma esperança de não pouca importância: no dia 15 de junho recebi uma resposta amigável de Bento XVI à minha carta de 30 de maio de 2005: estaria disposto a manter comigo uma ”conversação fraternal”. Esta teve lugar aos 24 de setembro de 2005 no palácio de verão do Papa, em Castel Gandolfo, tendo durado umas boas quatro horas. Para muitos em todo o mundo, um sinal de esperança de que, apesar dos diferentes caminhos e posturas, permaneceu o que nos une decisivamente: a comunidade de cristãos,

o serviço à mesma Igreja e o respeito mútuo em todas as controvérsias. Mas, tampouco se dissimularam as diferenças. Querendo representar os desejos compartilhados por grandes e importantes setores de nossa Igreja católica, juntei ao Papa a carta aberta dirigida aos cardeais, que publiquei antes do conclave, na qual explico minha visão do rumo futuro da Igreja e um completo programa de reformas. Porém me pareceu menos conveniente discutir em detalhe, na entrevista pessoal, as reformas internas da Igreja, sobre as quais temos, faz bastante tempo, opiniões totalmente diferentes. Nunca desejei publicamente um Papa outra vez midiático, senão um Papa capelão de orientação ecumênica. Aí se pode começar a ter esperanças: este Papa é um erudito antes tranqüilo, pensativo e que procura reflexionar, que não sai continuamente a mostrar-se ao grande público, que reduziu tanto as viagens, como as audiências curtas. Um pastor supremo antes lento, que dá pequenos passos, que necessita tempo e que tenciona, com pequenas mudanças, talvez pôr em marcha grandes transformações. Tempos curtos de debate aberto no último sínodo de bispos e o convite aos cardeais para um intercâmbio aberto de opiniões ofereceram ao menos um princípio de colegialidade. Um conservador ainda livre em algum sentido, em todo o caso não de todo e absolutamente estancado, que (como em sua disposição de conversar comigo) se permite surpreender o mundo com decisões próprias.

#### **Até onde se vai Bento XVI?**

A pergunta tem, no momento atual, um significado para a política mundial. Não só se perguntam isto os católicos e os outros cristãos, senão também pessoas de outras religiões e pessoas seculares, homens e mulheres da política, da economia e da ciência. Ao fim e ao cabo, a Igreja católica é a mais significativa "Multi" do mundo, com cerca de mil milhões de membros (ativos, passivos ou nominais), rigorosamente organizada por

dentro e um ator mundial eficiente, apesar de todas as debilidades. Por isso, a pergunta que amiúde inquieta: para onde Bento XVI dirige a Igreja católica?

Nossa conversação em Castel Gandolfo se referiu a **três âmbitos problemáticos, dos quais espero avanços indubitáveis**:

O **primeiro âmbito** é o da **relação da fé cristã com as ciências da natureza**. Sim, em geral com as ciências seculares. Para o teólogo Ratzinger, sempre foi importante a racionalidade da fé, e o Papa Ratzinger confirmou, no comunicado conjunto do nosso encontro, sua "aprovação aos esforços do professor Küng para estimular novamente o diálogo entre a fé e a ciência, e pôr em relevo a pergunta por Deus frente ao pensamento científico em sua racionalidade e necessidade". Mas, eu lhe devolvo a pergunta: esta aprovação se limita unicamente às perguntas físicas, biológicas e teológicas sobre a origem do cosmos, da vida, da humanidade (objeto de meu livro *Der Anfang aller Dinge. Naturwissenschaft und Religion (O princípio de todas as coisas. Ciência natural e religião*. A sétima edição do livro é de 2006 - nota do IHU)? Ou há possibilidade de ampliar, para um debate razoável, outras perguntas da biologia (como a investigação com embriões) e da medicina (como o controle da natalidade ou a inseminação artificial)?

O **segundo âmbito** é o do **diálogo entre as religiões**. O Papa se pronunciou várias vezes contra o "choque de civilizações". Também está convencido de que não haverá paz entre as nações sem uma paz entre as religiões, e nenhuma paz entre as religiões sem um diálogo entre as religiões. Mas, aqui também pergunto: poderá este Papa, vistas todas as carências da cristandade e as vantagens das outras religiões, conjugar seu convencimento da verdade de sua própria religião com o respeito pela verdade das outras religiões?

O **terceiro âmbito** é o de uma **ética comum à humanidade**. Bento XVI entende

que "no projeto de criar uma ética comum, não se trata, de nenhuma maneira, de uma construção abstrata e intelectual". Trata-se, antes, de iluminar os valores morais nos quais convergem, com todas as diferenças, as grandes religiões do mundo, as quais, a partir de sua racionalidade convincente, também podem assinalar a razão secular como um modelo válido. Que o Papa valere positivamente o meu esforço de tantos anos "no diálogo entre as religiões, como no encontro com a razão secular, a fim de contribuir para um novo reconhecimento dos valores morais básicos da humanidade" significa, sem dúvida, um apoio importante para o projeto de uma ética universal.

### **Igreja que desmorona**

O Papa Bento seguramente não espera que, no futuro, eu me cale em meus desejos de reforma que, com efeito, não são apenas meus. Sim, após o primeiro ano de mandato, é preciso tratá-los de maneira explícita numa forma de balanço provisional. Já na mencionada carta aberta aos cardeais na eleição do Papa, em resposta à pergunta de quê Papa necessitava a Igreja católica, não utilizei critérios a meu gosto, senão aqueles que se guiavam pelo Novo Testamento, a grande tradição católica e o Concílio Vaticano II (1962-1965). Se agora volto a recorrer a eles no primeiro balanço provisional do novo pontificado, não o faço numa situação de confronto e polarização, à qual anteriormente o pontífice polaco da Igreja e eu pessoalmente nos vimos obrigados. Faço-o numa atitude de solidariedade crítica.

**Bento XVI, um Papa da esperança?** Ainda não é de se prever. Ou tem em vista uma solução para as questões básicas? Basta, com um chamamento ao colégio cardinalício, insuflar ar fresco à Igreja em todos os seus níveis, sem ao mesmo tempo apresentar algo assim como um programa de ações? O Papa Bento pode

voltar atrás - não creio que queira isto, pode não haver progressos -. Somente celebrar o papado, em lugar de ajudar a Igreja em suas necessidades, seria de fato um passo atrás. E ele pode ir para diante, isto eu espero dele e, comigo inumeráveis pessoas fora e dentro da Igreja católica.

Bento XVI está muito consciente de que a Igreja vive tempos graves, não só, porque na maioria dos países estão diminuindo rapidamente os seminaristas, senão também a identificação das novas gerações e das mulheres com a Igreja e, sobretudo, a influência da Igreja nos assuntos públicos diminui cada vez mais. Sabe muito bem que seu predecessor não conseguiu, apesar de todos os discursos e viagens, impor suas rígidas opiniões, especialmente na moral matrimonial e na moral sexual, contra a esmagadora maioria também dos católicos e contra os parlamentos nacionais (como na Polônia). De fato, todas as encíclicas vaticanas e os catecismos, decretos e sanções disciplinares e todas as influências públicas ou secretas apenas conseguiram nada.

Enquanto seu antecessor, já no primeiro ano, viajou, além da Polônia, também ao México, à Irlanda e aos Estados Unidos, a participação na Jornada Mundial da Juventude em Colônia foi a única viagem ao exterior de Bento. Ele deveria ter clareza a respeito do fato de que a juventude reunida em Colônia, em agosto de 2005, não era representativa da "juventude", senão de movimentos conservadores da Itália e da Espanha, de parte da juventude polaca e de alguns jovens alemães, que desejam um apoio espiritual e uma autoridade confiável em tempos de orientação pobre, para não mencionar em absoluto os curiosos e "aficionados".

A dificuldade da Igreja é grande: um **profundo abismo entre o que oferece a hierarquia e o que de fato crêem e vivem os membros da Igreja**. A assistência à missa, mas também o matrimônio pela

Igreja diminuem, a confissão auricular desaparece na maioria dos países ocidentais, como também diminui a aceitação de dogmas eclesiásticos. Reduzem-se os quadros, falha o relevo. Agora, a metade de todas as paróquias católicas em todo o mundo, também em alguns países em via de desenvolvimento, já não dispõem de um pároco próprio.

Muitas pessoas, dentro e fora da Igreja católica, se perguntam: este Papa ainda se aferrará, no futuro, ao direito eclesiástico medieval, o qual se dedicou à lei do celibato e ao clericalismo, ou se regerá mais pelo pulso do Evangelho, que assinala a direção dos problemas pendentes para a liberdade, a misericórdia e o amor entre os homens? Para isso, algumas **perguntas concretas emergem que também o Papa terá que se fazer**. Perguntas críticas:

**Um co-bispo colegial?** Apresentar-se-á e ter-se-á o Papa novamente menos por único mandatário e mais por bispo diretor, ligado ao colégio dos bispos, a serviço de toda a ecumene? Reforçará novamente a colegialidade dos bispos romanos com o resto dos bispos, que se deu na Igreja desde os primeiros séculos e que se ratificou de maneira solene no Concílio Vaticano II? Se o Papa espera dos bispos obediência cega e fidelidade à linha estabelecida, estes não podem se identificar com as pessoas das dioceses.

**Um amigo das mulheres?** Na Igreja católica, inúmeras mulheres e homens têm esperanças de todo práticas, e, tão só a pronta realização de um ou outro postulado reduziria sua resignação e frustração. Porém não deixaram de ter esperanças no Papa:

- Renuncie a simples veredictos moralizantes sobre problemas complexos, como a anticoncepção, o aborto e a homossexualidade.
- Garanta e respeite o direito ao matrimônio dos sacerdotes, explícito no

Novo Testamento e na Igreja dos primeiros séculos e que reflita sobre a proibição discriminatória, proveniente só do século XI, de que se casem os sacerdotes.

- Não marginalize mais, de maneira desapiedada, da pertença à comunidade eucarística os divorciados que se casaram outra vez.

- Reconheça o direito das religiosas a organizarem sua própria vida e a escolha da roupa.

- Permita, na cambiante situação atual, a ordenação de mulheres, como isso se impõe desde o Novo Testamento.

- Corrija a desditada encíclica de Paulo VI **Humanae Vitae** sobre a pílula, que afastou inúmeras católicas de sua igreja, e que reconheça explicitamente a responsabilidade do casal no controle da natalidade e no número de filhos. Somente se impulsionar, como Papa das mulheres, a criação de uma comunidade participativa de mulheres e homens com algumas práticas concretas, poderão ser tomadas a sério as distintas capacidades, as vocações e os carismas na Igreja.

**Um mediador ecumênico?** Só se o Papa, que já leva anos vivendo no ambiente romano, se der conta, com suficiência, de que cada vez menos católicas e católicos entendem e aceitam a arrogância confessional da Igreja oficial, a qual:

- Não vê como válidos os ofícios de pastores ou pastoras protestantes ou anglicanos/as (sobretudo na eucaristia).

- Contempla o matrimônio entre pessoas de distintas confissões como uma falta e a participação ativa na eucaristia evangélica como um delito religioso.

- Quer proibir estritamente as missas ecumênicas dos domingos? Seguramente ouviu que a proibição à comunidade confessional de uma maioria de crentes,

católicos como evangélicos, já não se entende nem se aceita, porque atenta contra o espírito de Jesus, o qual, como é sabido, convidou todos à sua mesa, também os excluídos da comunidade piedosa.

O Papa Bento, durante sua visita à Alemanha, fez especialmente gestos de boa vontade para com as Igrejas evangélica e ortodoxa. Porém, não poderá decepcionar muito, se não lhe suceder nenhuma ação ecumênica real? Inumeráveis cristãos em todo o mundo abrigam a esperança de que Bento XVI, um teólogo sobressalente:

- Faça seus os resultados da comissão do diálogo ecumênico e que os leve à prática de maneira enérgica.

- Leve à prática, de uma vez por todas, o reconhecimento de sacerdotes protestantes e anglicanos, recomendado faz tempo por comissões ecumênicas e que já se tornou realidade em muitas partes.

- Derroque as "reprovações" do tempo da Reforma e a excomunhão de Martinho Lutero.

- Dê as boas-vindas e fomenta a hospitalidade eucarística, praticada desde faz tempo em muitos grupos e comunidades sem grande escândalo, com também a colaboração variada e prática.

Enquanto Roma quiser dominar a cristandade, isto será um impedimento para sua unidade. Somente se Roma quiser servir a cristandade, poderá o Papa destacar-se como mediador e inspirador ecumênico.

**Um garante para a liberdade e a franqueza na Igreja?** O Papa Bento também busca o encontro com representantes de outras religiões. Poderia considerar como um signo importante as preces pela paz em Assis, em 1986 e em 2002, iniciadas por seu antecessor. Porém,

ainda será verdade que possa haver afirmado como cardeal, em sua declaração **Dominus Jesus**, que os não-cristãos vivem "objetivamente numa difícil situação deficitária"? Ele sabe seguramente que isto repele muitas pessoas de outras religiões e que prejudicou a credibilidade do Papa. É de se esperar que não paralise as conversações críticas e autocríticas com as religiões do mundo, senão que as leve realmente adiante.

Bento XVI demonstraria ser o Papa da esperança, se exercesse sua responsabilidade para um mundo melhor e mais pacífico, como líder de uma Igreja que:

- Com todas as reclamações de verdade, não pretenda nenhum monopólio da verdade.

- Não só instrua outras religiões, senão que também queira aprender delas, de suas tradições estéticas, espirituais, litúrgicas, éticas e teológico-filosóficas, sem todas as mesclas sincréticas.

- Fomente uma autonomia razoável das Igrejas nacionais, regionais e locais, para que desta maneira possam desenvolver estilos de organização e de vida próprios, segundo sua responsabilidade.

- Tome a sério e responda também a "questões" incômodas (como o boom demográfico, a anticoncepção e a infalibilidade papal).

**Diversamente dos tempos de João XXIII e do Concílio Vaticano II, reinam em muitos países, no dia a dia da Igreja, o pessimismo e o derrotismo no que diz respeito a Roma.** Isso me enche de profunda preocupação, pois trabalhei durante toda a vida de teólogo para que as pessoas, apesar de grandes decepções, conservassem a esperança nesta Igreja. Se Bento XVI pudesse tirar a Igreja desta crise de confiança e de esperança, conduziria a "Igreja invernal" (Karl Rahner) a uma nova

primavera. Como nenhum outro, ele conhece a Cúria e o episcopado, diversamente de seu predecessor, é um bom administrador, bem como um erudito de nível. **Poderia, se quisesse, levar adiante reformas, como me dizia um de seus competidores no conclave, que um cardeal e Papa mais progressista não poderia levar adiante tão facilmente.** Muitas pessoas, dentro e fora da Igreja

católica, esperam que se resolva o estancamento das reformas aqui esboçadas e que se discutam abertamente os problemas estruturais pendentes desde faz tempo e que se encontre uma solução, quer seja pessoalmente, através do novo Papa, ou através do sínodo de bispos, ou, finalmente, através de um terceiro concílio vaticano.

# Deu nos Jornais

Diariamente a página do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), editoria *Notícias Diárias*, apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

## Wal-Mart. As razões do colosso de Bentonville

Nada de sindicato, baixos salários, integração sofisticadíssima das tecnologias da informação, containerização dos transportes. Essa é a receita do colosso de Bentonville.

Traduzimos na íntegra uma entrevista com o pesquisador Nelson Lichtenstein concedida ao jornal italiano *Il Manifesto*, 29-3-06.

Professor de história na Universidade da Califórnia, Lichtenstein é considerado o maior estudioso da rede mundial do supermercado Wal-Mart e acaba de lançar um livro que detalha como funciona a maior empresa do mundo: Wal-Mart. *The face of Twenty-First Century Capitalism* (The New Press, 2006). A íntegra da entrevista pode ser lida nas *Notícias Diárias*, do sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 18 de abril de 2006.

## Um ano do pontificado de Ratzinger. Recordes de multidões

"Bento XVI completa um ano de pontificado: as multidões têm sido recordes, mas ele manteve a discrição. Está convencido de que deve haver menos pronunciamentos e menos governo na Igreja e passou os primeiros doze meses em colocar as premissas para que a Cúria e a sua própria atividade diminuam. Para obter essa diminuição, seriam necessários tempos longos, porque não quer tomar medidas drásticas, mas, obviamente, ele não sabe de quanto tempo dispõe e, talvez, se atribui a função de apontar sinais ao invés de ser um grande reformador". A opinião é de Luigi Accattoli, vaticanista, em artigo publicado em 19-4-06, no jornal *Corriere della Sera*.

Accattoli registra que Bento XVI, no primeiro ano do seu pontificado, encontrou mais de quatro milhões de pessoas. Neste período, pronunciou 291 discursos enquanto João Paulo II pronunciara, no mesmo período, 569. Se João Paulo II participou no seu primeiro ano de pontificado de 68 celebrações com o povo, Ratzinger celebrou, menos da metade: 31.

Para ler a nota completa confira a editoria *Notícias Diárias* no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), do dia 19 de abril de 2006.

## "Com Bento XVI tudo começa com Deus e ... com Mozart", escreve vaticanista francês

"Com Bento XVI tudo começa com Deus e... Mozart", escreve Henri Tincq, jornalista especializado em assuntos do Vaticano e que escreve no jornal *Le Monde*, um artigo



comentando o primeiro ano do pontificado de Joseph Ratzinger. O artigo é do dia, 19-4-06. Henri Tincq escreve que "sabe-se que o papa bávaro, eleito há um ano, é um fã de Mozart, seu vizinho austríaco de Salzburg. Ainda hoje, quando chega a tarde, nos seus apartamentos do Vaticano, ele toca no piano as composições de Mozart". Para ler a nota completa, acesse as *Notícias Diárias* do sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), de 19-04-06.

### **Manifesto das Américas é lançado em Curitiba**

Assinado por Hugo Chávez, Leonardo Boff, D. Pedro Casaldáliga, Silvia Ribeiro, Eduardo Galeano, Roberto Requião, João Pedro Stedile, entre outros, foi lançado na manhã do dia 20 de abril de 2006, o **Manifesto das Américas - Em defesa da natureza e da diversidade biológica e cultural**.

O lançamento ocorreu durante ato com mais milhares de trabalhadores do MST e outras lideranças populares, juntamente com Hugo Chávez, presidente da Venezuela, no Teatro Guaíra, em Curitiba.

A íntegra do Manifesto pode ser lida nas "notícias diárias" no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) de 20-04-06.

### **Sepé Tiaraju é Herói da Pátria. Senado o inscreve no livro ao lado de Tiradentes e Zumbi dos Palmares**

O Senado Federal aprovou na terça-feira desta semana, dia 18 de abril, véspera do dia do índio, projeto do senador Paulo Paim (PT/RS), que inscreve o nome do guarani Sepé Tiaraju no "Livro dos Heróis da Pátria". O PLS 421/2005 segue para a Câmara dos Deputados.

Ao lado de Tiradentes, Zumbi dos Palmares, D. Pedro I, Marechal Deodoro, Duque de Caxias, Almirante Tamandaré, Plácido de Castro e Chico Mendes, o corregedor dos 7 Povos das Missões Jesuíticas, Sepé Tiaraju, deverá ser o primeiro indígena a constar no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, localizado na Praça dos Três Poderes em Brasília. A notícia completa para ser lida na editoria *Notícias Diárias* do sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 21-04-06.

# Frases da semana

## **Petróleo. Crise de preços e não de abastecimento**

”Temos uma nova crise de petróleo, sim, mas de preços não de abastecimento. E hoje podemos enfrentá-la com maior tranquilidade” - Alberto Tamer, jornalista - *Estado de S. Paulo*, 20-4-06.

## **Mercosul. Chávez e Tabaré Vasquez**

”O gigante está aqui no Sul. O Sul é um gigante para procurar o equilíbrio do universo, assim dizia Simon Bolívar” - Hugo Chávez, presidente da Venezuela - *Estado de S. Paulo*, 20-4-06.

”Assim como está, o Mercosul não serve”- Tabaré Vasquez, presidente do Uruguai - *Estado de S. Paulo*, 20-4-06.

## **Itamar**

”No final, não será candidato, mas servirá para aproximar o partido de Lula” - de um expoente do PMDB governista sobre o fator Itamar Franco - *Folha de S. Paulo*, 19-4-06.

## **Garotinho e Prodi**

”Sonho de uma noite de frio, numa conversa entre um petista e um tucano: Lula e Anthony Garotinho vão para o segundo turno. Baixa um espírito de Romano Prodi na política brasileira e o PT e o PSDB aliam-se para governar juntos” - Elio Gaspari, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 23-4-06.

## **Cerco político esgotado**

”Achamos que o cerco político contra o governo está se esgotando por si mesmo” - Tarso Genro, ministro de Relações Institucionais - *Estado de S. Paulo*, 19-4-06

## **Mantega e a responsabilidade fiscal**

”Viramos a mesa na questão fiscal. O que se esperava de um governo progressista como o nosso, um governo de centro-esquerda, era que botasse para quebrar nos gastos e isso não foi feito” - Guido Mantega, ministro da Fazenda - *Valor Econômico*, 17-4-06.

”Com o equilíbrio fiscal não se brinca. Eu sentei aqui, na cadeira do dragão, e a responsabilidade fiscal será mantida” - Guido Mantega, ministro da Fazenda - *Valor Econômico*, 17-4-06.

## **Lula**

“Lula é o homem para o Brasil neste momento”- Hugo Chávez, presidente da Venezuela - *Zero Hora*, 21-4-06.

“Muitos dos meninos e meninas que estão protestando são oriundos do PT. Vocês sabem que ex-marido, ex-mulher, ex-fumante, ex-comunista e ex-petista vão ficando cada vez mais sectários, cada vez mais radicais. Nós aprendemos a conviver com isso” – Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Zero Hora*, 21-4-06.

## **Somos 30% da população, afirma missionário**

”O Brasil está se convertendo. Hoje, há pesquisas sérias dizendo que somos cerca de 30% da população. E que, em breve, seremos a metade. Ninguém é responsável por isso, somente Jesus” - R. R. Soares, missionário, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, no Anfiteatro Pôr-do-Sol, Porto Alegre - *Zero Hora*, 22-4-06.

# **IHU em revista**

**Eventos** pg. 61  
**IHU Repórter** pg. 70

# **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas: Origem, história e impactos**

Foi instituído, no mundo inteiro, de 3 de dezembro de 2005 a 3 de dezembro de 2006, o Ano Jubilar Inaciano, para celebrar o quinto centenário de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro e os 450 anos da morte de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

Para marcar o evento, as instituições jesuítas brasileiras, lideradas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, e pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia FAJE/BH, propõem a realização do Seminário Internacional *A Globalização e os Jesuítas: Origem, história e impactos*, nos dias 25, 26, 27, e 28 de setembro de 2006, para analisar e debater a trajetória e a marca da ação jesuíta no Brasil e no mundo, precursoras do fenômeno da globalização.

Estão previstas conferências com renomados autores nacionais e internacionais para discutir temáticas nos campos da história, da teologia pública, da administração, da psicanálise e das ciências sociais. Os conferencistas se apresentam em dias alternados na PUC-Rio, na Unisinos e na FAJE/BH.

A programação do evento pode ser consultada na página do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

## **Marcio Pochmann discute o mundo do trabalho na Unisinos**

Nesta sexta-feira, 28 de abril, às vésperas do feriado de 1º de maio, Dia do Trabalho, o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) promove uma palestra com o economista e professor na Unicamp, Marcio Pochmann. A iniciativa é uma parceria do IHU e da Câmara Municipal de São Leopoldo e conta com o apoio do Programa de Tecnologias Sociais da Unisinos. O evento, gratuito, é alusivo ao Dia do Trabalho e aos 160 anos da Câmara Municipal de São Leopoldo. Agende-se para participar: é neste dia 28 de abril, às 19h30min, no Anfiteatro Padre Werner.

# Eventos

## Abrindo o Livro

A obra *Ética*. São Paulo: Loyola, 2005, dos filósofos Adela Cortina e Emílio Martínez Navarro será apresentada nesta segunda-feira, 24 de abril, pelo Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, professor e pesquisador no Centro de Ciências da Saúde da Unisinos.

O evento acontece na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, das 19h45min às 22h. A entrada é franca.

De Adela Cortina a *IHU On-Line* edição 93, de 22 de março de 2004, publicou o artigo *A herança de um filósofo*, além de duas entrevistas, uma na edição 43, de 18 de novembro de 2002, *O desafio é que a ética chegue ao poder*, e outra, feita pela própria *IHU On-Line*, no número 44, de 25 de novembro de 2002, intitulada *Ética Cívica – Ética de máximos, ética mínima*. A filósofa apresentou uma edição especial do IHU Idéias, em 20 de novembro de 2002, com o tema desenvolvido no livro *Alianza y Contrato. Política, Ética y Religión*. Madrid: Trotta, 2001. A obra foi resenhada pela *IHU On-Line* edição 27, de 22 de julho de 2002.

.

## Sala de Leitura

O Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz coordena o Sala de Leitura deste dia 26 de abril, das 17h30min às 19h, sala 1G119 do IHU. O livro em estudo é *As encruzilhadas do humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2006, de sua própria autoria. A entrada é gratuita e aberta a toda comunidade acadêmica.

Castor leciona na graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É doutor em Filosofia pela universidade de Deusto com dissertação intitulada *O poder do imaginário: a força transformadora e o poder instituinte do simbólico*, de 2000.

É autor de muitos livros, entre os quais *Os labirintos do poder: o poder (do) simbólico e os modos de subjetivação*. Porto Alegre: Escritos, 2004 e *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

## História do Brasil e Cinema

Das 8h30min às 12h30min deste sábado, 29 de abril, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam de Souza Rossini, da UFRGS, falará no evento História do Brasil e Cinema. O tema em discussão é *A produção cinematográfica e a produção historiográfica brasileira: ênfases e linguagem*. A atividade acontece na sala 1G119 do IHU.

Graduada em História e Jornalismo, Miriam é mestre em Artes Cinema pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre outras coisas, escreveu o livro *Teixeirinha e o cinema gaúcho*. Porto Alegre: Fumproarte/Autor, 1996. Das inúmeras participações que teve nas atividades ligadas ao IHU destacamos a mais recente delas, quando concedeu entrevista por e-mail à *IHU On-Line* de 6 de março de 2006, edição 170, falando sobre *Linguagem fílmica e imagens de Jesus no cinema*. A análise ocorreu no evento Jesus no Cinema, em 9 de março. Confira no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Publicações*, a entrevista de Miriam Rossini, dada à edição 170, de 6 de março de 2006.

## Grande Sertão: Veredas – 50 anos

Celebrando os 50 anos de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, marco na literatura brasileira, inicia neste dia 25 de abril o evento Grande Sertão: Veredas – 50 anos. A conferência de abertura está a cargo do Prof. Dr. Eduardo de Faria Coutinho, da UFRJ, sob o título *A importância de Guimarães Rosa para a literatura brasileira*. A atividade vai das 19h45min às 22h, no Auditório Central da Unisinos. As inscrições para o ciclo de conferências estão abertas pelo site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

Eduardo leciona na Faculdade de Letras, Departamento de Ciência e Literatura da UFRJ. É graduado em Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela UFRJ e mestre em Literatura Comparada pela Universidade da Carolina do Norte, EUA, com

a dissertação *The process of revitalization of the language and narrative structure in the fiction of J.G.Rosa and J.Cortazar*, publicada pelos Estúdios Hispanófilos, em Valência, Espanha, em 1980. Fez doutorado na Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA, com a tese *The Synthesis Novel in Latin America, with Special Reference to J.G.Rosa's GS:V*. De sua extensa produção acadêmica, destacamos a coletânea por ele organizada *Coleção "Fortuna Crítica"*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983; *Em Busca da Terceira Margem: Ensaios Sobre O Grande Sertão: Veredas*. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1993; *Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000 e *Literatura Comparada em América Latina*. Colômbia: Universidad del Valle, 2003. A entrevista que segue foi concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

## Guimarães Rosa na literatura brasileira

### Entrevista com Eduardo de Faria Coutinho

#### ***IHU On-Line* - Qual é a importância de Guimarães Rosa para a literatura brasileira?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - A importância de Guimarães Rosa para a literatura brasileira é imensa, uma vez que ele rompeu com a tradição narrativa então em voga, a do romance de protesto dos anos de 1930 e que ainda dominava o panorama intelectual da época em que surgiram suas obras (*Sagarana*, 1946 e *Corpo de Baile* e *Grande Sertão*, 1956), e buscou algo novo, um tipo de narrativa que deixava de lado as velhas dicotomias (regionalismo x universalismo, realismo x outras formas de representação do real, esteticismo x engajamento social) e tentava expressar todas essas questões ao mesmo tempo, em seus próprios conflitos e contradições. A obra de Guimarães Rosa é, ao mesmo tempo regional e universal, na medida em que apresenta um sertão que corresponde a uma região específica, o noroeste de Minas Gerais, com aspectos que lhe são peculiares, mas transcende

essa região ao dotá-la de uma dimensão existencial – é o espaço onde se realiza, por exemplo, a travessia existencial de Riobaldo, no caso do *Grande Sertão: Veredas* – e é ainda uma construção literária, porque é no relato que o protagonista desse romance faz ao seu interlocutor que este serão se constrói. Do mesmo modo, para manter o exemplo do *Grande Sertão: Veredas* o protagonista, Riobaldo, é um homem típico da região, um jagunço, mas transcende seu caráter regional pelas indagações existenciais que faz ao longo de toda a narrativa. Do mesmo modo, nas narrativas de Rosa, a racionalidade, ou a lógica racional da tradição ocidental convive com outros níveis da realidade, como o mítico, tão presente no universo do sertanejo. E finalmente, é uma obra marcada por uma proposta de caráter estético-político, de acordo com a qual para se mudarem estruturas socioculturais é preciso alterar-se estruturas do pensamento, e isso só poderá ser feito no plano da literatura por



meio de um discurso que induza o leitor constantemente à reflexão. É por causa da ruptura dessas dicotomias tradicionais que a obra de Guimarães Rosa tem sido freqüentemente considerada por críticos do exterior como pós-moderna.

### **IHU On-Line - No contexto literário latino-americano, qual é o seu impacto?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - O impacto da obra rosiana no contexto latino-americano foi e continua sendo grande. Ele é um dos autores brasileiros mais conhecidos na América Hispânica e é freqüentemente situado na chamada “geração do meio do século”, que inclui outras figuras de peso, como Rulfo<sup>41</sup>, Carpentier<sup>42</sup>, Cortázar<sup>43</sup>, García Márquez<sup>44</sup>, Vargas Llosa<sup>45</sup>, Lezama Lima<sup>46</sup>, José

---

<sup>41</sup> **Juan Rulfo** (1917-1986): escritor mexicano considerado o principal precursor do chamadorealismo mágico latino-americano. Escreveu, entre outras obras, *El llano en llamas* e *Pedro Páramo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>42</sup> **Alejo Carpentier** (1904 - 1980). Escritor cubano. De pai francês e mãe russa, Carpentier reflete essa circunstância no seu cosmopolitismo. Nos anos 1930 publica *Pasión negra* (poemas) e *Ecué Yamba-O* (romance). Após um longo silêncio, em 1948 publica *El reino de este mundo*, romance em que capta o realismo mágico do continente americano, baseando-se numa intriga referente ao primeiro imperador negro do Haiti. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> **Julio Cortázar** (1914-1984): escritor belga, radicado desde os 4 anos na Argentina. De 1951 até sua morte viveu na França. Sua obra mais conhecida é *O jogo da amarelinha* (1963). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>44</sup> **Gabriel García Márquez** (1928): escritor colombiano, autor de *Crônica de uma morte anunciada*. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>45</sup> **Jorge Mario Pedro Vargas Llosa** (1936): escritor peruano, autor de *Os chefes* (1958) e *Batismo de fogo* (1963). Foi candidato à presidente do seu País em 1990. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>46</sup> **José Lezama Lima** (1910- 1976): poeta, ensaísta e romancista cubano. Além de patriarca invisível das letras cubanas desde 1944 até 1957, fundou a revista *Verbum* e esteve a frente de *Orígenes*, a mais

importante revista cubana de literatura. Considerado um dos fundadores do neobarroco na América, emergiu internacionalmente com a publicação de *Paradiso*, em 1966. Além de uma extensa produção de ensaios e poemas, Lezama escreveu também contos singulares, que dialogam com o conjunto de sua obra. (Nota da *IHU On-Line*)

Donoso<sup>47</sup>, Onetti<sup>48</sup>, Carlos Fuentes<sup>49</sup>, etc. É também um dos autores brasileiros mais estudados nas universidades onde há cursos de literatura brasileira, e para isso a tradução do *Grande sertão: veredas* feita por Angel Crespo<sup>50</sup> colaborou muito. É uma das boas traduções da obra de Rosa. No final de 2002, eu fui convidado a fazer palestras em universidades colombianas e fiquei muito bem impressionado com o interesse que os estudantes tinham pela obra de Guimarães Rosa. Em alguns casos, eles estudaram a obra em cursos de literatura brasileira e ficaram fascinados.

### **IHU On-Line - Como se dá o processo de revitalização da linguagem e da estrutura narrativa na ficção de Guimarães Rosa?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - O processo de revitalização da linguagem e da

---

importante revista cubana de literatura. Considerado um dos fundadores do neobarroco na América, emergiu internacionalmente com a publicação de *Paradiso*, em 1966. Além de uma extensa produção de ensaios e poemas, Lezama escreveu também contos singulares, que dialogam com o conjunto de sua obra. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup> **José Donoso** (1924-1996): romancista e contista chileno, autor de, entre outros, *El obscuro pájaro de la noche* (1970). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>48</sup> **Juan Carlos Onetti** (1909-1994): romancista e contista uruguaio. Embora não tenha chegado a completar o ensino secundário, Onetti apresenta em toda sua obra uma estrutura original, inovadora, que rende a ele o Prêmio Cervantes de literatura do ano de 1980. Além do reconhecimento institucional, Onetti gozava de largo prestígio entre os escritores latino-americanos. Entretanto, Onetti foi acima de tudo o demiurgo de Santa María, cidade ficcional que perpassa muitas de suas obras – assim como alguns dos seus personagens. Entre seus livros mais conhecidos estão *A vida breve*, *O poço*, *Junta-cadáveres*, *Deixemos falar o vento*, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>49</sup> **Carlos Fuentes** (1928): escritor mexicano, autor de, entre outros, *La región más transparente* (1958). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>50</sup> **Ángel Crespo** (1926-1996): poeta, ensaísta e tradutor espanhol. (Nota da *IHU On-Line*)

estrutura narrativa é uma das chaves da obra de Guimarães Rosa. Ela tem por base a idéia da desautomatização da linguagem, de modo a que esta linguagem possa atuar sobre o leitor e levá-lo à reflexão. Os processos de revitalização utilizados por Guimarães Rosa são muitos e variados, e se estendem desde a língua *stricto sensu* até o discurso narrativo. Mas a base é uma só. Ela parte do estranhamento (a *ostranenie*, dos formalistas russos), causada pelo uso inesperado de uma forma ou por um significante alterado, e se complementa pela exploração do significado ou de possíveis significados de um vocábulo ou expressão, do “ilesos gume do vocábulo”, para empregar a expressão do próprio Rosa. O leitor estranha ao deparar-se com uma forma que não faz parte do uso corrente da linguagem, e é levado a refletir sobre o seu sentido, passando, então, a explorar suas diversas potencialidades. Com isso, Rosa instaura em suas obras um verdadeiro laboratório de reflexão, porque o leitor é instado o tempo todo a refletir sobre o que está lendo e conseqüentemente a refletir também sobre a sua própria realidade.

**IHU On-Line - Ainda sobre esses dois aspectos, o que destacaria em *Grande sertão: veredas*?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - É uma obra magistral, uma das grandes obras da literatura não só brasileira como ocidental do século XX. É um universo onde se encontra de tudo, e, sobretudo, é um mundo onde tudo é e não é. Ou melhor, é um espaço, onde todas as possibilidades se encontram presentes, e onde o leitor tem que traçar um caminho para poder penetrá-lo, atravessá-lo. Ler o *Grande sertão* é uma tarefa extraordinária, exatamente porque se cresce muito através da travessia que se realiza, e se cresce porque se é constantemente induzido a pensar. O leitor é instado a refletir sobre as suas estruturas cristalizadas de pensamento e a questioná-las, buscando algo novo. O processo de leitura é um processo de crescimento; não é à toa que o principal *leitmotiv* da narrativa expressa

uma relação entre viver e narrar. O processo de narrar é uma vivência fundamental, não só porque ao narrar estamos revivendo experiências e buscando melhor entendê-las, mas também porque, ao fazê-lo, estamos experimentando novas vivências (fatos, acontecimentos, revelações) no próprio ato da fala.

**IHU On-Line - Por que Guimarães Rosa diz que esse romance é uma “autobiografia irracional”?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - Guimarães Rosa é muito crítico à lógica cartesiana, à “megera”, como ele se refere em alguns momentos, porque a lógica aprisiona o pensamento. Daí ele dizer, por exemplo, na entrevista concedida ao estudioso alemão Günter Lorenz<sup>51</sup>, uma das poucas que ele deu em vida e que eu tive a feliz possibilidade de republicar em meu livro da *Coleção “Fortuna Crítica”*, que “a lógica é a força com a qual o homem algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça. Pense nisto: o amor é sempre ilógico, mas cada crime é cometido segundo as leis da lógica.” No entanto, apesar dessa sua crítica à lógica racionalista, Guimarães Rosa não a nega completamente, mergulhando numa espécie de irracionalismo. Aquilo a que ele reage é à tirania da lógica, não à lógica em si. A lógica, para Rosa, é uma dentre muitas possibilidades de apreensão do real; não é a única. E o problema é que ela é vista por muitos, pelo indivíduo comum, como sendo a única. Daí sua reação. Em *Grande Sertão: Veredas*, a lógica racionalista convive o tempo todo com outros estratos da realidade, como o mítico por exemplo, e é nisso que reside a grandeza do livro. A lógica não está excluída de sua obra; ela está apenas relativizada.

<sup>51</sup> Trata-se de entrevista concedida por Guimarães Rosa ao estudioso alemão Günther Lorenz em 1965. Para maiores detalhes, conferir *Literatura deve ser vida: Diálogo de Günter W. Lorenz com João Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Suplemento Literário, Belo Horizonte, n. 395, 23 mar. 1974, p. 8 a 13.

**IHU On-Line - Como podemos entender a caracterização de *Grande Sertão: Veredas* como “sertão construído na linguagem”?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - O *Grande Sertão: Veredas* apresenta um sertão construído na linguagem porque é no fluxo narrativo de Riobaldo que o sertão se constrói, ou seja, é no relato que o protagonista, agora um velho fazendeiro, faz ao seu interlocutor, um cidadão urbano culto que veio conhecer o sertão, que Riobaldo o leva a esse conhecimento. E esse conhecimento se dá com base em sua vivência como homem do sertão. Riobaldo viveu uma série de experiências que não pôde entender completamente na ocasião em que estas se deram e ele agora busca entendê-las, revivendo-as pelo relato. O relato se faz como tentativa de entendimento, e como o que o personagem tem são indagações, será preciso construir também uma linguagem de indagações, que pergunte mais do que afirme, que levante questões. Ora, como a linguagem corrente não se presta a esse processo de indagação, ele irá buscar uma nova linguagem, também de dúvida, de indagação, de modo a poder construir seu relato. Daí o isomorfismo que se verifica entre a sua linguagem e sua busca existencial. Riobaldo busca uma nova linguagem para empreender sua busca existencial e inscreve toda a narrativa sob o signo da busca. Não é à toa que a obra se abre e fecha com a mesma pergunta sobre a existência do diabo. E termina reinstaurando a dúvida inicial, a ambigüidade.

**IHU On-Line - De que modo a identidade regional é solidificada na obra? O que ela nos pode ensinar em tempos de globalização e de esmaecimento das diferenças e fronteiras?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - A identidade regional está presente na obra em diversos aspectos: por meio, por exemplo, do tipo jagunço, do sertão geográfico que aparece representado e de

uma linguagem que também emprega grande quantidade de recursos que são próprios daquela região, o noroeste mineiro. No entanto, não se trata de uma obra regionalista no sentido tradicional do termo. O protagonista de *Grande Sertão: Veredas* transcende, como afirmamos acima, a sua tipicidade pela própria dimensão humana de que é dotado. Ele é um jagunço que empreende toda uma travessia existencial ao longo da narrativa, que o leva a transcender o tipo jagunço presente na tradição regionalista da narrativa brasileira, construído com meia dúzia de clichês que revelam um estereótipo. Além disso, ele questiona frequentemente a sua própria condição de ser jagunço, o que o situa numa dimensão muito mais ampla. O sertão, por sua vez, não é a mera reprodução do sertão geográfico. Este aspecto está, sem dúvida, presente, mas ele é muito mais do que isso: é o espaço onde se realiza a travessia existencial do protagonista. Daí as oscilações com que é tratado e que podemos exemplificar com o episódio da travessia do Liso do Sussuarão, que da primeira vez é mostrado como um lugar inóspito, nefasto, quase impenetrável, e da segunda é visto quase como um local paradisíaco. Finalmente, no que diz respeito à linguagem, podemos dizer que, embora a linguagem de Rosa apresente vários aspectos que são próprios daquela região, ela constitui uma criação literária, que no todo não corresponde a nenhum dialeto falado no Brasil. É uma construção estética, composta de recursos oriundos dos mais diferentes locais, e inclusive marcada por empréstimos de outros idiomas, até mesmo clássicos, como o grego e o latim, e por um grande número de neologismos cunhados pelo próprio Rosa no momento mesmo da expressão. No que tange à questão da globalização, bastaria lembrar a importância da presença constante da região em todos os seus aspectos, que é uma das grandes contradições que se registram hoje na era da globalização: nunca se falou tanto de elementos locais e regionais como nesse momento, seja como forma de resistência

ou não aos avanços dessa suposta diluição de fronteiras.

**IHU On-Line - Passados 50 anos, acredita que a obra ainda expressa a realidade dos sertanejos brasileiros?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - Com certeza, a obra ainda expressa a realidade dos sertanejos brasileiros, não só pela presença forte da região e dos tipos que a habitam, com sua cultura – a questão do mundo dos jagunços – como pela própria trama (a luta para salvar o mundo dos jagunços da interferência da modernidade). Mas o mais importante é que o livro expressa as tensões próprias de um momento histórico fundamental da vida brasileira, as investidas do processo de modernização nos locais mais afastados dos grandes centros urbanos.

**IHU On-Line - O senhor pensa que as exposições interativas sobre *Grande Sertão: Veredas* podem fazer os jovens**

**do século XXI redescobrirem essa obra e as problemáticas por ela suscitadas?**

**Eduardo de Faria Coutinho** - Eu não tenho dúvida disso. Ao contrário do que se poderia supor, o *Grande Sertão: Veredas* é cada vez mais lido pelos jovens, principalmente nas universidades e nas escolas, e o interesse deles é espantoso. Não é à toa que as edições das obras de Rosa cada vez são mais freqüentes. E, o que é interessante, esse interesse não se limita ao Brasil. No exterior, cada vez há mais traduções de obras de Guimarães Rosa e críticas extremamente favoráveis. Os professores de literatura brasileira no exterior sempre incluem as obras de Rosa em seus cursos, apesar da suposta dificuldade que essas obras acarretam para o leitor. No Brasil, tenho adotado textos de Rosa em cursos e o interesse dos alunos é cada vez maior. Como eu disse, é uma obra que induz constantemente o leitor à reflexão, e esse é um dos principais segredos, a meu ver, de seu sucesso e sua penetração no público.

## A homossexualidade e o cinema

Entrevista com Cláudia Pina Cramer

A homossexualidade e o cinema. Esse é o tema do IHU Idéias deste 27 de abril, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A palestrante é a publicitária recém-formada pela Unisinos, Cláudia Pina Cramer, autora de monografia aprovada com distinção no curso de Publicidade e Propaganda, em 2005/1.

Confira a entrevista a seguir, concedida pela publicitária nos últimos dias por e-mail à *IHU On-Line*.

### ***IHU On-Line* - Quais foram as conclusões a que chegou com seu Trabalho de Conclusão de Curso?**

**Cláudia Cramer** - O trabalho trata-se de uma análise profunda sobre a homossexualidade feminina no cinema, com base em dois filmes *Beijando Jessica Stein* e *Assunto de Meninas*, os quais me levaram à conclusão de que por mais que o cinema já esteja tratando a homossexualidade mais abertamente, ele procura sempre abordá-la com uma visão de que não se trata de uma orientação afetivo-sexual, e sim apenas de uma fase na vida das pessoas onde elas se sentem necessitadas de "experimentar" algo diferente.

### ***IHU On-Line* - Como o cinema brasileiro retrata a homossexualidade?**

**Cláudia Cramer** - Antigamente, entre os anos 1950 e 1970, o cinema brasileiro abordava muito a pornografia e dentre os filmes dessa fase, estavam incluídos inúmeros títulos que tratavam a homossexualidade, tanto masculina como feminina, de forma vulgar. Atualmente, o cinema brasileiro aborda a homossexualidade de forma sutil,

como pode se ver em *A Partilha*, em que a personagem de Paloma Duarte vive uma homossexual. Além desse exemplo, acredito que os personagens homossexuais no cinema brasileiro são abordados também de maneira caricata, com o papel de descontrar antes de ser um personagem que tenha o intuito de "levantar a bandeira" da homossexualidade.

### ***IHU On-Line* - E quanto ao cinema internacional? Quais são as obras que se tornaram referência no assunto?**

**Cláudia Cramer** - O cinema internacional aborda a homossexualidade em inúmeros filmes e de diferentes maneiras. Em *Beleza Americana*<sup>52</sup>, o pai imagina que o filho é homossexual e o espanca por achar que o rapaz estava fazendo sexo oral com seu vizinho e quem, na verdade, tinha desejos homossexuais era o próprio pai.

---

<sup>52</sup> **Beleza americana:** filme de 1999, dirigido por Sam Mendes, cujo título original é *American Beauty*. (Nota da *IHU On-Line*)

Em *Assunto de Meninas* (filme abordado em minha monografia), as personagens moram em um internato e vivem um romance secreto que, ao ser descoberto, as separa, e uma delas vai à procura de um namorado, causando loucura na outra, tratando, assim, de uma abordagem da homossexualidade como uma fase da vida. Já em *Todas as Cores do Amor*, o filme, além de abordar o amor homossexual, dando a impressão de que a homossexualidade é a coisa mais comum do mundo e que todos merecem ser felizes, trata de todas as formas de amar. Enfim, o cinema internacional nos mostra a homossexualidade de todos os ângulos, sejam eles positivos ou negativos.

***IHU On-Line* - Há uma mudança de enfoque do homossexual ao longo da história do cinema?**

**Cláudia Cramer** - Com certeza. A homossexualidade, desde a Inquisição Católica, era vista como algo totalmente errado e abominável. E essa visão foi mantida até a revolução sexual. Nesse período, o cinema não abordava de forma alguma a homossexualidade, até porque, nessa época também os filmes eram basicamente o cotidiano das pessoas, notícias e informações de guerra. Na década de 1960 (período marcado pela revolução sexual, a liberdade de expressão e de opinião), a homossexualidade iniciou um processo de busca de uma visibilidade mundial de forma significativa, dando início a um processo social de aceitação da prática e da existência do amor entre pessoas do mesmo sexo, fazendo o cinema, por tratar-se de uma ferramenta de comunicação, acompanhar esse movimento até hoje.

***IHU On-Line* - Atualmente, ainda existem estereótipos ligados ao homossexualismo nas telas?**

**Cláudia Cramer** - Em alguns casos sim. Na sua maioria, o homossexual masculino não é mais aquele personagem afeminado, nem a homossexual feminina uma personagem que deseja ser homem.

***IHU On-Lin* - No caso de *Brokeback Mountain*, quais são as inovações que o filme propõe na abordagem da temática?**

**Cláudia Cramer** - Não vejo o filme com aspectos de inovação. A única diferença na abordagem foi de ser tratado um amor homossexual em uma cultura que não permite esse tipo de comportamento. Os *cowboys* são vistos como “machões”, eles nascem numa cultura em que se deve procriar, cuidar da família, ser homem para cuidar de animais. No filme *Brokeback Mountain*, os próprios personagens não aceitam o seu comportamento e lutam contra esse amor, eles mesmos têm um preconceito com relação ao sentimento por qual estão sofrendo. Entretanto, esse sentimento de dúvida e dificuldade de aceitação é abordado em quase todos os filmes do gênero.

***IHU On-Line* - Gostaria de acrescentar algum aspecto não- questionado?**

**Cláudia Cramer** - Gostaria apenas de concluir que existem inúmeras formas de se abordar a homossexualidade no cinema. Ela pode vir da forma mais sutil, como um olhar diferente entre pessoas do mesmo sexo, bem como pode ser vista de maneira mais clara, em que fica muito específico que os personagens têm atração pelo mesmo sexo e não pelo sexo oposto.

## Sílvio César Cazella



Um apaixonado por Biologia que entrou para a academia pela via inversa. O amor pela natureza foi herança da avó que o ensinou a cuidar qualquer forma de vida, animal ou vegetal, por mais simples que pudesse parecer. O curso dos sonhos de criança foi adiado, mas não descartado. Ainda é um projeto a ser pensado. A vida tomou outros rumos, oportunidades foram surgindo e nasceu uma segunda paixão, todavia, não menos importante. A tecnologia o seduziu e hoje é mestre e doutorando em Ciência da Computação. Estuda áreas como sistemas de recomendação, *webmining* e sistemas multiagentes (sub-área da Inteligência Artificial), além de trabalhar como analista e projetista de sistemas de informação estruturados e orientados a objetos. A essas atividades se somam duas outras: aulas ministradas e a coordenação do curso de Ciências da Computação da Unisinos. A racionalidade exigida para desempenhar tais tarefas não se sobrepôs à sua sensibilidade. O que gosta de ganhar de presente? Flores, sempre.

**Origens** – Nasci e vivo em Porto Alegre. Sou descendente de italianos, meus bisavós vieram da região de Vicenza e se situaram em Santa Maria. Isso em 1890. Curioso que parte da Universidade Federal de lá foi construída num terreno que foi deles. Minha mãe, Siglia Maria Cazella, era professora e hoje está aposentada, e meu pai, Sergio Cazella, é militar da reserva. Meu irmão, oito anos mais velho do que eu, também é um profissional da área de tecnologia e foi um dos responsáveis por despertar meu interesse.

**Trajatória profissional** – Costumo dizer que sou um biólogo frustrado. Este era meu curso dos sonhos desde criança, porém, acabei me apaixonando por tecnologia e resolvi me dedicar à área, o que não impede que futuramente eu decida ainda fazê-lo. No final da década de 1980, tive o meu primeiro contato com computadores, ainda como curioso, e resolvi fazer a graduação em Informática. Percebi que esta profissão me abriria oportunidades de trabalho fora do País, e era isso que eu queria, à época. Este foi um dos motivos pelos quais fiz o mestrado e estou fazendo o doutorado em Ciências da Computação. Era uma área que estava criando asas, vi que, naquelas máquinas simples, tínhamos grandes possibilidades futuras. Quis saber como aplicar, como utilizar e como obter ganhos com tecnologia. Tive a oportunidade de estudar e fazer estágios e intercâmbio como profissional no exterior, em países, como Dinamarca, EUA e Canadá. Durante o período que estive fora, vi que não temos nada a dever em tecnologia. Lógico, eles têm mais recursos, todavia, podemos falar a mesma língua, e

isso desperta a vontade nos jovens de querer encontrar essas portas abertas e poder fazer essas descobertas. A universidade surgiu na minha vida como uma oportunidade impar. Considero um talento um professor conseguir dar aula e ser um bom educador. Dar aula, educar e ver que o aluno aprendeu e saiu para o mercado, fazendo um trabalho de qualidade é muito compensador.

**Influências** – Aprendi a gostar de tecnologia um pouco pela competência do meu irmão neste campo. Ele também tem suas frustrações, queria fazer Física e ainda quer concluir o curso. Hoje entendo que a computação é integradora e desafiadora, ela pode agregar várias outras áreas. No início, tinha-se a idéia que se poderia controlar tudo através de um CPD. Hoje tivemos que sair da sala, atender os outros, falar outras línguas e negociar com outros setores. Atualmente, vejo como uma área muito interdisciplinar.

**Dica** – O estudante tem a possibilidade de se tornar, aqui na Universidade, um profissional altamente qualificado em tecnologia. É importante, porém, que esse profissional cresça sendo humilde, deve ter a consciência de que por mais que ele aprenda ainda será pouco. É uma profissão em constante movimento e para se dar bem é imprescindível ser curioso e aceitar desafios e essas mudanças bruscas de empresa e de mercado.

**Lembranças de infância** – Minha avó era muito ligada à natureza e a qualquer forma de vida, seja animal ou vegetal. Aprendi muito com ela sobre a importância do verde, da preservação e do cuidado com o meio ambiente, por isso me defino como um biólogo frustrado. A menor forma de vida era importante para ela. Essa é uma lembrança muito marcante e que procuro preservar.

**Meta** – Diria que, como professor, quero continuar sempre aprendendo e ter condições e oportunidade de estar sempre ensinando. É uma troca constante, quero continuar conseguindo que meus alunos estejam sempre aprendendo e também me ensinando, quero conseguir sempre manter essa dinâmica Não quero jamais imaginar que sou o detentor do conhecimento e não dividir mais. Quando isso acontece, deixa-se de ser educador. É preciso ter o discernimento de saber quando temos que aprender e quando podemos ensinar. Quero conseguir manter esse equilíbrio.

**Autor** – Lya Luft. Tenho gostado muito da obra dela, principalmente por falar em modificações e mudanças.

**Livro** – *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, acho que esse livro não poderia deixar de ser lido por nenhum brasileiro. Também indico *A Montanha Mágica*, Thomas Mann.

**Presente** – Plantas. Quando recebo, sei que é um presente que vai durar por muito tempo, porque cuido bastante.

**Unisinos** – A Unisinos tem, no meu entender, um grande zelo pela educação, pela qualidade. Vejo que a Universidade foi pressionada por modificações socioeconômicas bem claras que fê-la precisar e atualizar-se para não desaparecer. Não existem mudanças sem sacrifício e sem dor. As modificações são difíceis, mas necessárias. É uma instituição que está num mercado que sofre grandes modificações. O governo criou possibilidades para que surgissem várias outras instituições de ensino superior



que estão ainda engatinhando e tentando ganhar espaço, e isso gerou um mercado de extrema disputa.

**Instituto Humanitas Unisinos** – Conheço muito pouco sobre o Instituto, mas acho que ele foi uma grande criação na Universidade. Acredito que já faça parte dessas modificações de que falei.

## **Errata**

Na edição 176 da *IHU On-Line*, de 17 de abril de 2006, grafamos incorretamente o título do Prof. Dr. João Batista C. Sieczkowski, docente na área de Ciências Humanas da Unisinos. Ele é doutor, ao invés de mestre, como havíamos escrito naquele número.